

E: Tem problemas de saúde devido ao seu trabalho?

G1: Tenho psicológicos. Stress. Já fui agredido três vezes aqui por reclusos. E stress, isto cansa. Psicologicamente isto cansa.

E: Sente aquela energia todos os dias?

G1: Já senti mais. Agora com a idade a gente também vai... Já trabalho há 25 anos.

E: Que opinião tem acerca dos turnos nocturnos?

G1: Agora eu não estou a fazer turnos, mas antes fazia, das oito da manhã até à uma da manhã, depois ia dormir até às sete, depois das sete até às oito e meia. Depois havia outro turno que era das oito da manhã às dez da noite, e depois ia dormir até à uma da manhã, depois estava acordado até às três, e das três ia dormir até as sete. Depois tive outro turno que era das oito da manhã às dez da noite, depois ia dormir até as seis da manhã, e depois das seis da manhã estava de turno até às oito...

E: E como é que se sentia fisicamente?

G1: Quer dizer, a gente chega ao fim das 24h e está muito cansado. Mas depois chegava a casa deitava-me na cama e não conseguia dormir. Só dormia à noite.

E: E sente capacidade para desempenhar todas as tarefas aqui, neste momento?

G1: Sinto.

E: Considera que existe uma adequada divisão de tarefas?

G1: É assim, eu penso que está tudo equiparado. Talvez uns estejam mais sobrecarregados do que outros, derivado aos sítios de onde estão a desempenhar funções.

E: Considera que existem decisões arbitrárias ou ambíguas por parte de directores de chefes, ou são facilmente compreensíveis?

G1: Nem sempre. As decisões que ele toma em função da distribuição de trabalho, nem sempre agradam a toda a gente. Se calhar uns queriam ir para um serviço e não os metem lá e vão outros. Há um bocadinho de atrito entre os colegas.

E: Sente que pode manifestar a sua opinião livremente?

G1: Mas a opinião em relação a quê?

E: Sente que pode dizer o que pensa, relativamente a aspectos relacionados com o trabalho...

G1: Não, quer dizer... Não posso dizer tudo o que eu quero e me apetece, não é? Tenho que também ter um bocadinho de contenção. É normal, não posso dizer tudo. Mas até ver consigo. O meu descontentamento em relação a certas coisas, ao chefe... Tenho essa abertura e esse à vontade.

E: Qual considera ser a principal função do estabelecimento?

G1: A principal função é cumprir as medidas privativas de liberdade. Manter os reclusos sobre vigilância, tentando que as coisas corram bem. Encaminhá-los para as oficinas ou para os cursos, para a escola, que é os serviços onde eu estou. E basicamente é mais ou menos isso, mater a vigilância sobre eles.

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G1: É assim, eu já trabalhei em outras cadeias, com reclusos de maior idade, e é totalmente diferente, destes reclusos daqui. Estes reclusos daqui são mais novos, são mais impulsivos, mais “respostões”, se é assim que se pode dizer, são mais agressivos. Esta faixa etária daqui também é importante. Mas pronto... A coisa de eu também já ter sido agredido três vezes, não é isso que me vai desmotivar. Afectou-me psicologicamente...

E: Já foi há algum tempo?

G1: A última foi em Agosto, creio eu. A outra foi em 2008, e a outra tinha sido em 2006/2007.

E: Acha que este tempo de reclusão influencia de forma positiva os reclusos ou não?

G1: Não. A minha opinião, é que estes aqui deste estabelecimento... A ideia deles é irem lá para fora fazerem o mesmo. A ideia que eu tenho deles, pelas conversas que oiço deles, não vejo grande motivação em saírem daqui e arranjam um trabalho...

E: Então não acredita na reabilitação destes indivíduos?

G1: Não é não acreditar. Acreditar, acredito, é preciso é que haja vontade da parte deles. E também com ajudas porque o indivíduo que esteja aqui preso, também vai lá para fora e não é fácil. Há sempre a rejeição de pessoas que sabem que o indivíduo esteve preso. A minha opinião, é que estes aqui deste estabelecimento... A ideia deles é irem lá para fora fazerem o mesmo. A ideia que eu tenho deles, pelas conversas que oiço deles, não vejo grande motivação em saírem daqui e arranjam um trabalho...

E: Consegue reconhecer facilmente as suas emoções, isto é, quando está irritado consegue identificar um motivo?

G1: Às vezes. Às vezes fico bloqueado, bloqueado, quer dizer, passado. Tenho aquelas explosões e às vezes acabo por não medir as consequências. Mais tarde, talvez, reconheça que não devia ter agido assim, devia ter agido de outra maneira. Mas na altura...

E: E sempre foi assim?

G1: Sim sempre. Mas mais depois de ter vindo para os serviços, pronto... Há mais agitação, stress...

E: Considera que o ordenado que recebe é suficiente para satisfazer as suas necessidades?

G1: Sim, consigo equilibrar as contas ao fim do mês...

E: E tem tempo para actividades extra trabalho, de lazer?

G1: Já tenho menos paciência. Eu gosto de fazer bricolage e já quero fazer as coisas muito de repente. Acabo por fazer um pouco de asneira. Porque há uns anos atrás eu fazia as bricolages e no fim gostava daquilo mas agora já me começa a ser mais... Como é que hei-de dizer? Mais confuso talvez. As ideias. Não tenho tantas ideias para as coisas. Mas vou fazendo. Gosto muito de pesca, de jogar às cartas...

E: E considera que tem tempo para estar com a sua família?

G1: Tenho. Os fins-de-semana são passados com eles. Durante a semana, gosto de ir ao café depois de jantar, até às 23h e pronto... Durante a semana estou pouco tempo com a família, mas ao fim de semana, dedico-o à família. Fins-de-semana e feriados, claro.

E: Acha que leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G1: Muitas vezes levo. Mesmo que não queira, levo.

E: E de que forma é que acha que isso interfere com a sua vida familiar?

G1: Às vezes vou stressado daqui, devido a problemas que tenham surgido. Às vezes não me podem dizer nada que eu expludo, e não reconheço que são coisas que eu levei daqui, para lá...

E: E a família compreende?

G1: Muitas vezes não compreende. Porque também da outra parte também têm os problemas deles, e entramos em choque, mas depois aquilo passa. Também temos que saber gerir isso.

E: Recorreria aos serviços de psicologia se existissem aqui no estabelecimento para os guardas?

G1: Recorreria. Porque acho que nós precisávamos de um apoio também dessa parte, precisávamos de ajuda. Era muito, muito importante. Talvez não existissem tantos desentendimentos, tantos conflitos. Acho que era muito importante.

E: Entre colegas de trabalho ou entre reclusos?

G1: Entre tudo. Porque, por vezes, os colegas de trabalho não têm as mesmas ideias. Eu próprio tenho momentos de depressão, andamos aqui a sofrer 24h.

E: Muito obrigado pela sua colaboração.

G1: Já está?

E: É só isto, viu como foi rápido?

E: Sente que tem algum problema de saúde devido à sua profissão?

G2: Sinto-me um bocado em baixo... já não tenho aquela actividade, aquele coiso de querer agarrar nas coisas e dar a volta. Agora já... vejo que a idade já pesa. Derivado à vida pessoal também... feze-me ir abaixo. Sinto-me mais saturado.

E: E sente-se com energia, quando acorda, para vir trabalhar?

G2: Às vezes, nem todos os dias. Às vezes custa-me mais levantar, mas depois de levantar, pronto.

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G2: Faço.

E: E como é que lida com isso?

G2: Tudo bem. No dia a seguir... de manhã tudo bem, depois do fim de almoço é que me dá o sono.

E: Considera que existe uma adequada divisão de tarefas ou que há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G2: Depende dos dias, há dias em que somos mais sobrecarregados, outros em que somos menos sobrecarregados, depende das consultas, depende dos tribunais, depende disso tudo.

E: Considera que há decisões um pouco arbitrárias ou vagas por parte dos seus superiores hierárquicos, ou que há uma certa coerência entre eles?

G2: Depende. Quando nós estamos em baixo, eles unem-se para nos deitarem abaixo, andam atrás de nós. Quando andam bem, anda tudo bem. Eu acho que os directores, às vezes, deviam pensar pela cabeça deles, porque são dominados por um grupo que consegue fazer o que quer. E a maneira de raciocinar deles, é diferente do que quando percebem a realidade. Eles acabam por ver que, às vezes, erraram com certos funcionários porque foram levados. Isto é formado por grupos. Eu pertença aquele grupo que tem um fulano tal que vai dizer ao director, o outro grupo tem outro fulano tal que vai dizer ao director, e então é assim que isto funciona. E depois há colegas que só se sentem bem na chefia, porque se sentem apoiados. Mesmo que não saibam nada, vão sempre dizer qualquer coisa. Têm que arranjar qualquer coisa para se sentirem bem dentro da sociedade. Se não tiverem o apoio da chefia já não se sentem nada, sentem-se uns zeros que andam para aí.

E: E sente que pode manifestar livremente a sua opinião?

G2: Posso, mas muitas vezes nem sequer pensam nisso, nem querem saber. Depois, com o tempo, é que vão lá outra vez. Com o passar do tempo é que reconhecem que se calhar tinham razão. Mas depois, um gajo também é perseguido durante esse tempo todo... até chegarem à conclusão... um gajo anda a ser pressionado. Tem consequências. E então eu tenho sido um mártir nisso, porque não sou capaz de me calar quando vejo certas coisas.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G2: A minha opinião é, o tratamento dos reclusos, guardá-los e levá-los aos tribunais, levá-los ao hospital quando for necessário, terem o tratamento médico que é necessário... para depois os psicólogos, os médicos, poderem levá-los para uma via melhor.

E: O que acha que deveria ser alterado na instituição para que esta funcionasse de uma melhor forma?

G2: Excesso de subchefes. Estraga o ambiente, mesmo o próprio ambiente deles.

E: Considera que o seu ordenado é suficiente para satisfazer as suas necessidades diárias e está de acordo com as funções que desempenha?

G2: Depende das alturas porque que, às vezes, faço trabalhos que não me pertencem. Eu faço trabalho de subchefe, às vezes e não tenho esse vencimento, nem tenho correspondência. Em termos de problemas... quando há problemas, que sou um dos que estou lá sempre... e os próprios colegas e subchefes, quando eu digo alguma coisa, ou dou uma opinião sobre as abordagens de problemas, toda a gente concorda comigo. Geralmente fico sempre à frente. Devia ser um chefe ou subchefe a desempenhar esses lugares, mas acabo por ser eu sempre a fazer. Depois tenho que informar ao director quando vem, ou quando chega para a abordagem, o que é que já fiz, o que é que não fiz, o que é que se deve fazer, e o que é que não se deve fazer.

E: Reconhece facilmente as suas emoções? Por exemplo, quando está a ficar mais chateado consegue reconhecer isso antecipadamente?

G2: A minha conduta está a começar a ser fechada, e acho que esta conduta é a melhor. Quando eu digo as coisas, há sempre alguém (quando acha que é boa), encarregue de levar aos chefes essas opiniões. Quando eu vou a dar por ela *“opa estive a falar com fulano sobre isto e afinal, a informação já foi lá dada”*.

E: Mas a nível emocional... Sente que consegue fazer o reconhecimento da suas emoções?

G2: Consigo. Para me chatear tenho que ter um motivo, tenho que identificar e saber porque é que estou chateado. Eu não fico chateado por nada, tenho que ter um motivo. E é assim, quando tenho

razão, tenho mesmo que ter razão, nem que morra o pai e a mãe, nem que eu morra... mas a minha virtude e a minha postura tem que estar ali, tem que ficar bem vincada, venha quem vier.

E: Que opinião é que tem acerca da generalidade dos reclusos?

G2: Depende. São um pouco rebeldes, temos que nos familiarizar um pouco com eles, e partir daí, tentar levá-lo para os objectivos que pretendemos. Se entrarmos com força, não vamos a lado nenhum, e vamos entrar em conflito de parte a parte. Depois, perde-se a educação, perde-se o tabu, de cada um estar no seu lugar. E eu... é assim, quando o recluso é rebelde, eu faço o inverso. Vou ao contrário até conseguir falar com ele, e depois tenho oportunidade de lhe dizer o que eu penso sobre o que ele tem feito *“tens andando a errar nisto, naquilo...”*, e ele depois, começa-se a aperceber, e ele próprio começa a caminhar. Não se pode entrar em conflito directo.

E: E considera que este tempo de reclusão tem um impacto positivo no comportamento deles?

G2: Tem um pouco. Quando eles estão inseridos e vão por um caminho melhor, as oportunidades começam a chegar. Eles chegam à conclusão que andaram errados, mesmo alguns chegam a dizer *“andei ali dois anos ou três com problemas e agora num ano e meio ou dois, já consegui ter tudo e antes andava sempre de castigo”*. Eles próprios chegam-se a aperceber disso.

E: E considera que há uma verdadeira reabilitação?

G2: Não porque vêm de famílias com problemas... pais alcoólicos, mães divorciadas, com filhos já de três pais... os irmãos é uma mistura de pais, já não são todos dos mesmos pais e isso depois cria também essa vertente.

E: Tem oportunidade para realizar actividades extra-trabalho, actividades de lazer?

G2: Não, não consigo fazer aquilo que eu pretendia. Não tenho dinheiro, não posso viver com aquilo que não tenho. Se tivesse dinheiro comprava uma bicicleta, levava os meus sobrinhos ao sábado, ou ao domingo a dar uma voltinha e, no fim de duas horas ou três, vinha levá-los a casa. Sentia-me realizado, sentia que tinha feito alguma coisa por eles e que tinha feito alguma coisa por mim.

E: E para estar com a família, sente que tem oportunidade para isso?

G2: Tenho, quando posso.

E: Leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G2: Não, não, não. O trabalho fica à portaria, e os problemas de casa, em casa.

E: Recorreria aos serviços de psicologia caso existissem no estabelecimento direccionados para guardas e se acha necessário a existência destes serviços?

G2: Havia de haver porque há colegas com problemas familiares, mesmo divórcios e tudo, e eles não têm apoio de ninguém. É como eu, já me senti mal dentro do serviço. Às vezes sinto que estou a mais, ou que não estou bem aqui. Eu para andar bem, tenho que andar bem comigo próprio, senão não ando bem aqui.

E: Obrigado.

E: Tem problemas de saúde devido ao seu trabalho?

G3: Cansaço...

E: E a cada dia que passa, sente energia para enfrentar mais um dia de trabalho?

G3: Nos períodos de manhã, à tarde já é mais difícil.

E: Que opinião tem acerca dos turnos nocturnos? São complicados, não são complicados?

G3: Destabilizam as pessoas na medida em que...humm...depois não ficamos certos. Às seis da manhã estamos com uma energia, fora do comum; às 10h da manhã estou completamente...não é apático, mas quase.

E: Sente-se com capacidade para desempenhar todas as tarefas inerentes à sua profissão?

G3: Até à data não estive, digamos, situações contrárias. Não seria honesto, ou mentiria, se dissesse que estou preparado para todas as situações.

E: Considera que existe uma adequada divisão das tarefas?

G3: Alguns aspectos se calhar não há, por falta de recursos. Por exemplo, eu teria que ter um técnico de educação comigo. Não é fácil para ele estar lá, mas ele devia estar lá.

E: Considera que existem decisões arbitrárias ou ambíguas por parte de directores, chefes de guardas?

G3: Sei lá... É uma dúvida constante. É quase impossível eles terem uma...por muito que tenham um fio condutor...nem que seja hierarquicamente...eles não conseguem transmitir... Cada pessoa é uma pessoa, mesmo juntando as coisinhas todas não é possível, não é fácil.

E: Sente que pode manifestar a sua opinião livremente?

G3: Não tanto quanto isso. De facto, se calhar...acho que posso falar disto abertamente... Acho que já se destruíram algumas barreiras mas não estão todas ainda quebradas. Devido ao facto de também trabalhar noutros locais, a filosofia é mais aberta. Não que eu não reconheça que, como pessoa, nós ao fim de cá estarmos há algum tempo, tendemo-nos a fechar um bocadinho. Não em torno de nós, mas de forma a protegermo-nos, contra ataques externos. Mas vejo isso como uma arma, de auto-protecção, auto-defesa. Não é propositado, acho que acaba por ser quase inato.

E: E isso depois reflecte-se nas outras relações extra-trabalho?

G3: Tende a reflectir-se, se calhar, um bocadinho. Talvez resida aí... Se calhar, a força de cada um, ou a arte que cada um possa usar na forma como sabe sair dessas situações. Porque, por exemplo, agora tenho que lidar com quase todos os sectores do estabelecimento ao mesmo tempo. Não posso dar uma resposta negativa, ou menos correcta digamos, a um qualquer elemento de vigilância porque, se a der a ele, se calhar intrinsecamente, duas horas depois, se calhar esse dia já corre mal para todos os efectivos. Da mesma forma, a pessoa com quem eu trabalho todos os dias, um funcionário qualquer da minha secção, ou das outras secções até, essas pessoas que estão cá todos os dias, ou seja o dia-a-dia normal de trabalho, eu não lhes posso responder menos bem também porque amanhã posso precisar deles. E às vezes há algumas emoções à mistura. Se nós se calhar... neste ambiente onde nos centramos, sobretudo, nas pessoas, porque lidamos com pessoas, isso se calhar está mais presente. E é mais difícil lidar com isso. E depois é assim...se calhar sofremos condicionalismos de estarmos na função pública. Muita sensibilidade diferente, muitas competências diferentes... Quer dizer, se calhar, a mistura das duas coisas, não sei. Condições quase completamente opostas de um técnico que está a exercer serviço de contabilidade, ou outro qualquer que exerce serviços administrativos, e mesmo entre eles, há um fio condutor efectivamente mas estão em campos opostos aos nossos.

E: Mas há pouco disse que sentia que se tinha que proteger um pouco aqui, também lá fora sente o mesmo com outros?

G3: Eu acho que, comparativamente o faço, mas mais cá dentro. Lá fora não sinto necessidade disso. Mas não o faço propositadamente.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G3: É assim... Se olharmos à luz da lei vemos que aquilo que o estabelecimento deve desempenhar... a resposta se calhar até se torna ambígua. E eu se calhar vejo as coisas assim, costumo dizer isto muita vez *“por detrás dessa roupa que vês, está uma pessoa”*, e muitas vezes as pessoas esquecem-se disso. Eu costumo dar esse exemplo aí aos putos reclusos *“por detrás dessa roupa está alguém. Ambos vestimos uma farda com contingências diferentes, mas têm que ter presente que por detrás de uma farda está uma pessoa”*. Quando se perde o respeito por uma pessoa, o resto deixa de estar instituído. Devemos dar primazia ao tratamento do recluso, mas se me perguntar se tenho condições para isso? Eu penso que até o posso fazer. Se calhar em cem vou conseguir salvar um, não sei. Vale a pena tentar? Eu sei que passo a vida a tentar fazer isto. Por eu ser assim... ninguém quer ver ninguém mal. Entendo isso dessa forma *“opa não faças isso, está mal, está incorrecto”*. Dizer isto, não é nada contrário aquilo que somos como pessoas. Agora se eu consigo realmente fazer isso? (suspiro) Alguns aspectos se calhar consigo. Os reclusos estão privados da liberdade de facto, agora fará no seu conjunto? Se calhar se for perguntar a um técnico ele vai-lhe responder que, em cem, salva dez, ou cinquenta, do ponto de vista dele. Se calhar do meu ponto de vista... não é querer ser pessimista, mas

a minha taxa de reinserção acho que é mais baixa. Porque... muitas vezes quando os colocamos em liberdade, eu tenho a sensação que... há sempre aquele “até mais ver, até nunca mais”, ou qualquer coisa do género, não é? E tenho muitos que me disseram “não sei até quando!”. Parece muito nu e muito cru mas foi assim que me responderam. Mas eu percebi porque é que ele me disse aquilo, ele não tinha apoio familiar lá fora. Está preconizado pelo sistema que temos que reinserir, é um bocadinho utópico. Desta forma? Eu não sou perito na matéria, não sei mas...

E: Consegue identificar as suas emoções quando se sente perturbado?

G3: Perceber se estou mal disposto ou chateado, percebo.

E: E consegue identificar o “porquê”? Às vezes estamos chateados e nem sabemos bem porquê?

G3: Exactamente. Algumas vezes penso que consigo, mas nem todas. Por vezes estás chateado. A pessoa pode nem estar chateada, e pode ser fruto de uma manhã menos boa, uma tarde menos boa, sobrecarregada com excesso de trabalho. E eu estou menos bem, porque estou cansado, não quer dizer que esteja chateado. O que eu explico às pessoas é que parece que estou chateado mas estou cansado. No meu caso, há coisas que me magoam, obviamente. Eu se calhar sou uma pessoa muito rigorosa comigo mesmo, não gosto que me tratem mal. Das coisas que mais me faz extravasar é não me tratarem de forma educada. Não fico bem com aquilo. Já, do outro lado, podem-me estar a sobrecarregar com trabalho e não me afecta da mesma forma. Não me fere.

E: Considera que ganha dinheiro suficiente para satisfazer as suas necessidades diárias?

G3: Gostaria de ter mais. Mas se calhar, se dissesse, que os meus pais (não estou a dizer que não ajudaram, ajudaram) ajudaram até onde entenderam. E eu decidi que queria mais qualquer coisa. Já são princípios das pessoas, acho que se não se tem... não é que eu tenha muito...mas se calhar se eu não ambiciona-se, por exemplo, ter um carro novo... comprei um mimo a mim mesmo. Comprei um mimo a mim mesmo, nunca tinha dado e achei que o devia fazer. Até porque comprei um carro peculiar, comprei um mini, por isso é que digo que dei um mimo a mim mesmo. Se não tivesse ambição, de certa forma, não estaria a pagar o resto da casa e não a teria construído a casa da forma como a construí. Felizmente, hoje não tenho dificuldades mas tive quando estive em Lisboa, por exemplo. As dificuldades eram outras. Os gastos eram mais, é natural que me sinta menos à vontade. Neste momento, felizmente, não.

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G3: Acho que vão do oito ao oitenta, se isto responde à pergunta, acho que vão do oito ao oitenta. Temos pessoas que caíram cá porque pronto, cometeram um crime, e têm que pagar e temos cá muitos que desde pequeninos ou não tiveram apoio, ou foi sempre o caminho mais fácil, não tinham pais para

os educar, não tinha valores de referência, aquelas coisas todas que se entende naquelas questões todas sociais. O resumo disso tudo está aqui dentro neste momento, infelizmente. Não estão cá todos pelo mesmo motivo, é certo.

E: Acha que o tempo de reclusão influencia de forma positiva os comportamentos dos reclusos?

G3: Para alguns se calhar até influencia. Dar-lhe-ei um exemplo, um recluso que entrou aqui por um crime de homicídio, se ele tiver uma determinada faixa etária... nós temos cá os da “brigada agrícola” com uma faixa etária mais velha... foram um perigo...ok...não estou a questionar, não é isso...foram condenados, estão a ser punidos. E eles estão inseridos no estabelecimento, desempenham as suas funções e nenhum deles nos dá problemas. E depois comparado com os miúdos que temos cá, eles próprios criam problemas, são completamente díspares. Eles fazem aqui o mesmo que faziam na rua. Maltratam-se uns aos outros, roubam-se uns aos outros, tudo serve como forma de imitar os outros, imitar o jogo, *“Aquele tem levis, eu quero ter levis, se não tenho, roubo...”* Infelizmente é assim. Isto não tem ar de ser coerente. Tiveram num contexto diferente, nunca tiveram valores de referência. Fazerem cá dentro o mesmo que fazem lá fora, epá... Eles vêem isto como uma prisão, não como um castigo *“Eu estou preso, mas a culpa de estar preso não é minha”*. Dizem que não têm condições, eu acho que só faltava terem casas novas, eles têm quase aqui o que têm em casa.

E: Então acredita que podem, realmente, ser reabilitados?

G3: Acreditar, acredito mas acredito é que a taxa de sucesso seja muito diminuta. Eu, pessoalmente, acredito que possam ser reabilitados. Pode haver um clique na vida, e há alguns casos em que isso acontece, mas não é com todos. Esses momentos, esses factores externos, alguém que lhes pusesse as mãos, qualquer coisa deste género... Contudo, em termos de comparação é diminuta. Mas tenho que acreditar que isso seja possível. Ok, acredito nisto porquê? Sou formador, sou bombeiro, pratico muitos valores e os meus pais me encaminharam nesse sentido, ok. Por isso penso assim, não é? Senão o que é que... podia estar aqui na mesma, e nesta altura da vida penso assim, daqui a vinte anos pensarei igual? Se calhar não. Se calhar com uma margem de manobra mais pequena. Já são mais experiências, já são outro tipo de acontecimentos, se calhar... Justo ou não, não temos sempre a mesma abertura. Não digo que não tenha. E eu tenho pedido, e sempre pedi às pessoas, que eu consiga ter este discernimento para me manter vivo, digamos, activo, para ter abertura de pensamento, perceber as coisas. Tenho a noção que se calhar nem sempre vou ter. A idade tende a deixar as pessoas rígidas. Muitos períodos, muitos locais pelos quais passei. Fala-se disso nos bombeiros, fala-se disso aqui, mal ou bem quer dizer... E se calhar já é positivo, deixa as pessoas mais despertas, activas. Quando há bocado lhe dizia, às 5h30 da manhã ou às 6h tenho uma determinada velocidade, e às vezes fico completamente apático, cansado... É normal. Passei a noite inteira sem dormir. Daqui a dez anos

estarei igual? As capacidades físicas não são as mesmas. Não é igual, até mesmo o ritmo de rendimento. É impossível...

E: E acha que consegue executar as suas actividades de lazer? Aquilo que gosta de fazer? Porque ao fim e ao cabo tem horários diferentes das outras pessoas...

G3: Não consigo. E a prova disso é que a maioria das pessoas com quem eu convivo, ontem foram andar de bicicleta e eu não posso ir, tenho que estar com a família. Eles vão andar de bicicleta vão-se divertir... Eu podia ir de vez em quando, mas se for, vou privar a família de estar comigo. O tempo que tenho, é para dedicar à família. O facto de estar a estudar, rouba-me algum tempo. Gerir isto tudo não é fácil. Claro que é assim, se não tivesse suporte familiar, não o estaria a fazer, isso é peremptório. Também não tomaria esta decisão de ir estudar, senão houvesse um aval tácito e efectivo. Eu vou estudar e é um compromisso a 4/5 anos. Não morre ninguém se eu não conseguir, não é por aí. Mas vou ficar desgosto se chegar ao fim de quatro anos ou cinco e não acabo. Mas trabalho, tenho as responsabilidades com o meu trabalho.

E: Tem estatuto de trabalhador estudante?

G3: Tenho, mas também só pedi flexibilização de horário. O trabalho, hoje em dia, é importante para as pessoas. Tenho que manter algum nível de actividade, exigência na aplicação do próprio trabalho. Sob correr o risco "*opa tu não serves para a função*", e põem-me a um canto. O pior que pode acontecer para qualquer vigilante, é ser encostado a um canto. Ou porque não tem condições, ou competências... Eu nem quero pensar nisso... Um guarda... se disser isto... é meio caminho andado para desmotivar... Não é como pôr numa prateleira mas é meio caminho andado para isso.

E: Considera que tem tempo para estar com a família?

G3: Não. Mesmo que não estivesse a estudar, dir-lhe-ia que nunca é tempo suficiente. Eu tenho que me levantar todos os dias às 6h30 da manhã, tomar banho e não sei quê... e aquelas coisas todas, para entrar às 7h45, e só sai-o daqui às 19h. Se tivesse nos turnos, compensava estando em casa. Mas eu depois estou em casa, a família não está. A família é aquele suporte que deve ser. Eu costumo dizer que eles é que me devem dar mimo. Eu tenho que lhes dar a eles, eles têm que me dar a mim. Mas senão houver tempo para isso, como é que se faz? E aqui... O tempo é importante para as pessoas. Eu passo aqui 12h quase... Posso excluir o período até às 8h da manhã mas tenho que me preparar para vir para o local de trabalho, tenho que dormir.

E: E considera que leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G3: Leva-se sempre. Ninguém é um *robot*, que consegue desligar a ficha. Uns mais, outros menos. Com o tempo consegue-se gerir melhor essa questão, mas é impossível. Se alguém me disser, à minha

frente, que consegue desligar a ficha não está a ser cem por cento correcto, nem com ele nem com os outros.

E: Em que aspecto é que isso pode interferir na sua relação com a sua família?

G3: A família não seria bombardeada com má disposição minha, por exemplo. Isso era categórico. E eu digo isto porque... Como é que se consegue? Se eu o conseguisse fazer... Não consigo. Admitir que não sou capaz, já é mais fácil se calhar. E já falei sobre isto com eles. E se a esposa me disser *“olha que não pagamos pela tua má disposição”*, ok, tenho que saber receber aquilo. Agora eu gostava, poder chegar ali à portaria e desligar o botãozinho, descomprimir. Mas acho que é impossível. O que eu tenho notado é que a escola, por exemplo, está a ser usada como um meio para dizer aos outros que podem atingir um fim. Os meus filhos, neste momento, já sabem que o pai está a estudar. Que leva tempo, e que o pai vai chegar mais tarde do que os outros dias a casa. E não chegava a casa às 19h ou às 20h. Isso é explicado de forma a que *“o vosso trajecto na escola agora é este”*, para eles tentarem... não é equiparar ao pai, mas para eu servir de exemplo. Eles têm trabalhos de casa, o pai também tem. O pai vai trabalhar, tem que ir à escola, eles também têm. Já está encaixado. Rouba sempre tempo. Decidi ir por aí. O pai está a estudar quer atingir um objectivo, tem não sei quantos anos para fazer isso e está a estudar.

E: Recorria aos serviços de psicologia se tivesse oportunidade aqui no estabelecimento?

G3: Ai recorria. Nem que fosse para ir lá falar com o psicólogo. Acho que poderia ajudar a resolver alguns problemas. Há pessoas aqui, que vieram para cá e nunca tiveram formação sobre isto. E têm problemas, todos nós temos problemas. Uns não admitem, uns admitem mais que outros. Têm dificuldades, têm carências... Não é o padre. O psicólogo tem uma perspectiva diferente da questão e poderia dar um apoio diferente.

E: Muito obrigado pela sua colaboração.

E: Tem problemas de saúde devido ao seu trabalho?

G4: Não.

E: Quando acordo sente-se com energia para enfrentar um novo dia?

G4: Às vezes, outras vezes não.

E: Faz turnos nocturnos?

G4: Diurnos e nocturnos.

E: E como é que se sente depois de um turno nocturno?

G4: Os nocturnos são mais cansativos, e os diurnos menos. Pronto... Mas quando fazemos noite, de manhã chegamos a casa extremamente cansados.

E: E acha que isso depois tem impacto na relação com a família?

G4: Não. No meu caso, sinto-me é cansado, e mais com a idade.

E: Considera que tem tempo para estar com a família?

G4: Sim.

E: E para realizar aquelas actividades de que lhe dão prazer, actividades de lazer?

G4: Hummm... Ultimamente já não, sinto-me muito cansado quando faço noite. E quando chego a casa durante o dia, sento-me no sofá e pimba. É muito cansativo.

E: Leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G4: Às vezes, sem querer, levo. Mas muitas das vezes, não.

C: E a família compreende?

G4: Às vezes compreende, outras vezes *“ah isso não é para aqui chamado”*.

C: Sente-se com capacidade para desempenhar todas as tarefas inerentes à sua profissão?

G4: Sim, por enquanto sinto.

C: Considera que existe uma correcta divisão das tarefas?

G4: Há pessoas que são mais sobrecarregadas que outras. Há pessoas que estão sempre no mesmo serviço, e há outras que têm que fazer tudo um pouco, normalmente são sempre os mesmos.

C: Considera que as decisões dos seus superiores são vagas ou ambíguas, ou que há coerência entre eles?

G4: Normalmente são sempre as mesmas.

C: E sente que pode manifestar a sua opinião livremente?

G4: No meu caso, o que tenho a dizer, digo (risos).

C: E qual considera que é a principal função do estabelecimento prisional?

G4: A principal função? É para guardar reclusos, não é? Neste caso para guardar reclusos jovens, para ver se um dia vão para a sociedade um bocadinho melhores do que aquilo que entraram.

C: Acredita que este tempo de reclusão afecta de forma positiva o comportamento dos reclusos?

G4: Alguns sim, mas muitos voltam.

C: Acredita na reabilitação?

G4: Não há muita, uns 50%. Muitos dos que aqui estão voltam à vida do crime.

C: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G4: A maior parte deles são muito... Tratam-nos mal, falam mal, chamam nomes, são um bocadinho agressivos.

C: Acha que isso tem haver com a idade? O tipo de crime?

G4: A idade, a idade.

C: Considera que ganha o dinheiro suficiente para satisfazer as suas necessidades diárias?

G4: Não. Tenho algumas dificuldades a este nível. Para aquilo que fazemos deveríamos ser melhor remunerados.

C: Consegue reconhecer as suas emoções? Por exemplo, se está a começar a ficar chateado consegue reconhecer isso logo ou explode logo...?

G4 – Consigo. Explodo naquele momento mas depois penso e tenho calma.

C – Recorreria aos serviços de psicologia caso fosse possível neste estabelecimento?

G4 – Não, não sinto necessidade disso.

E: Sente que tem algum problema de saúde devido à sua profissão?

G5: Directamente à profissão, não. Sem ser directamente tenho um problema hereditário, de família, tenho tensão alta mas estou medicado.

E: E sente com energia, quando acorda, para vir trabalhar?

G5: Ainda vou tendo (risos).

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G5: Sim.

E: Como é que lida com isso?

G5: Até ver, vou lidando bem.

E: Como é que é o dia a seguir?

G5: O dia a seguir é um bocado stressante. Como não tenho o hábito de chegar a casa e deitar-me, parece que ando assim meio atordoado durante o dia. Eu se calhar se me deitasse até aliviava o stress mas como não tenho esse hábito.

E: Considera que existe uma adequada divisão de tarefas no estabelecimento ou que há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G5: Talvez devido à falta de pessoal, haja um bocado de sobrecarga de trabalho. Se houvesse mais pessoal, talvez, o trabalho se levasse até melhor em certos locais.

E: Considera que existem decisões um pouco arbitrárias ou vagas por parte dos seus superiores ou que há uma certa coerência entre eles?

G5: Eu acho que é normal. É a tarefa deles, eu acho que é normal. Eles têm conhecimento do que se está a passar e têm que fazer a função deles, e a gente, dentro das possibilidades, compreende-os.

E: E considera que pode manifestar livremente a sua opinião?

G5: Pode-se manifestar a opinião mas não é o meu hábito. Sempre fui de acatar e tentar fazer o melhor possível.

E: Considera que o seu ordenado é suficiente para satisfazer as suas necessidades diárias e está de acordo com as funções que desempenha?

G5: Eu acho que, falando honestamente, tomaria muita gente receber aquilo que a gente recebe. Embora nos tenhamos habituado a ganhar este valor e, se o cortarem, já se nota a diferença, não é? Mas aqueles que vivem com pouco, estão habituados a ele, e se vivessem com aquilo que a gente recebe, seria muito bom, até para eles. Eu acho que o ordenado está adequado, não se pode dizer que não.

E: Reconhece facilmente as suas emoções? Por exemplo, quando está mais chateado, consegue perceber antecipadamente isso?

G5: Sim. Eu por norma sei que sou um bocado assim, descontrolo-me, e tento evitar isso. Então tento evitar, tento não me implicar muito directamente, tento afastar-me um bocado mas, quando me meto, descontrolo-me. Fico totalmente descontrolado. Por isso é que eu evito entrar directamente no conflito.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G5: A função principal é cumprir o que está determinado pelo juiz, pela sentença, e depois, mediante o tempo que eles cá passam, tentar dar-lhes o melhor tempo possível, sei lá... com actividades, que nesta casa, actualmente, estão a ficar um bocadinho esquecidas. As instalações também já não são o que eram, e os funcionários também não são... também já não existem... algumas actividades acabaram nesta casa, o que os torna um bocadinho agressivos no dia-a-dia deles. Não têm actividades, a cerâmica terminou, o curso de serralharia que dantes havia com fartura, agora já não existe, havia sapataria, havia tipografia, havia actividades que acabaram. Isto torna que eles, por vezes, compliquem aqui o sistema... os reclusos são outros...

E: Que opinião tem acerca destes reclusos?

G5: Nota-se que trabalhar com os indivíduos de cor, é muito mais difícil, do que trabalhar com a raça branca. Talvez pelos *gangs*... e nota-se, no tempo que eu cá estive, que agora é muito mais difícil, talvez por isso. Os da raça negra são em maior número do que há uns anos atrás. Há uns anos atrás existiam conflitos mais com a raça cigana mas era um grupo minoritário. Raça negra, existiam muito poucos. Agora é ao contrário, é o inverso. Eu, quanto a mim, acho que eles são muito mais racistas do que nós. E depois é os grupinhos deles... até entre eles há conflito.

E: E acha que este tempo de reclusão influencia de forma positiva o comportamento deles?

G5: Vai ser difícil para alguns encaminharem por bons caminhos. Mesmo o ambiente familiar lá fora se não ajudar, eles não vão encarrear.

E: Acredita que há uma verdadeira reabilitação?

G5: É muito difícil porque, depois, não há apoio lá fora. No exterior não há apoio.

E: O que acha que poderia ser melhorado no estabelecimento, que considera que agora não está a funcionar de forma ideal?

G5: Neste propriamente, era criar mais actividades, cursos para os poder ocupar e com rigor.

E: Sente que tem oportunidade para realizar actividades de lazer, extra-trabalho?

G5: Eu tenho as minhas actividades lá em casa. Vou fazendo tudo o que é reparações e serviços em casa, eu faço-os todos.

E: E oportunidade para estar com a família?

G5: Tenho, tenho. Sim, não há problema nenhum.

E: Leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G5: Não, nunca. Nem gosto de falar do serviço lá fora. Eu quando sai-o à porta, cortou.

E: E a última questão é se recorreria aos serviços de psicologia, caso existisse no estabelecimento, direccionados para guardas ou não acharia necessário a existência destes serviços?

G5: Eu acho que não é mal vindo, são sempre bem-vindos esses assuntos, para quem necessitar deles. Eu não acho que, até à data, tenha necessidade disso. Não tenho o stress do serviço, até ver, também já poucos anos faltam (risos).

E: Muito obrigado.

E: Sente que tem alguns problemas de saúde devido à sua profissão?

G6: Pois, agora está-me a fazer uma pergunta um pouco difícil, não sei... há dias em que me sinto mais cansada, mais stressada, tudo junto. Tem um bocado a ver com a profissão mas também com o dia-a-dia. Uma pessoa também é filas para chegar ao trabalho, pronto. Também é esses factores todos. Não só devido ao trabalho mas também à vida familiar.

E: E sente-se com energia, quando acorda, para vir trabalhar?

G6: Sim.

E: Faz turnos nocturnos?

G6: Agora não, mas já fiz.

E: Era mais complicado?

G6: É assim, os turnos nocturnos têm uma coisa boa, uma pessoa trabalha 24h mas depois compensa porque está dois dias em casa. Aqui trabalhar de segunda a sexta é um bocado complicado. Se temos que tratar de alguma coisa numa repartição pública, esse tipo de coisas, temos que estar sempre a pedir ou a trocar... É mais complicado.

E: Então para si os turnos também facilitavam um bocadinho?

G6: Sim, sim... Mas também trabalhava com mulheres, era diferente.

E: Sente que tem oportunidade para realizar as actividades que lhe dão realmente prazer, actividades de lazer?

G6: Com este horário é muito mais complicado porque uma pessoa trabalha de segunda a sexta, depois também tenho duas filhas, é muito complicado. Uma pessoa fica quase sem tempo para nós. Também devido a isto tudo, por isso é que também uma pessoa não anda tão bem psicologicamente, às vezes. Estes factores todos juntos, a falta de tempo...

E: E sente que consegue dedicar tempo de qualidade à sua família?

G6: Quer dizer, há dias que sim, outros que não. Uma pessoa, às vezes, está tão saturada que falta um pouco de paciência.

E: Considera que leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G6: Ah isso não. Eu não falo em casa de trabalho. Se calhar às vezes até penso, mas não muito. Tenho que deixar as coisas no portão, não posso estar a confundir as coisas.

E: E a nível emocional consegue fazer bem essa separação?

G6: Eu sou um bocado assim, tento desligar. Acho que umas coisas não têm nada haver com as outras. Tento fazer essa separação porque senão não dava. Agora ir para casa a pensar no trabalho, e vir para o trabalho pensar em problemas familiares, não. Uma pessoa, no fundo, tem que separar.

E: Acha que existe uma adequada divisão das tarefas aqui?

G6: Quer dizer, as tarefas nunca poderão ser iguais. Estou a falar, por exemplo, na diferença entre homens e mulheres, isto é uma cadeia do sexo masculino, e as mulheres não fazem determinadas tarefas que os homens fazem. Não quer dizer que há pessoas sobrecarregadas, pode haver é alguém que se encoste (risos). É diferente. Agora se todos fizessem as suas funções a coisa funcionava.

E: Considera que existem decisões um pouco arbitrárias ou vagas por parte dos seus superiores?

G6: Eu acho que devia haver mais harmonia entre eles. Deviam estar mais interligados, uns puxam para um lado, outros puxam para o outro. Não há uma união.

E: E isso depois reflecte-se no vosso trabalho?

G6: Muito. Quando são dez cabeças ou doze a pensarem de maneira diferente, as coisas não são bem conjugadas. No fundo, nós temos que estar em sintonia uns com os outros para as coisas funcionarem da melhor maneira. Até mesmo na própria população reclusa, isso se reflecte. Eu estou à birra com um colega ou com ele... Eles vêem que nós não estamos bem connosco próprios, como é que vamos estar com eles? Isto tudo se reflecte.

E: Sente que pode expressar livremente a sua opinião?

G6: Eu consigo, porque falo um bocado (risos). Não, é assim, eu penso desta maneira, se a pessoa quer aceitar, aceita, se não quer aceitar, também não é obrigada. Há uma liberdade de expressão, não podemos ser condenados por falar, não é?

E: Qual considera que é a principal função de um estabelecimento prisional?

G6: A principal função penso que será segurança, basicamente é a segurança. Depois temos outras coisas, mas acho que o principal tem que ser a segurança.

E: Considera que o seu ordenado é suficiente para satisfazer as suas necessidades diárias?

G6: Bom, isto é muito subjectivo. Nós recebemos mil mas gostávamos de receber dois mil (risos). Mas de uma maneira geral, comparando com certos ordenados, até não estamos mal. Mas claro que toda a gente gostava de receber um pouco mais. Mas depois é assim, se a gente ganha dois mil, também tem tendência a gastar dois mil, é um ciclo vicioso. Mas pronto... Tendo em conta a maioria e os tempos em que estamos, não somos assim tão mal pagos.

E: Acha que consegue facilmente reconhecer as suas emoções? Por exemplo, quando está a ficar um bocadinho mais irritada, consegue perceber isso logo...

G6: Depende das situações, percebe? Às vezes há aquelas situações em que pronto... Pode haver uma discussão em que eu já conheço aquela pessoa e é melhor desligar antes que a conversa ultrapasse os limites, e saia discussão. Mas há aquelas discussões que acontecem num impulso que se calhar, às vezes, não penso muito antes de agir. Reajo impulsivamente como qualquer pessoa. No trabalho a gente também começa a conhecer as pessoas e começa a reagir de forma diferente *“não é melhor terminar por aqui, porque se a gente começar isto vai dar pano para mangas”*. A pessoa começa a conhecer os colegas e, às vezes, já não ajo tanto por impulso. Penso um bocadinho antes de falar que é melhor. Não quer dizer que seja as situações todas, mas frequentemente...

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G6: É assim, eu tive noutras cadeias que não têm nada haver com esta. Eu acho que esta população... Não dá para ter um relacionamento, são pessoas muito infantis *“é guarda, tudo o que é mau está relacionado com o guarda”*. Já nos vêem como uma coisa negativa. Não há essa liberdade para ter uma conversa cordial. São muito infantis, também a conversa deles não se adequa com a minha *“fiz este assalto... um brutal carro”*. Pronto, é esse tipo de conversa. Acho que são muito ocos na cabeça. Não sei... Por problemas familiares que se calhar tiveram, se calhar já são filhos de reclusos (muitos deles são, inclusive conheci alguns que as mães já tiverem em Tires), talvez também devido à idade. É uma população muito jovem, e então... Às vezes a conversa tem que ser mesmo curta. Eles aproveitam-se logo, percebe o que eu quero dizer? Não se pode estar a meter conversa porque eles não entendem. É um bocado, eles lá e nós cá.

E: Acha também que o facto de ser mulher, dificulta ainda mais, o relacionamento? Pelo que me está a dizer também já trabalhou numa cadeia exclusivamente feminina...

G6: Ah senti alguma diferença. Trabalhava com uma população que tinha outra idade. Depois a mulher é assim, fala, fala, fala e eu punha-me a pensar *“ai meu Deus tanta mentira”*. No fundo uma pessoa também anda um bocadinho de pé atrás porque vê o processo e não sei quê. Elas consideram-se sempre todas inocentes, nunca conseguem admitir o que fizeram. Ninguém está aqui inocente, todos têm culpa. Quer dizer, já estão condenados, porque é que não assumem? Já estão condenadas. Eu não

estou aqui para condenar ninguém. Mas há uma diferença, eu acho que também tem muito haver com o factor idade. São muito imaturos aqui os reclusos, muito irresponsáveis.

E: Sente-se melhor neste ambiente ou naquele em que trabalhava anteriormente, exclusivamente feminino?

G6: É assim, eu gostava mais de trabalhar com mulheres. Foi devido à proximidade de casa que me levou a pedir vir para aqui. Mas preferia estar lá.

E: E em relação aos colegas de trabalho?

G6: (risos). É assim, eu de uma maneira geral dou-me bem com os colegas todos de trabalho, não tenho assim nenhuma razão de queixa. Porque é assim, eles têm o feitio deles, eu tenho o meu. Não tenho razão de queixa, dou-me bem com eles. Todos têm defeitos, eu também tenho.

E: Mas não sente qualquer tipo de discriminação?

G6: Sim, às vezes, eles dizem *“ah é bom ser mulher aqui, não fazem nada”*. Lá está, uma guarda feminina não vai abrir os reclusos das celas, eles fazem isso, nós não fazemos, embora tenhamos aqui uma colega que faça. E eles gozam *“ah as mulheres não fazem nada, saem as 17h30”*. São aquelas coisas, mas eu não ligo ao que eles dizem.

E: Acredita que o tempo de reclusão tem um impacto positivo no comportamento dos reclusos?

G6: Não, eu acho que até é negativo (risos). Não, porque é assim... Eu às vezes apercebo-me do tempo em que eles estão em reclusão porque eu vou de férias e, às vezes, quinze dias parece tanto tempo, e depois quando chego eles estão na mesma posição, no mesmo sitio, não saíram. Eles começam a ficar mais saturados, o psicológico deles começa a ficar mais frágil, começam a explodir por tudo e por nada. E nota-se quando não há as precárias, as condicionais, eles tentam fazer porcaria, chamar a atenção. Por isso o tempo de reclusão, às vezes... Quando se tem precárias e isso tudo, eles até melhoram para ver se saem mais rápido, mas quando lhes são negadas, isto afecta-os psicologicamente.

E: E considera que há uma real reabilitação dos reclusos?

G6: Não, sinceramente não. Há certos crimes que acredito que eles não vão cometer mais, por exemplo, um homicídio, aconteceu, agiu por impulso, num momento. Isso acredito que não regressem. Mas aqueles traficantes, por exemplo, tráfico de estupefacientes, assaltos... Muitos já foram criados nisto. E depois é assim, uma pessoa que ganha dez mil euros ou vinte mil euros num mês, não se vão sujeitar a ganhar quinhentos ou seiscentos euros por mês. Se o próprio estado os descrimina, os particulares ainda mais, porque se tem cadastro... Olhe, por exemplo, para guarda prisional já não

podia concorrer. Há uma discriminação, pronto, da própria entidade pública, em relação a aceitar ex-reclusos. Mas mesmo que eles conseguissem, é muito difícil para certos tipos de crime... Pessoas que desde os dez anos sempre tiveram esta vida, eles não vão viver com quinhentos euros, eu não acredito. Não foram estruturados, são de famílias carenciadas a todos os níveis, de afecto, monetário, nunca tiveram nada, logo acho que a reabilitação não é muito possível, embora haja quem acredite nisso. Pronto... Isto é a minha opinião. Não quer dizer que seja a mais verdadeira.

E: Em que aspectos acha que o estabelecimento poderia melhorar?

G6: Ai muita coisa (risos). Sei lá... Acho que havia de haver uma relação mais cordial entre os elementos, especialmente, da administração para as coisas funcionarem de uma forma melhor. Não haver tanta discórdia, não se misturar assuntos. Como estamos todos no mesmo barco, acho que devíamos remar todos para o mesmo lado, não é? Não é uns para a direita e outros para a esquerda. Até porque depois as coisas ficam... Pronto... Eles próprios notam. Acho que havia de haver mais união, acho que é o que faz falta nesta casa. É uma casa muito descoordenada a esse nível. Mas é a minha opinião.

E: Se tivesse, neste estabelecimento, serviço de psicologia, recorreria?

G6: Neste momento não sinto necessidade, mas eu também só tenho dez anos disto. E depois também depende de pessoa para pessoa, não é? De fato, há uns que precisam mais, outros menos. A gente não sabe o dia de amanhã. Também dez anos, a comparar com alguns que já estão aí há vinte e trinta, ainda sou “maçarica” como eles dizem.

E: Sente que tem alguns problemas de saúde devido à sua profissão?

G7: Como? Não percebi...

E: Sente que tem alguns problemas de saúde devido ao seu trabalho?

G7: De saúde? Não, não...

E: E sente com energia, quando acorda, para enfrentar um novo dia?

G7: Sim.

E: Faz nocturnos?

G7: Agora não, mas já fiz.

E: E era complicado gerir isso?

G7: Não é fácil, mas faz-se. Mas já há dezasseis anos que não faço serviço nocturno.

E: Neste momento, sente-se então com capacidade para desempenhar todas as tarefas?

G7: É. Absoluta.

E: Considera que existe uma adequada divisão de tarefas no seu trabalho? Ou há pessoas com mais sobrecarga de trabalho, outras menos? Ou está tudo, mais ou menos, equilibrado?

G7: Há uma escala que gere isto, que gere o funcionamento da casa, não é? No meu caso, eu estou ligado à secção das obras o que é um bocado diferente, não é?

E: Então não sente sobrecarga de trabalho?

G7: Às vezes sente-se mas ultrapassa-se.

E: E considera que existem decisões um pouco ambíguas, vagas dos seus chefes, directores, ou são todos coerentes entre eles?

G7: No que me diz respeito a mim, não tenho dúvidas.

E: Sente que pode manifestar livremente a sua opinião?

G7: Sim, sim... Sinto que posso. Não tenho qualquer problema.

E: Qual considera que é a principal função aqui do estabelecimento prisional?

G7: A minha principal função?

E: Qual considera que é a função de uma prisão?

G7: A principal função é acolher os reclusos. O internamento deles, não é? E dar-lhes higiene e segurança. Pronto, fazer esse tipo de trabalho todo. Higiene, alimentação, segurança... Há uma série de factores.

E: Se pudesse melhorar alguma coisa, o que melhoraria no estabelecimento?

G7: Humm... Isso é muito complicado. Isto é uma cadeia de menores. Isso é um bocado complicado. Deixo essa para quem venha cá a seguir (risos)

E: Ok (risos). Sente que conhece reconhecer facilmente as suas emoções?

G7: Sim, eu de certa maneira sou uma pessoa relativamente calma. Mas há certas situações, em que uma pessoa reage mais rapidamente, mas sou relativamente calmo.

E: Considera que aquilo que ganha é suficiente para satisfazer as suas necessidades diárias?

G7: Acho que sim, há quem ganhe menos. Não é muito, por ali além, mas acho que sim.

E: Qual a opinião que tem acerca da generalidade dos reclusos?

G7: Como disse há pouco, eles são especiais, porque são menores. Os reclusos jovens têm um temperamento diferente do que os homens feitos. Tem que se tratar com eles de maneira um bocadinho diferente, mais um bocadinho psicológica, penso eu. É o que eu tenho feito ao longo deste tempo todo.

E: Acha que este tempo de reclusão influencia de forma positiva o comportamento deles?

G7: Nem sempre. Uma percentagem mínima reflecte, e são capazes de irem para a vida lá fora.

E: O que seria preciso aqui dentro para facilitar isso?

G7: Não sei se cá dentro se resolveria. Eu acho que é o apoio lá fora. Para já uma parte fundamental que eles não têm é trabalho lá fora. Depois vieram presos e estão sempre a perguntar “*Onde trabalhas-te?*” “*Ah estive preso*”, é sempre uma situação... Não sei, alguns têm aproveitamento, outros não têm. O trabalho é mais lá fora, a sociedade, a família...

E: Mas acredita que é possível uma reabilitação dos reclusos?

G7: Eu acho que sim, mas uma minoria. Uma minoria, aqueles que conseguem.

E: Tem oportunidade para fazer as actividades que lhe dão prazer?

G7: As minhas aqui?

E: Não, lá fora. As actividades fora do trabalho que lhe dão prazer...

G7: Sim, sim...

E: E acha que leva alguns problemas daqui do trabalho para casa?

G7: Para dentro de casa não, nunca levo. Nunca levei e espero não levar.

E: Considera que tem tempo para estar com a família?

G7: Sim, sim. O trabalho é aqui, lá fora é o lazer.

E: Recorreria aos serviços de psicologia se existissem aqui para guardas ou não achava necessário?

G7: Não, não sinto que precise.

E: Tem algum problema de saúde devido ao seu trabalho?

G8: Não, nem por isso... De vez em quando, devido às noites, o cansaço é normal, não é?

E: Como é que lida com os turnos nocturnos?

G8: Como deve compreender não é fácil. Há noites que são mais difíceis, outras nem tanto.

E: Sente-se com energia para trabalhar?

G8: Graças a Deus, até ver...

E: Considera que existe uma boa divisão de tarefas? Ou há pessoas mais sobrecarregadas, comparativamente a outras?

G8: Há sempre mas isso é muito subjectivo. Isso é da estruturação mas é tudo muito relativo.

E: Considera que existem decisões arbitrárias ou vagas pelos seus chefes, directores?

G8: Eu não tenho razão de queixa.

E: Considera que pode manifestar a sua opinião livremente dentro do estabelecimento?

G8: Sim...

E: E qual considera que é a principal função de um estabelecimento prisional?

G8: Qual é que é? É a ressocialização, não é? Prepará-los para a vida profissional quando saírem daqui.

E: Se pudesse mudar algum aspecto o que é que mudava?

G8: Não sei... Isto já depende de outras organizações, não é só daqui. Não sei, isso já depende de outros organismos, não é?

E: Reconhece facilmente as suas emoções?

G8: Sim, sim, consigo fazer sempre essa distinção.

E: Acha que ganha o dinheiro suficiente para satisfazer as suas necessidades?

G8: Nós nunca estamos bem com aquilo que a gente quer. Queremos sempre mais. Esta missão não é fácil, esta missão é um bocado difícil. Penso que deveria melhorar nesse aspecto. Outros rendimentos, não é? Nós não temos, nomeadamente, subsídio de turnos e estamos a trabalhar por turnos

continuadamente, não é? Em relação às horas, fazemos horas a mais e só recebemos um terço. Isso é outra situação.

E: Que opinião é que tem acerca da generalidade dos reclusos?

G8: A actual conjuntura não é fácil. É difícil. Nós vemos por aqui o que vai lá para fora. Derivado também ao desemprego, falta de expectativas...

E: Acredita que este tempo de reclusão tem um impacto positivo no comportamento deles?

G8: Para alguns tem, não digo a maior parte mas para alguns tem impacto.

E: Acredita que há uma verdadeira reabilitação?

G8: Para a grande maioria não.

E: Tem oportunidade para realizar actividades fora do trabalho?

G8: Sim, sim. Consigo conciliar com outras coisas.

E: Tem tempo para estar com a família?

G8: Sim, sim. Consegue-se sempre.

E: Leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G8: É assim... Isso é uma pergunta complexa. Às vezes não é fácil, mas eu falo por mim, tenho sempre deixar os problemas aqui. Mas há sempre uma vez em que vamos mais alterados. Não é na generalidade, mas às vezes escapa-me.

E: E a família compreende?

G8: Sim, já estão habituados.

E: Recorreria aos serviços de psicologia se existissem aqui no estabelecimento ou não acharia necessário?

G8: Eu acho que sim. Nomeadamente as outras forças de segurança, acho que a GNR tem e a PSP também, e acho que devia haver aqui também. Neste serviço, eu penso que é premente. Porque pronto... Como eu disse... Não generalizo os problemas para casa, mas há dias e dias. Um dia difícil aqui, é um dia em que lá para fora também vai ser. Os nossos dias difíceis aqui nos serviços prisionais, são mais difíceis do que nos dias lá fora. Acho que isso é uma situação premente.

E: Tem problemas de saúde devido ao seu trabalho?

G9: Até ver não.

E: E quando acorda sente-se com energia para enfrentar a sua vida diária?

G9: Por vezes.

E: Faz turnos nocturnos?

G9: Faço.

E: E como é que lida com isso? É complicado, não é?

G9: Por vezes. Tem dias piores, tem dias melhores. Quer dizer o trabalho nocturno, por si só, é complicado. E quem não consegue descansar muito bem como eu, por exemplo, que tenho dificuldades em dormir, o trabalho nocturno ainda complica mais. Dormir em casa é uma coisa, aqui descansar é totalmente diferente. O dia a seguir é um pouco mais molengo.

E: Consegue realizar actividades extra-trabalho? Que lhe dão prazer?

G9: Por vezes, sim consigo. Umas vezes piores outras melhor.

E: E tempo para estar com a família?

G9: Dá. Apesar disso, dá.

E: Consegue estabelecer a fronteira entre a casa e o trabalho? Ou, frequentemente, leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G9: Eu até ver tenho conseguido, não quer dizer que daqui para a frente consiga, mas até agora sim.

E: Considera que existe uma adequada divisão de tarefas no seu local de trabalho?

G9: Não. Equitativamente as tarefas deixam um bocadinho a desejar. Porque há pessoas que, às vezes, podem fazer certas e determinadas coisas e não lhes são imputadas responsabilidades para isso. E ao fim e ao cabo ganham tanto como nós. É complicado isso, se calhar já vai para outros campos (risos). De quem gere...

E: Sente que pode manifestar livremente a sua opinião?

G9: Não.

E: Considera que existem decisões arbitrárias, ou um pouco vagas por parte dos seus superiores hierárquicos?

G9: Não, há pouca coerência. O livre arbítrio deixa muito a desejar.

E: Se pudesse melhorar alguma coisa nos serviços, o que acha que deveria ser alterado?

G9: Por exemplo, o aspecto de responsabilizar as pessoas pelos actos que têm. Acho que... Sei lá... Poderia ser melhor.

E: Está a falar de guardas ou reclusos?

G9: Estou a falar de guardas, colegas porque... Por vezes, esses guardas não fazem porque não querem, e depois, não há quem lhes incuta essa responsabilidade. Por isso é que alguns têm um certo tipo de responsabilidades, depois os outros não. E as coisas têm que ser feitas.

E: Sente que consegue reconhecer as suas emoções de forma adequada?

G9: Como?

E: Por exemplo, quando se sente mais chateado, mais aborrecido, consegue ter consciência disso antes de agir ou, por outro lado, explode, e só depois pensa que deveria ter tido mais calma?

G9: Nestas casas tem que se ponderar muito bem este tipo de situações. Tomadas de decisões um bocadinho certas e, às vezes, engolir um bocadinho em seco. Porque senão, poderão advir daí outros problemas ainda maiores.

E: Acha que o dinheiro que ganha é suficiente para satisfazer as suas necessidades?

G9: Não, nunca é suficiente (risos).

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G9: Varia muito de pessoa para pessoa. No geral, a relação tem-se levado, mais ou menos, a bom porto. Tem que se levar um prisma de respeito mútuo. Tem-se levado... Uns melhor, outros pior... Tenho colegas que às vezes não têm tanta paciência, outros têm mais, mas no geral dá para levar a coisa mais ou menos.

E: Acha que o tempo de reclusão tem uma influência positiva no comportamento do recluso?

G9: Depende da pessoa e do recluso em questão. Às vezes, em alguns, tem influência. Há pessoas, há reclusos aí que sentem mesmo o decorrer dos anos e acalmam. Há outros que pelo contrário, ficam um bocadinho mais... Sei lá... Agitados, incoerentes, depende...

E: E acredita que podem, de facto, ser reabilitados?

G9: Uma pequena parte. Para falar mesmo, uma pequeníssima. Aqui o apoio também não é muito bom, e lá fora quando se tem cadastro, a coisa fica muito pior.

E: Recorreria aos serviços de psicologia se tivesse essa oportunidade aqui no estabelecimento?

G9: Sim.

E: Sente que tem algum problema de saúde devido à sua profissão?

G10: Então não tenho? Tenho, tenho. Muito stress, muito nervoso. O nervosismo ataca-me o estômago... dá-me para tossir. Os nervos atacam-me o estômago... Já fui fazer uma endoscopia. Fico nervoso logo no dia antes de vir trabalhar.

E: Sente-se com energia quando acorda para enfrentar a sua vida diária?

G10: Não. Mais cansado do que quando me deitei. Tenho apnéia do sono devido a trabalhar muitas horas seguidas. Não consigo ter os sonos diários certos.

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G10: Faço, faço.

E: E como é que lida com isso?

G10: Com os turnos nocturnos lido bem, não lido bem é com as horas que sou obrigado a fazer. O estado diz que tenho de fazer uma média de 140h e eu tenho que fazer 240h.

E: Como se sente quando sai daqui?

G10: Sinto-me rejuvenescido por sair daqui (risos). Sinto-me contente por sair daqui mas cansado da noite que passei.

E: Considera que existe uma adequada divisão de tarefas ou que há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G10: Há pessoas mais sobrecarregadas que outras. Acho que os chefes não fazem nada e os guardas é que trabalham muito.

E: Considera que pode manifestar a sua opinião livremente?

G10: Não, somos logo perseguidos superiormente se formos contra o sistema. As chefias são prepotentes.

E: E considera que existem decisões arbitrárias ou um pouco vagas por parte dos seus superiores hierárquicos?

G10: Lá está, metade é prepotente, metade aceita diálogo. Estamos a falar aqui de catorze chefes ou dezasseis.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G10: Cumprir a justiça, a decisão judicial. Isto é o principal, depois vêm os subsequentes que é o trabalho que um preso dá... despesa ao estado, alimentação, higiene, saúde, educação... estes quatro factores já dão muito trabalho a muita gente e muita despesa ao estado.

E: O que considera que seria importante melhorar na instituição?

G10: Pôr os presos todos numa ilha, e que tivessem que lutar sozinhos para a sua sobrevivência, não dando qualquer trabalho ou despesa ao estado.

E: Reconhece facilmente as suas emoções? Por exemplo, quando está a ficar mais chateado, consegue perceber isso antecipadamente?

G10: Não, nem dou conta. Agora já nem me quero chatear com nada.

E: Considera que aquilo que recebe é suficiente para satisfazer as suas necessidades diárias e corresponde efectivamente às funções que desempenha?

G10: Não, o dobro de 15 em 15 dias ainda era pouco. O ordenado base é muito pouco para o que um guarda sofre a aturar os reclusos.

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos? Também sabemos que esta é uma faixa etária muito específica...

G10: Não confio em nenhum. Só pensam em roubar e fazer malandragens. São mais mal-educados, irreverentes... não respeitam o próximo.

E: Considera que este tempo de reclusão tem um impacto positivo no comportamento deles?

G10: Não. Só os piora, ao nível de conhecimento do mundo do crime.

E: Acredita que existe uma verdadeira reabilitação?

G10: Não. Eles aqui a dialogarem uns com os outros... os feitos do crime perante a realidade, para eles são feitos heróicos, gabam-se do que fizeram, estás a perceber?

E: Tem oportunidade para realizar actividades de lazer, aquelas actividades que lhe dão prazer?

G10: Não, não tenho tempo. A carga horária é demasiada.

E: E para estar com a família?

G10: Também não há tempo nenhum para isso. Eu sai-o daqui vou para o biscate.

E: Leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G10: Não, levo para casa. Ninguém me consegue aturar, falo alto sem dar conta para as pessoas... pronto.

E: E a última questão era se recorreria aos serviços de psicologia caso existissem para guardas, ou se não acharia necessário?

G10: Não. Os psicólogos não têm nada na cabeça, a não ser que fosse uma psicóloga que fosse guarda prisional ao mesmo tempo para sentir a realidade das situações. Estar atrás de uma secretária não é a mesma coisa que estar no terreno.

E: Muito obrigado.

E: Sente que tem alguns problemas de saúde devido ao seu trabalho?

G11: Se calhar o cansaço mental. Fisicamente também não é fácil.

E: Quando acorda sente aquela energia que tinha para vir trabalhar?

G11: Agora de manhã é complicado. E agora até falta de vontade de vir trabalhar.

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G11: Não, mas já fiz.

E: Que opinião tem acerca dos turnos nocturnos?

G11: Era mais complicado, era mais pesado. Por muito que a gente descanse, não é? Nunca descansa como em casa. E depois se chegamos a casa e não dormimos... Durante a manhã já é um cansaço enorme.

E: Considera que tem oportunidade para executar aquelas oportunidades que lhe dão prazer, as actividades de lazer?

G11: Sim, tenho para me distrair um bocado.

E: E sente que tem tempo para estar com a família?

G11: Tenho, nesse aspecto tenho. E tento não levar os problemas para casa.

E: Era o que lhe ia perguntar agora...

G11: É raro falar disso em casa. Às vezes pode ser pior ou pode ser melhor... Mas nunca falo.

E: Considera que há uma adequada divisão das tarefas ou que há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G11: Há. Há serviços mais sobrecarregados, há pavilhões mais complicados.

E: E neste momento sente que está nessa posição?

G11: Eu agora neste momento vou rodando, não tenho assim uma posição fixa porque não estou nas noites. Se calhar é melhor, para não levar sempre com os mesmos.

E: Considera que existem decisões um pouco vagas ou arbitrárias por parte dos seus superiores?

G11: Há incoerência. E há falta de cooperação entre colegas.

E: E isso depois reflecte-se no trabalho e dificulta?

G11: É... Reflecte-se no trabalho. Há um conflito de interesses entre a classe.

E: Sente que pode manifestar a sua opinião livremente?

G11: Não, penso que não.

E: Se pudesse melhorar alguma coisa, o que melhoraria?

G11: Penso que os aspecto do trabalho. Se fosse mais organizado por parte da chefia. Se houvesse maior organização, maior cooperação entre os colegas, o serviço corria melhor. Maior planeamento. Acontecem e não antecedem... Deixam acontecer e depois vai atrás. Funciona assim... Como o país.

E: Relativamente às suas emoções, considera que é capaz de reconhecer facilmente as suas emoções? Ou seja, imagine que está chateado, consegue identificar antecipadamente que está chateado e dizer a si próprio “Estou a ficar exaltado, vou ter mais calma” ou explode logo e só depois analisa a situação?

G11: Se calhar expludo mais do que explodia antigamente, não é?

E: Porque é que acha que isso acontece?

G11: O cansaço. Já mais sem paciência, depois de 20 anos começa a acumular. Às vezes tem que se respirar um bocado para a coisa voltar ao normal.

E: Considera que é bem remunerado e que consegue satisfazer as suas necessidades diárias?

G11: Penso que não sou muito bem remunerado para o serviço que desempenhamos. O ordenado dá para as necessidades básicas mas pouco mais.

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G11: Eles, cada vez mais... Como é que hei-de dizer? Têm mais experiência, cada vez mais novos... Começam mais novos. Chegam aos dezoito, dezanove já com muita experiência. São mais rebeldes. Mas também há os dois pontos. Depois há os africanos, os ciganos...

E: Esses grupos étnicos criam mais conflitos aqui dentro?

G11: Sim.

E: Acha que este tempo de reclusão tem um impacto positivo no comportamento dos reclusos?

G11: Penso que como isto está organizado, muito pouco. Nem dois por cento consegue sair daqui com outra mentalidade. Pelo contrário.

E: Então não acredita numa verdadeira reabilitação?

G11: Penso que eles deviam pôr para aqui um determinado recluso e não misturar com outros que apanham quinze, dezasseis anos que já são mesmo marginais. Os primários deviam ser separados e não são.

E: Uma separação por penas...

G11: Isso é... Se não é pelo mesmo coiso dos outros...

E: E sente que é mais difícil a reclusão com determinado tipo de reclusos que tiveram uma pena superior, comparativamente aqueles que tiveram uma pena mais reduzida?

G11: Tudo depende. Depende da pessoa e do crime.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G11: Tentar educar... Pelo menos aqui... Tentar que saiam do caminho porque entraram... Só que deviam aproveitar, não há aquele grau de exigência. Muitos vão para os cursos não fazer nada, vão lá só marcar o ponto. Lá não aprendem nada. Acho que devia ser mais exigente, haver uma selecção maior para entrar nesses cursos. Às vezes não há. Vão quem lhes interessa.

E: E uma última pergunta se, aqui existissem serviços de psicologia recorreria ou não acharia necessário?

G11: Eu acho que até fazia falta. Nós lidamos sobre pressão e às vezes faz falta uma conversa.

E: Tem problemas de saúde devido à sua profissão?

G12: Não. Penso que não.

E: Sente com energia quando acorda para vir trabalhar?

G12: Às vezes, nem sempre. É consoante o serviço só, mais nada.

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G12: Faço, faço.

E: Como é que lida com isso?

G12: Mal. Os turnos é uma coisa que mexe com qualquer pessoa... horários de dormir, horários de alimentação... mexe com a pessoa sempre... com o organismo, com a cabeça, com tudo. Durmo mal...

E: Considera que há uma adequada divisão de tarefas ou que há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G12: Não, aqui neste caso não. Está tudo dividido, noto eu que está tudo dividido.

E: E sente que pode manifestar livremente a sua opinião?

G12: Eu posso, aliás, não devia às vezes derivado à minha função no estabelecimento como delegado sindical, como membro do sindicato, mas tenho esse à vontade. Os superiores também medem alguma coisa, quando têm que falar em relação a mim, porque represento 110 guardas aqui, não é?

E: E sente que a sua opinião é “ouvida”? Que há uma reflexão sobre a mesma?

G12: Às vezes, nem sempre. Gostava que fosse mais, mas, infelizmente, não é. Contudo, tendo dar sempre pelo melhor, não é?

E: Considera que existem decisões um pouco vagas ou arbitrárias por parte dos seus superiores hierárquicos ou que há uma certa coerência entre eles?

G12: Sim, como é que eu hei-de explicar? Quem lida com uma parte de chefia, como eu, noto que há uma grande diferença, uma grande incoerência.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G12: Devia ser a reinserção, mas neste caso, como em muitos, nem sempre é. Temos que falar neste meio que nós vivemos aqui em Leiria. Este Estabelecimento Prisional de Leiria, além de ser especial, não é? É uma cadeia especial... lidamos com delinquentes... é muito complicado. É um meio onde hoje se está bem mas é sempre complicado para eles. É muito difícil... aliás andam a tentar fazer vários estudos sobre esta cadeia, em Leiria, sobre a reinserção, e os estudos já andam a ser feitos há anos e ainda não temos nenhum relatório sobre o sucesso e insucesso.

E: E que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos deste estabelecimento?

G12: Estes são muito especiais, porquê? São delinquentes, pronto... e quando são detidos, são inseridos num grupo de mais velhos, lá nas outras cadeias, logo não têm como se movimentarem. Quando vêm para aqui querem-se impor, e então, um quer ser superior ao outro sempre, derivado à idade, juventude e não sei quê... então os conflitos existem derivado a um querer-se impor ao outro, e então os conflitos estão sempre a existir.

E: E no trato com os guardas, sente que existe alguma diferença?

G12: Não, não. Derivado a estarmos todos os dias com eles, começa a haver... não é confiança, pronto, um conhecimento. Eles estudam-nos a nós como nós os estudamos a eles. Como nós os conhecemos, eles também nos conhecem muito bem. E às vezes torna-se difícil porquê? Derivado a nós lidarmos com eles, conhecemo-nos de uma maneira positiva e negativa, e eles também conhecem-nos e, então, torna-se muito difícil.

E: E acha que este tempo de reclusão tem um impacto positivo no comportamento deles?

G12: Eu acho que tem, mas negativo. Eles já vêm revoltados, já vêm de uma situação complicada lá fora, não é? Chegam aqui, apanham os *gangs* deles, os grupos deles e conseguem ter força. Como não há oposição em termos de chefia, de direcção, actualmente, sentem que podem fazer o que querem. Sabem que a punição nunca passa para além daquilo, nunca são punidos em termos judiciais... é muito complicado.

E: Acredita que há uma verdadeira reabilitação?

G12: Imagine, em cem podem haver três ou quatro.

E: O que acha que deveria ser melhorado no estabelecimento?

G12: Era mudar a direcção. Não funciona. Já tivemos aqui uma direcção, a última antes desta, que funcionou, para o bem e para o mal. Eles próprios sentiam-se de maneira diferente, sentiam-se protegidos, não tinham que se afirmar para se mostrarem. Eles próprios com o trabalho, não podiam ir para o mal, tinham que ir para outra forma e afirmavam-se dessa forma. E sei que havia sucesso, de

uma parte e outra. Durante o tempo em que tivemos a outra direcção e o outro chefe de guardas, a relação entre a parte da chefia e a parte dos guardas, funcionou.

E: Considera que aquilo que recebe financeiramente é suficiente para satisfazer as suas necessidades diárias e está de acordo com as funções que desempenha?

G12: Não, nada justifica. Se fosse hoje, não ia para guarda prisional. Se tivesse que optar, com conhecimento, não vinha para guarda prisional.

E: Reconhece facilmente as suas emoções? Por exemplo, quando está a ficar mais chateado consegue perceber antecipadamente que está a ficar mais irritado?

G12: Isso é uma situação um bocado difícil de perceber, só na altura. Naquela altura, ou somos, ou não somos; ou temos, ou não temos. É um bocado complicado essas situações.

E: Tem oportunidade de realizar actividades de lazer, actividades extra-trabalho?

G12: Sim, dentro do possível. Para a nossa própria saúde temos que ter isso, para aliviar e para descarregar. É uma parte que tem que existir mesmo. Mesmo que uma pessoa não tenha possibilidade, temos que puxar um bocadinho por isso.

E: E oportunidade para estar com a família?

G12: Também, também. É o mais importante acima de tudo, não é?

E: Leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G12: Isso é uma pergunta muito difícil. A minha esposa e a minha filha é que podem responder mas, aquilo que noto, é que levo. Principalmente, logo a seguir ao serviço, depois vai passando... mas logo a seguir nota-se.

E: Como é que se manifesta?

G12: Falar alto, as respostas muito rápidas, atitudes explosivas... sai na hora, depois mais tarde arrependemo-nos, mas... já está, olha.

E: E considera que esta tolerância tem vindo a diminuir com o tempo?

G12: Não, pelo contrário, tem vindo a aumentar, cada vez mais. Derivado à lei, pronto aquilo que andam a criar, leva-nos... eles não são punidos, são punidos de outra maneira e isso reflecte-se no estabelecimento prisional. São absolvidos, na há provas, na há coisas... e então, eles sentem-se com mais força, o que altera o nosso sistema.

E: E em casa, como sente que é este nível de tolerância?

G12: É igual, logo a seguir ao serviço, a nossa maneira de ser altera completamente.

E: Recorreria aos serviços de psicologia direccionados para guardas na instituição e se acharia necessário a sua existência?

G12: Como membro do sindicato, do conselho consultivo, há muitos anos que andamos a pedir apoio psicológico para os guardas. Temos muitos guardas com baixa psiquiátrica... temos um grande número de guardas, mesmo com problemas do foro psiquiátrico, basta ver em termos das taxas de divórcio no nosso serviço, é muito alto e, cada vez, vai aumentar mais. Queixas que existem em termos familiares, de guardas... situações e problemas familiares. Como não temos apoio de ninguém e de nada, tem que ser por nossa conta e risco. Posso dizer uma situação, devia haver um rastreio, todos os anos, aos guardas prisionais e eles só fazem se querem. Vemos guardas com vinte, vinte cinco anos de serviço, e está tudo bem, não é preciso nada... eles nunca tiveram problemas e está tudo bem. Devia haver um apoio em termos de saúde, um apoio psicológico, análises clínicas, electrocardiogramas... este foi feito por imposição minha, do sindicato, por causa das doenças, da tuberculose e outras mais. Quando foi feita, agora, a da vacina que era só para um grupo restrito, eu fiz pressão para ser quem quisesse, não só para aquele grupo restrito que era só 25%, depois alargou a toda a classe. Estamos num meio que, em termos de saúde, não temos apoio de ninguém. É por nossa conta e risco.

E: Uma vez que é um membro activo do sindicato, queria só perguntar se tem algo a acrescentar.

G12: Queria só dizer que a cadeia de Leiria, é uma cadeia Especial, derivado ao tipo de reclusos que nós temos aqui, que é um grupo especial, e nós somos vistos como uma cadeia normal. É especial só nos papéis, em termos de opinião pública é um estabelecimento prisional normal. As pessoas quando vêm notícias nos jornais “Leiria”, mas esquecem-se que Leiria é uma cadeia aberta, não tem muros, é uma cadeia especial, que tem jovens... uma média de 80% reclusos são angolanos, de origem africana, aí 5% ou 6% de etnia cigana e o resto, de um modo geral, estrangeiro. Porque portugueses aqui, mesmo brancos, temos um baixo número. Então temos aqui várias etnias e vários grupos, mas as pessoas vêm que a cadeia de Leiria, é mais uma cadeia. Esquecem-se que é uma cadeia especial, mas para as outras pessoas é só mais uma cadeia, não é uma cadeia especial.

E: Muito Obrigado.

E: Sente que tem algum problema de saúde devido ao seu trabalho?

G13: Neste momento não vou ao médico que é para não me arranjar doenças (risos). Os médicos é que arranjam muitas doenças.

E: Está tudo bem então... E sente-se com energia para enfrentar os dias de trabalho.

G13: Sim.

E: Faz turnos nocturnos?

G13: Já fiz. Neste momento não faço.

E: Era mais complicado, sentia-se mais cansado ou lidava bem com isso?

G13: Sim, havia mais cansaço ou falta de sono. Falta de sono ou de dormir. Mas depois de recuperar as horas de sono perdidas tudo funciona bem.

E: Sente que tem oportunidade para realizar actividades de lazer extra trabalho?

G13: Há, muitas. Monto a cavalo aos fins-de-semana quando vou à terra, trato dos meus bichinhos... Tenho o meu barquito que está acolá à venda, que faço pesca desportiva com ele, portanto, estou sempre bem-disposto.

E: Sente que tem tempo para passar com a família?

G13: Sim, sim.

E: Leva os problemas do trabalho para casa?

G13: Quando entro, os problemas familiares não existem, quando sai-o daqui para fora os problemas de trabalho também. Inclusivamente, quando vou à pesca com os meus colegas é expressamente proibido falar de serviço. Fala-se de pesca, fala-se de caça, fala-se de meninas, fala-se de tudo menos de trabalho.

E: E considera que existe uma adequada divisão de tarefas aqui no serviço?

G13: Adequada divisão de tarefas? Se calhar há, há é pessoas que se encostam mais do que outras.

E: Então existe uma divisão correcta as pessoas é que executam as suas tarefas...

G13: Quer dizer se calhar a divisão também não é tão bem feita quanto isso, mas se calhar as pessoas também se encostam um bocadito. Se calhar todos nós, não é? Se calhar quando há um serviço definido, as pessoas encostam-se “*olha vem lá o outro*”. Agora as tarefas que são dadas a cada um...

E: E sente que as decisões são um pouco arbitrárias ou vagas por parte dos seus superiores hierárquicos, ou sente que há uma certa coerência?

G13: Ah não, isso não. Às vezes tenho muita dificuldade em perceber o que é que eles querem. Hoje querem uma coisa e amanhã, ou melhor, nem é amanhã é logo a seguir, passados dez minutos, já querem a mesma coisa mas feita de forma diferente. E isso depois influencia o nosso trabalho.

E: Sente que pode manifestar a sua opinião livremente?

G13: Em quê?

E: Em tudo. Se quando não concorda com algo, por exemplo, sente liberdade para o dizer.

G13: Estou cansado disto, já são vinte e oito anos de serviço, mas também... É assim, eu se quisesse já estava reformado, já tenho idade suficiente... Já tenho cinquenta e cinco anos, já podia ir para a pré-reforma... Só que a gente também se habitua a estas coisas, a estar aqui... já vivo um bocado para moer a paciência aos outros e depois, claro, há sempre um corte de vencimento que faz falta.

E: Considera que é bem remunerado e que aquilo que ganha é suficiente para satisfazer as suas necessidades diárias?

G13: Olhe se calhar o dobro ainda era pouco. Mas vamos lá ver, se eu ganhasse o dobro, ainda era pouco. Normalmente, não chega, pensamos sempre que ainda é pouco. Mas se calhar, comparado com aquilo que muita gente para aí ganha, não está mal. A gente que há para aí pessoas a trabalharem como funcionários públicos que ganham, se calhar, um terço do que nós ganhamos. Está razoável.

E: Qual considera que é a principal função de um estabelecimento prisional?

G13: Este? Oh Diabo, aqui é fazer festas (risos).

E: (risos)

G13: Aqui é fazer festas e actividades. Esquecem-se muito daquilo que é a parte fundamental, a segurança. Festas, festas, actividades... Não tenha dúvida de que é isto.

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G13: A minha relação com eles é normal, como com outra pessoa qualquer. Embora, neste momento, a qualidade deles seja muito pior do que há dez anos atrás. São mais... Como é que lhe hei-de explicar

isto sem ser assim um bocado bruto? Antigamente, se calhar o recluso que vinha para aqui era um bocado “tapado”, digamos assim. Metia-se no crime, se calhar por ingenuidade, para acompanhar outras pessoas lá fora, mais velhas. Agora não. Estes rapazinhos novos de dezasseis anos, já pegam em caçadeiras, assaltam bombas, roubam, matam... Já fazem trinta por uma linha. São, chamemos-lhes, mais perigosos.

E: E acha que este tempo de reclusão tem um impacto positivo no comportamento dos reclusos?

G13: É assim, olhe... Eu aí sou um bocado... Nada! O tempo de reclusão deles, só serve para livrar a sociedade de crimes nesse tempo em que eles estão aqui presos. Eles vão lá para fora e, salvo raras excepções, (como já disse ando aqui à vinte e oito anos), ainda... a não ser aquele criminoso por acidente... Sei lá, que deu um tiro, matou um vizinho, um amigo... não é acidente, aquilo é que foi um acidente no percurso dele...

E: Sim, uma situação única...

G13: Sim. Agora todos esses indivíduos que estão presos aí por tráfico de droga, nunca fizeram nada, nunca tiveram uma família, nunca estiveram inseridos na sociedade, não vão lá. Por muitos cursos de podadores que dão aqui, deve ser para ir podar o parque Eduardo VII, electricistas, deve ser para montar aqui as lâmpadas, canalização, isso tudo... Santa Bárbara que é a unidade livre de drogas que há aqui... Nunca vi ninguém recuperado. De Santa Bárbara mesmo, nunca vi nenhum recluso que saísse de lá recuperado. Vão, saem, voltam, saem, voltam, saem... e entretanto vão em liberdade e continuam como toxicodependentes. Nada! Mas atenção, há uma percentagem em que o crime, foi apenas um acidente no seu percurso.

E: E a relação é mais difícil com esses primeiros, ou com estes últimos de que me falou?

G12: Normalmente, estes últimos são indivíduos que cumprem as regras todas. Mas nós, institucionalmente, não podemos olhar aquilo que eles fizeram. Desde que as pessoas se comportem, aqui dentro, pelas linhas definidas pela instituição, são tratados da mesma maneira. Se calhar, quando eles vão a conselho técnico para lhes ser dada uma liberdade condicional, ou uma saída precária prolongada, se calhar eles são penalizados pelo crime. Mas aqui dentro não.

E: Sim, eu compreendo, porém, o que eu queria saber era se a relação é mais difícil com esses indivíduos com penas superiores...

G13: Não, pelo contrário. A relação é mais difícil com aqueles que não tiveram uma relação familiar, vá... Um acompanhamento familiar bom, foram meninos de rua. Há-de reparar que a maioria dos reclusos daqui são afro-europeus, que para mim são pretos. Portanto, que tiveram pais alcoólicos, prostituição, sem trabalho, que desde os dezasseis anos começaram a andar na rua, que roubavam uma

maçã ou uma pêra ali, pronto... isto é o que, ao longo de muitos anos, foi a vida deles, o porquê de terem entrado na vida do crime. Sozinhos, com pais bêbados, mais ausentes, deixavam-nos sozinhos... É mais difícil com esses. Não têm regras. Mesmo que se a gente disser “*olhe não pode fazer isto*”, ele diz que sim e passados cinco minutos está a fazer o contrário.

E: E acredita que, de facto, há uma reabilitação?

G13: Nesses? Não, não acredito. Porque repare, eles não perdem nada. Já é difícil arranjar quem quer trabalhar e que não esteve preso, se calhar quando este individuo sai da prisão já não é a primeira vez, já levam um rasto, vai pedir emprego a onde? Quem é que lhe vai dar emprego? Primeiro porque tirou aquele curso de formação de electricista e se calhar não sabe montar uma lâmpada, e isto foi uma maneira de andarem a ganhar 500€ por mês, num curso de formação profissional. Eles querem é vir para a rua, se calhar para fumarem um charrozito, uns dvd's, ou arranjar tabaco. No fundo não tiram um aproveitamento. Se, neste momento, fosse mandar fazer uma canalização da mais simples a esses que andam nesses cursos, eles não conseguem fazer. Já com o rótulo de criminoso e sem saberem fazer nada, quem é que lhes vai dar trabalho?

E: Reconhece facilmente as suas emoções? Ou seja, quando sente que está a ficar chateado consegue reconhecer isso e tem calma, ou se explode...

G13: Não, eu costumo dizer que o meu motor de arranque trabalhe com uma bateria muito lenta. Quer isto dizer que eu tenho muita paciência até determinado ponto, a partir desse ponto já não tenho paciência. Expludo facilmente. Aliás, expludo mas sempre com a consciência daquilo que estou a fazer. Por exemplo, há aí um individuo qualquer que diz “*eh não tive visita*”, já aconteceu, e a gente tem alguma culpa que a mulher, ou esposa, ou mãe não venha cá e não lhe traga as bananitas? Ele chega à noite e “*ah não me quero fechar, eu hoje não me fecho, a minha mãe não me veio visitar hoje não me fecho*”, eu chego lá “*que culpa tenho eu que a sua mãe não o tenha vindo visitar*”. Eu sou capaz de estar ali cinco ou dez minutos a dar-lhe paleio, mas depois digo “*ou vai para a cela, ou vai, ou vai*”, quer isto dizer que ou vai a bem ou vai a mal. E pronto quando ele não quer ir a bem, digo a dois colegas “*levem-no para a cela*”. Já não tenho paciência para estar ali “*nhanhanha*”, uma hora. Há um tempo de negociação e a partir desse tempo só há acção.

E: E esse tempo tem vindo a diminuir ou sempre foi assim?

G13: Não. Normalmente é dez minutos. É um hábito já.

E: Se existissem serviços de psicologia, aqui, para os guardas, recorreria ou não acharia necessário?

G13: (risos). Eu tenho um primo meu psiquiatra, e quando vou fazer uma consultazinha com ele, eu vou lá só para lhe dar um abraço e beber um whisky com ele. Se aqui houvesse serviços de psicologia,

se calhar eu... Nós quando estamos doentes não sabemos, primeiro... Epá eu não queria ser assim muito... (sussurra) mas eu não acredito muito nos psicólogos, não sei porquê.

E: (risos). Ok, muito obrigado pela sua colaboração.

E: Tem algum problema de saúde devido à sua profissão?

G14: Agora ultimamente uma pessoa sente... sente dificuldade... Agora uma pessoa também já não tem 30 anos, não é? Conforme a idade vai avançando uma pessoa sente-se mais cansado e, muitas vezes, stressado também. Uma pessoa já não se sente tão à vontade como se sentia antigamente, não é?

E: E quando acorda sente que tem energia para vir trabalhar?

G14: Já houve mais essa energia, já não há tanta energia como havia. Mas há sempre aquela vontade de ir trabalhar porque é a nossa profissão, não é? Mas já há uma certa dificuldade...

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G14: Já fiz.

E: Como é que lidava com isso na altura?

G14: Os nocturnos evidente que é mais difícil. Uma pessoa passa muitas horas de serviço, em vigilância... tem pouco tempo para descansar, e mesmo o tempo que tem para descansar, não dá para uma pessoa estar descansada. Não tem condições, nem conforto nem nada para descansar. Uma pessoa que se interesse pelo serviço não dá para dormir no serviço, nem para descansar, está sempre com cuidados e isso tudo. O dia a seguir era um bocado complicado... descansar, muitas vezes cheio de sono e com muitas dificuldades para conseguir dominar o sono.

E: Considera que existem decisões um pouco arbitrárias ou vagas por parte dos seus superiores ou que há uma certa coerência entre eles?

G14: Acho que são um bocado vagas. O problema que há é que nem todos são unânimes... uns põem uma questão, outros já põem outra, uns respondem de uma maneira, outros já respondem de outra, não são todos coerentes. Devia haver mais seriedade entre nós e, infelizmente, não há.

E: Considera que pode manifestar livremente a sua opinião?

G14: Sim, porque a minha experiência de vida também permite isso. Os anos de serviço também me permitem falar à vontade, seja com quem for, expor as minhas posições, aquilo que esteja mal, aquilo que esteja bem... Também tenho sempre uma palavra a dizer, nesse campo até acho que sou muitas vezes ouvido.

E: E acha que há uma adequada divisão de tarefas ou que há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G14: Sim, talvez porque infelizmente não temos pessoas à frente dos serviços que saibam dirigir convenientemente os serviços, que saibam dividir as tarefas dos guardas. Se houvesse um grande chefe, ou um encarregado nomeado por ele que soubesse fazer a divisão correcta do pessoal, tudo seria mais fácil. Infelizmente não há.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G14: Esta prisão, quando isto foi feito, isto era para integrar reclusos menores e para os preparar para a sociedade. Só entravam reclusos com pequenos delitos, com pequenas penas, hoje em dia já entram com todas as penas. Já entram para aqui preventivos e esta cadeia nunca aceitou preventivos e, normalmente, é para os preparar para estarem integrados na sociedade mas hoje isto já nada do que era é agora. Isto agora já é uma cadeia normal.

E: Se que acha que poderia ser mudado no estabelecimento?

G14: Talvez as instalações... parte das instalações, a disciplina, e quando falo em disciplina, começar logo pela parte dos guardas, porque há muita indisciplina. Devia haver guardas formados e então aí podíamos exigir disciplina aos reclusos. E em terceiro lugar a alimentação, melhorar a alimentação. Acho que estas três coisas são as principais.

E: Considera que aquilo que recebe é suficiente para satisfazer as suas necessidades e é adequado face á função que desempenha?

G14: Sim, eu nunca fui uma pessoa que... é assim o pobre satisfaz-se com qualquer coisa, não é? Mas eu acho que neste momento, estar no nosso serviço ganhou bem, é satisfatório.

E: Considera que consegue reconhecer facilmente as suas emoções? Por exemplo, se está a começar a ficar irritado consegue perceber isso?

G14: Eu quando me chateio ou alguma coisa corre mal ou isso, sou um bocado explosivo. Mas a partir de um certo momento, depois tudo acalma, tudo passa e consigo dominar as minhas emoções. Sempre fui assim, mas agora ultimamente também é um bocadinho mais difícil ultrapassar certas barreiras que antigamente era mais fácil. Agora com a idade também, o tempo já nos serviços, já custa, já falha um bocadinho... Com a idade a pessoa já nem tem a mesma agilidade que tinha e isso torna um bocadinho mais difícil. Os anos já são muitos, já são 30 anos de serviço e isso já é uma carreira longa, marca muito uma pessoa. E a nível de saúde, já há certos sintomas de saúde... já não tenho aquela agilidade que tinha antigamente, já tenho que fazer as coisas com uma certa calma, já demoro mais tempo a desempenhar seja a função que for, já não é aquela rapidez que havia. Consigo atingir os objectivos mas mais lentamente. Às vezes chateio-me enervo-me por ser mais lento mas as nossas forças também já não nos permitem agir ais rápido, não é?

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G14: Aqui há vários tipos de reclusos. Há aqui os reclusos que vieram para aqui e tiveram a infelicidade de vir, nem tiveram se calhar um advogado que os defendesse, se tivessem não estaria aqui. E há aqui reclusos que estão aqui com grandes penas e que a vida deles vai ser continuar nas prisões e estes são os indivíduos que nos dão certos problemas. Estragam-se a eles próprios, eles já estão estragados, não é? E estragam os colegas, aqueles que se querem recuperar, que se querem reintegrar não sociedade, não conseguem. São atropelados por estes indivíduos que são estes tais ditadores, estes cabecilhas, estes pintarolas como eles dizem, e é um bocado difícil.

E: E acha que este tempo de reclusão tem um impacto positivo no comportamento deles?

G14: Tem, tem em alguns mas a maioria deles, eu diria 60% sai pior daqui do que entra. Os anos que eu tenho de serviço permite-me ver isso, vejo que tenho lidado com indivíduos que parecem ser bons rapazinhos, uns reclusos educados, responsáveis e passado meia dúzia de meses, um ano, já está pior do que aquilo que era. Deixa-se influenciar, e parte dessa influência é o medo que tem o branco do preto, o preto dos escuros... ou eles se associam ou a vida deles vai ser um inferno. E então esses indivíduos, esses fracos, que são uns fracos, como andam cheios de medo e não se podem dominar a eles próprios, têm que se juntar ao grupo dos fortes. E é quando começam esses pintarolas a dominá-los. Que são... tu vais fazer isto, tu vais fazer aquilo... a trabalhar para eles. O fraco que trabalhe para o pintarola porque o pintarola nunca é apanhado em fraga, quem é apanhado é sempre o pequenito. Agora também há muitas raças também, é nigerianos, é moçambicanos, são moldavos, são muitas raças... e esses nunca se dão bem uns com os outros, há muitos conflitos nas prisões por causa disso.

E: Acredita que há uma verdadeira reabilitação dos reclusos?

G14: Não, não acredito na reabilitação desses indivíduos. Esses não acredito, não tenho fé nenhuma porque eles não mostram e não dão mostras cá dentro de que vão ser reabilitados. Como disse, pode haver 40% que se reabilitem mas a maioria não. Se não for novamente preso passado um mês ou dois, um ano ou dois, a vida dele vai continuar na mesma.

E: Considera que tem oportunidade para realizar actividades de lazer, que lhe dão prazer?

G14: Já tive mas agora a idade também já não me permite. Já não me permite ter outras tarefas para além do meu serviço. O serviço já me desgasta, já é bastante horário, já é bastante sobrecarregado.

E: E para a família? Considera que tem tempo para estar com a família?

G14: Julgo que o tempo é o menos que temos para a família, havíamos de ter mais tempo para a família mas... normalmente o emprego consome-nos bastante tempo, temos pouco tempo com a família.

E: Leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G14: Não. Os problemas do serviço é para ficarem cá no serviço e os de casa é para ficar em casa. Isso pus sempre há parte, os de casa em casa, e os do serviço é no serviço. Não crio problemas, nunca misturei. Mas às vezes uma pessoa sente-se saturada, muitas vezes cansado daqui, há dias em que uma pessoa não vai bem-disposta, mas não posso descarregar na família... a família pagar pelos erros que são meus, de cá dentro, e não os vou levar para a família. Sempre deixei isso claro à família, que os meus erros aqui... mas às vezes acontece...

E: E a última questão é se recorreria aos serviços de psicologia se existissem aqui para guardas?

G14: Eu recorria porque já recorri também já andei a ser acompanhado por psiquiatras e tudo. Também é complicado porque os anos vão passando e uma pessoa sente certas dificuldades, tem que começar a ser tratado. Eu acho que nenhum indivíduo devia entrar aqui sem uma avaliação em psicologia. Aliás, eu quando entrei para aqui, em 80, fiz também um teste de psicologia.

E: Obrigado.

E: Sente que tem algum problema de saúde devido ao seu trabalho?

G15: Não, para já não. O tempo que cá estou, há dez anos... A gente às vezes chateia-se um bocadinho mas não... Para já não noto nada de especial.

E: Então sente-se sempre com energia, cada vez que vem trabalhar...

G15: Sinto-me com energia porque eu também sou desportista. Faço desporto lá fora, levo a vida... Isto aqui é como... Tento encarar a vida como sendo isto um *part-time*, que não é um *part-time* porque é a minha vida, eu recebo o meu ordenado... Mas tendo levar isto mais, como a gente costuma dizer, na desportiva, está a ver? Por isso é que também tento não stressar muito, embora, às vezes, haja dias complicados também há outros dias que compensam.

E: Faz turnos nocturnos?

G15: Faço, faço. É o meu turno hoje.

E: Como é que lida com estes turnos nocturnos?

G15: É assim, aqui há dez anos atrás, também a idade era diferente. Eu, actualmente, tenho trinta e cinco anos, já me custa agora mais as noites. Os dias passam-se bem, a gente tem sempre qualquer coisa para fazer e estamos sempre ocupados. A noite é mais chato, porque são os turnos, dorme-se pouco, tem que se fazer rondas, tem que se ver se está tudo ok com os presos ou o pavilhão, inclusive se não há problemas, algumas vezes durante a noite. Acaba-se por dormir pouco. O que eu sinto que me estraga mais em termos de serviço são as noites, fora das noites os dias passam-se razoavelmente bem.

E: Depois como é o dia seguinte a uma noite?

G15: O dia a seguir... quando a gente tem oportunidade para descansar, descansa-se, especialmente quem não tem filhos em casa. Eu tenho duas garotas pequenas é impossível dormir em casa porque às 6h e tal, 7h da manhã elas já andam por lá a fazer barulho. Mas normalmente não tenho muito o hábito de ir dormir mas às vezes senão dormir, ou dormir pouco, sinto que no outro dia ando mais cansado. É diferente. Mas às vezes se eu tiver oportunidade para descansar um bocadito também aproveito, só que nem sempre é possível.

E: Considera que existe uma adequada divisão das tarefas na instituição?

G15: Isso é uma pergunta complicada. Isso é uma pergunta complicada até porque há aqui serviços diferentes. Há serviços que, se calhar, se faz mais um bocadinho, e há outros em que se faz pouco. Às

vezes depende do local em que estamos colocados, normalmente, às vezes roda, nem estamos sempre nos mesmos sítios. Eu agora até tenho uma vida mais facilitada no pavilhão em que estou, na unidade livre de drogas, são poucos presos. Inclusivamente, agora, foi quase tudo de precária no natal, tenho lá quatro presos. Já não tinha lá muitos, tinha lá doze, agora só tenho quatro. Também não se passa praticamente nada. Enquanto que há aí outros pavilhões que têm trinta e tal e quarenta presos, onde os problemas são mais fáceis de aparecer. Depende de onde nós estamos. Eu já estive num pavilhão complicado, que era o pavilhão da "Simples", agora estou num pavilhão mais calmo. Provavelmente, agora quando sair das noites e voltar a entrar vou para um outro pavilhão. Funciona um bocado assim. Às vezes temos uns dias melhores, depois há outras alturas mais complicadas.

E: Considera que existem decisões um pouco arbitrárias, ou um pouco vagas por parte dos seus superiores?

G15: Isso é um pouco complicado. Às vezes há decisões que não agradam... Eu sou apologista de uma maior disciplina, tanto nos guardas como nos presos. Faz muita falta a disciplina. Eu fui militar durante seis anos e acho que não há disciplina, percebe? A disciplina é uma palavra muito abrangente. A disciplina engloba tudo: os hábitos de higiene, os hábitos de educação, os hábitos dos horários, os hábitos de cumprir as regras... tudo isso é disciplina. Mas não é fácil incutir esse espírito nas pessoas porque há pessoas que não têm essa noção, outros têm essa noção mas não o fazem no dia-a-dia. Eu acho que isto podia funcionar melhor, o estabelecimento, se houvesse mais disciplina, tanto na parte dos guardas, no serviço da vigilância, como dos presos. Ou seja, nós para podermos exigir temos também que dar o exemplo. Embora eles sejam rapazes novos, e é muito complicado trabalhar com este tipo de presos porque são rapazes novos... Muito exaltados, percebe? Aquela idade muito rebelde em que a gente faz tudo, e parte tudo, e... É complicado.

E: Queria-lhe perguntar, então, se pudesse melhorar algum aspecto, o que melhoraria?

G15: Ah melhorava muitas coisas, não é? Melhorava muitas coisas. Em termos de disciplina, o regulamento interno é uma coisa que eu mudava, sem dúvida. O espaço físico da cadeia também precisava de sofrer grandes alterações para haver mais segurança. Dar condições a eles para podermos exigir que eles cumprissem as coisas como nós queríamos. Também tínhamos que lhes dar as condições, não era? Se eles também não as têm, nós também não podemos exigir certas coisas. Mas acho que o factor disciplina para mim é essencial. Com a disciplina as pessoas acabam por incutir aquele espírito. Se cumprirmos as regras, e cada um cumprir o que tem a cumprir, não há nada a dizer.

E: Acha que pode manifestar a sua opinião livremente?

G15: É complicado, sabe? Há muita coisa que a gente pensa e não pode dizer. Aliás isto é em todo o lado não é só aqui. Há muitas coisas que pensamos e que não se podem dizer porque as pessoas podem

encarar de uma outra forma, percebe? Por exemplo, podemos ter opiniões construtivas à cerca de uma determinada coisa mas as pessoas podem não achar assim. Podem achar que é destrutivo, ou que estamos mal intencionados, ou que estamos a falar mal de... Como isto é um meio pequeno e nos conhecemos todos, as pessoas aqui funcionam um bocado como os grupos, os segredos e o diz que disse, o falar do outro, percebe? Eu prefiro ficar um bocado à parte disso. Aquelas coisas que se podem falar, que são do conhecimento geral, nós falamos. Mas há coisas que eu penso e não as digo porque sei que não caem bem. É assim.

E: Consegue reconhecer facilmente as suas emoções? Ou seja, quando está irritado consegue reconhecer antecipadamente que está de facto irritado e depois criar estratégias para se acalmar ou explode imediatamente?

G15: Não, não sou muito esse caso. Eu sou muito racional. Exalto-me, tenho os meus momentos, tenho a minha maneira de estar e de pensar como qualquer um de nós. Já me exaltei muitas vezes, porque por vezes as condições levam a isso, mas felizmente a parte racional ainda se sobrepõem. Consigo sempre ponderar os dois lados, até à data pelo menos. Embora, às vezes, surjam situações mais complicadas ainda consigo sempre usar a parte mais racional para tentar resolver os problemas.

E: Considera que ganha o dinheiro suficiente para satisfazer as suas necessidades?

G15: Considero. Nós guardas prisionais não somos mal pagos. Temos um ordenado bastante razoável e aceitável, aliás eu costumo dizer aos meus colegas *“você não se queixem daquilo que ganham, nós estamos muito bem”*. Temos um horário flexível, porque isto também é considerada uma profissão de desgaste rápido, temos um horário mais ou menos que compensa. O ordenado, não podemos dizer, porque há muita gente que para ganhar o nosso ordenado tem que trabalhar de segunda a sexta, e trabalham bem mais do que nós. Eu costumo dizer que, eu não preciso que me dêem mais, eu só preciso que não me tirem aquilo que eu tenho. Penso que é por aí. Não nos podemos queixar porque nós não estamos assim tão mal.

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G15: É assim, sabe que a minha opinião varia de estabelecimento para estabelecimento. Eu trabalhei no Estabelecimento Prisional de Lisboa, trabalhei no Estabelecimento Prisional de Caxias, que são estabelecimentos centrais com muita população, muitos presos. Aqui são menos, e isto são idades até aos 25 anos, o que é diferente. Estes presos, aqui, dão muito mais trabalho do que os presos com outras penas e com outras idades. Tanto que quando me apresentei aqui, fiz mais participações em dois meses e meio que cá estive, do que na minha vida toda de guarda. Não se está a ver...

E: Há quanto tempo veio para o Estabelecimento Prisional de Leiria?

G15: Desde Abril, faço um ano breve. Porque é como eu estava a dizer, a idade deles... São miúdos muito problemáticos, com idades problemáticas das zonas de Lisboa e do Porto, muitos grupos, muitos presos agarrados a muita medicação... Falta-lhes o tabaco, falta-lhes a medicação... São coisas que estes presos, nestas idades, dão muito valor. É como a televisão, que para eles tem um grande valor, a *playstation*... E depois há muitos conflitos entre eles, porque também são de muitos bairros. É muito complicado. Muitos deles têm pouco disciplina, ou nenhuma, foram criados em condições muito adversas também e, às vezes, não é fácil lidar com eles. Esta é uma idade muito complicada. Os problemas aqui são quase diários.

E: Mas acredita que o tempo de reclusão tem um impacto negativo no seu comportamento?

G15: É assim, ninguém pode dizer que não altera o carácter ou a maneira de estar, eu já não sou uma pessoa tão alegre como era antes...

E: Não o seu, o dos reclusos...

G15: Ah! Não sei, é provável. É provável, isto sofre sempre alterações, tanto da parte deles como da nossa. Mas penso que... eu volto outra vez à história da disciplina, podíamos tentar-lhes ensinar alguma coisa, se bem que é complicado.

E: Acha que eles conseguem retirar algo daqui que lhes permita uma posterior reabilitação?

G15: Não acredito muito nisso. Não acredito muito nisso, até porque da experiência que tenho de guarda, muitos são reincidentes e voltam a cair outra vez na mesma. Há presos, inclusive, que a gente vê duas e três vezes, que saem lá para fora e não tem qualquer apoio. O meio para onde vão é o mesmo, está a ver? Os amigos para onde vão são exactamente os mesmos... Há, aqui, rapazes bons que a gente vê que têm conhecimento das coisas e até compreendem. Só que depois, falta-lhes e força de vontade, são muito jovens... lá fora é fácil irem por maus caminhos. Por isso é que eu acredito que são muito poucos. E é uma realidade, é uma minoria os que saem e que conseguem fazer alguma coisa de bem na vida, ou arranjam um trabalho, pronto... conseguem integrar-se na sociedade da melhor maneira. Mas são muito poucos, acredite que são muito poucos.

E: E como é que este tempo de “reclusão” o afecta também a si? Há pouco começou a falar-me também desse aspecto...

G15: Eu era uma pessoa mais alegre antes de ser guarda prisional. Levava as coisas... Tinha outro sentido de humor, era muito brincalhão, aliás eu gostava de contar anedotas... Era de outra forma, tinha outra maneira de estar. Quando comecei a conviver com reclusos, ganhamos um carácter... endurecemos um bocado, não sei se me faço entender... ficamos mais endurecidos... não nos rimos tanto, o que também é inerente à nossa profissão, somos forças de segurança temos que manter uma

postura mais militarista, não há tantos sorrisos. O carácter endurece-se. Há conflitos, muitas vezes, entre presos e guardas, e vamos desenvolvendo uma postura mais endurecida.

E: E enquanto militar já era assim?

G15: Enquanto militar era a disciplina, já não eram presos, era uma população diferente. O recluso vem de lá de fora e vem agressivo, vem contrariado, vem frustrado e, depois, aqui dentro demonstra isso. Enquanto que na minha vida militar era, simplesmente, disciplina, era mais esta a preocupação. Cumprimos as regras, não havia estes problemas dos presos. São mundos diferentes.

E: Considera que tem oportunidade para realizar actividades extra trabalho, actividades que lhe dêem prazer?

G15: Sim, considero. Aliás, eu nas minhas folgas tento andar sempre ocupado com alguma coisa. Faço desporto porque sou atleta federado de atletismo, então faço bastante desporto. Nos fins-de-semana, normalmente, tenho sempre provas. Vou quando posso, até porque também tenho que estar com a família, nem sempre posso. Tento manter o tempo ocupado, até porque nem gosto de estar em casa. Gosto de estar em casa quando preciso de estar em casa... Se as minhas filhas estiverem em casa, estou com elas, se elas estiverem na escola, opto por fazer qualquer coisa para andar ocupado. Acho que se deve ocupar o tempo, senão acaba por perder a piada e há sempre coisas interessantes que se podem fazer.

E: Considera que tem tempo para passar com a família?

G15: Muito pouco. Se falar da minha mulher e das minhas filhas sim, agora o resto da minha família está toda longe. Actualmente, a minha família mais próxima são a minha mulher, as minhas filhas e a minha sogra. Quase não convivo com mais ninguém. A minha família está no Alentejo, e só vou lá uma vez por mês ou uma vez de dois em dois meses. Mas pronto... falo com eles por telefone, é preciso é que estejamos bem, onde quer que estejamos.

E: Considera que leva os problemas relacionados com o trabalho para casa ou consegue fazer bem a distinção?

G15: Não. No princípio, às vezes, ainda íamos para casa e falávamos disso. No meu caso é complicado porque somos os dois guardas e há sempre coisas de que se falam. Por vezes estamos os dois o dia inteiro de serviço e só nos encontramos à noite. E às vezes há coisas que vêm sempre à conversa porque fazem parte do nosso dia-a-dia. Ao fim e ao cabo é o nosso trabalho, não conseguimos ficar indiferentes. Mas tento não pensar muito no trabalho e tento abstrair-me porque estou com a família e quero pensar noutras coisas.

E: Há pouco disse-me que se tornou menos alegre, isso também se reflecte no convívio com a família e com os amigos, fora do trabalho?

G15: É assim, nesse aspecto não direi porque penso que tenho sido sempre a mesma pessoa, embora tenha mudado um bocadinho. Mas, se calhar, esse comportamento é mais aqui, enquanto estou no trabalho porque lá fora consigo manter o meu grupo de amigos, a minha maneira de ser. Mas penso que mudei bastante desde que sou guarda prisional, porque antes brincava com tudo, levava as coisas mais na brincadeira, mais no gozo, mais no sentido, agora, levo as coisas um bocadinho mais a sério. A idade também mudou, não é? Penso que é mais aqui no trabalho do que lá fora.

E: A minha última pergunta é se recorreria aos serviços de psicologia para guardas, caso existissem no estabelecimento?

G15: É assim, se eu achasse necessário sim. Só nessa medida, tirando isso não. Penso que é sempre bom a gente falar com outras pessoas que têm outras opiniões, outras maneiras de estar, outros conhecimentos. Penso que, quando nós temos uma dúvida entre nós, ou entre nós próprios é bom aconselharmo-nos com quem nos possa dar uma ajuda, mais que não seja um apoio. Porque às vezes o desabafar, ver as coisas noutra perspectiva também nos faz bem. Penso que nesse sentido, se precisasse, não tinha problemas nenhuns em recorrer.

E: E pronto... Muito obrigado.

G15: Obrigado também.

E: Tem problemas de saúde devido à sua profissão?

G16: Às vezes com o temperamento é que fico um bocado... Mas pronto... Com o cansaço e com a situação... com o serviço, com a vida particular se anda um bocadito mais agitada, às vezes fico com o ritmo alterado mas depois com o tempo passa... Ainda há pouco tempo andava com insónias, não conseguia dormir bem. Já andava há muito tempo nas noites... Chegava acordar de manhã “*epá hoje estou de folga ou estou de serviço?*”. Já andava a ficar trocado.

E: Mas é frequente ter insónias?

G16: Sim, quando ando mais agitado.

E: E sente-se com energia quando acorda para vir trabalhar, ou às vezes é um bocadinho mais complicado?

G16: Quase sempre com energia. Mas é como lhe estou a dizer, quando ando mais saturado, mais cansado, ou certas injustiças que se fazem no serviço. Há muitas injustiças. São quase sempre as mesmas pessoas a fazerem os mesmos serviços... E há injustiças... E nessas coisas eu fico um bocado... Fico magoado. Isso abala-me, psicologicamente fico um bocado irritado. Acontece... as coisas não giram muito bem à minha volta, o serviço tem que ser feito e farei sempre aquilo que estiver ao meu alcance. E depois o que a mim mais me irrita é que alguns colegas... Um gajo vê que naquela situação até podem ajudar, um colega quer ir beber um café, quer ir à casa de banho e podem ficar ali um bocadinho... E estão ali... e podem muito bem fazer esse serviço e não fazem, estão sempre encostados uns aos outros. E às vezes um gajo tem serviços para fazer, tem mesmo aquela hora marcada e não pode ir, e depois há outro pessoal que pode, e podia desenrascar e não desenrasca. Estão sempre à espera de alguém. Não há entretajuda. Eles só pensam, única e exclusivamente, neles. Fico ali angustiada... E eu estou disposto sempre que haja necessidade e que eu possa fazer, ajudo. Eu não nego, só numa situação em que eu não possa mesmo. Como faço sempre, estão sempre habituados. Ainda ontem, aconteceu-me uma situação aí. Cheguei à chefia para ir embora e um subchefe que estava aí disse assim “*há uma rusga para fazer na confiança*”, e eu fui lá, mas era para ir todos. Mas foram só três ou quatro e os outros foram embora para casa. Quando chega a altura, o fim do mês, todos vão lá ao mesmo dia receber o vencimento. Fico chateado, fico alterado e altera-me o meu sistema nervoso, fico debilitado. Como missão, o serviço tem que ser feito. Alguém tem que o fazer. Eu sou uma pessoa que não nego trabalho, eu faço, não tenho problema nenhum em fazer. Só que se eu também começar a fazer como os outros fazem, alguma coisa fica para trás. Alguém tem que ser responsabilizado, eu acredito que isso devia acontecer, mas não acontece. Pessoas como eu, acabam por fazer, e como o serviço é sempre feito nunca chega à ruptura. Mas eu sou uma pessoa que

também tenho os meus limites. Quando chego à exaustão também sou o primeiro a dar o meu ponto fraco.

E: E consegue reconhecer bem as suas emoções? Quando sente que está a ficar chateado, percebe logo isso e tenta contrariar isso, ou explode e depois é que pensa?

G16: Muitas das vezes reajo, altero o tom de voz, fico comovido, magoado por dentro, mas depois com o passar do tempo tenho necessidade de... Mas depois aquilo passa com o tempo, passado uns minutos, uma hora... Se a mesma pessoa depois vier com boa disposição para mim, isso passou, a vida continua como se nada se passa-se, falo como se nada se passasse...

E: Nunca se chateia mesmo a sério, nunca se irrita?

G16: Sim, chateio e irrita-me mas interiorizo as coisas e fico um bocado magoado. Eu tenho aí situações com reclusos que me maltratam, se eu não fizer a informação de imediato, se a for fazer meia hora depois de acalmar, já não consigo descrever as coisas como se passaram. Começo com a situação de perdoar e não sei quê e já não... Começo a pensar, a interiorizar *“se calhar até não ser portou assim tão mal”* e acabo por não fazer a informação como devia fazer, porque não foi no acto. Já não sinto com a mesma intensidade. Mas em relação às outras situações não sou uma pessoa de guardar rancor. Só se me fizerem uma situação muito grave na minha maneira de ver, se for uma situação mais leve acabo por perdoar. Acabo por ir numa situação que não devia ser. Mas tenho consciência que as coisas não estão a ir bem. Sempre fui assim, deve estar aqui um gene qualquer que não está a funcionar.

E: Não sei se neste momento faz turnos nocturnos...

G16: Agora não, mas já fiz.

E: Como é que vivenciava essa situação?

G16: Tenho insónias. É a preocupação do serviço estar feito, e depois a gente começa a ver, começa a pensar... Uma situação, andamos um dia, o dia até correu bem, com duas pessoas que se entendem, correu bem, espectacular e até estou bem disposto... Mas pode haver uma outra situação, o serviço foi mais cansativo, correu mal, ou alguma coisa se passou e eu estou agitado e esse noite para mim, vai ser... Fico a remoer muito tempo e depois não consigo dormir. Só se estiver mesmo muito, muito cansado é que consigo.

E: Alguma vez recorreu a um médico devido a esse problema das insónias?

G15: Não, não digo que não daqui a mais uns tempos... Mas o que se passa comigo é que muitas vezes estou em casa a dormir e estou a sonhar alto, mas alto como se tivesse a falar consigo. Já me

aconteceu por várias vezes. Quando ando mesmo muito, muito cansado é isso que acontece. O cérebro está sempre a elaborar não descanso. Às vezes estou deitar a ver se consigo dormir, mas não consigo. Passados dois, três dias, quando começa a saturação é que cai-o na cama.

E: Considera que existe uma adequada divisão de tarefas no estabelecimento?

G16: Não há sobrecarga de tarefas, a situação é a que eu disse à bocado. As pessoas sabem o que têm que fazer, mas como há certas pessoas que sabem que há alguém que faz o serviço por elas, nem se preocupam com isso, nem com quem está a fazer o serviço deles. No fundo somos todos humanos, usamos todos uma farda e se cada qual fizesse o que devia... Olha passou-se uma situação destas ontem aqui. Eu estava de serviço a um pavilhão e fui convocado para fazer uma rusga, estava lá o senhor que tinha feito a noite. Tinha ido abrir uma ala, por que aquilo tem duas alas e abre-se uma de cada vez e comem à vez. Eu não tinha obrigação nenhuma de fazer nada porque estava de serviço noutra pavilhão. Fui buscar o número dos reclusos que ainda estavam fechados e ainda não tinham comido, fui dar-lhes o pequeno-almoço, dei-lhes a medicação e depois abri a ala para irem ao pequeno-almoço. Só depois fui fazer o outro serviço. E esse senhor guarda que estava de serviço lá, ficou muito sossegadinho onde estava sem fazer anda. Qual era o objectivo? A minha função era fazer o serviço para o qual fui solicitado, não era fazer o serviço dos outros. Como não sou capaz de dizer “*acabou, fechou*”, isto acontece todos os dias, a todas as horas. Eu aí reconheço porque perguntei “*vais lá tu ou vou lá eu?*” e ele claro disse “*vai lá tu*”, mas ele é que devia lá ir. O serviço é dele e é um serviço que até se faz bem porque só come uma ala de cada vez. Ele já tem vinte e tal anos disto, sabe muito bem como é que isto funciona. Mas reconheço que eles também são os primeiros a criticar-me.

E: Como é que se sente nessas situações em que depois o criticam?

G16: Lógico que fico um bocado preocupado, então mas só se lembram de mim nestes dias. Eu não sou pachorrento para estar num sítio sem ter nada que fazer, costumo dizer muitas vezes que “*não tenho tempo para estar doente*”. Irrita-me estar num sítio sem ter nada plausível para fazer, se eu estiver ocupado o tempo corre muito mais rápido. Não ter nada para fazer é uma situação preocupante e eu quero evitar isso. Há muita gente que se vier para aqui trabalhar e não fizer nada, sentem-se muito melhor. Há colegas aqui que, quando estou com eles em certos pavilhões, fico sempre renitente mas pronto faço o meu trabalho, mas tenho que ter uma atenção especial. Andam sempre a olhar para os outros, se estão muito tempo no café, o que é fazem, mas depois eles... No outro dia, estou-me agora a lembrar de uma situação em que eu pedi a um colega para ir mais cedo para fazer o serviço e esteve quase aqui uma hora no café a tomar o pequeno-almoço. Tivemos que estar à espera dele a segurar as pontas, não pudemos fazer nada. Não pudemos adiantar nada, às vezes fazer uma coisa cinco minutos antes adianta logo muito do resto, há menos stress depois.

E: Considera que existem decisões arbitrárias ou um pouco vagas por parte dos seus superiores hierárquicos?

G16: Há pessoas muito... há subchefes muito humanos. E todas essas pessoas sabem as polivalências de todos os guardas aqui. Com esta nova vaga de subchefes alguns foram nossos colegas e sabem as nossas potencialidades e sabem com quem podem contar. E têm consciência de que se o serviço for feito por certos guardas... À quarta-feira a situação é mais complicada, não é complicada, mas é uma situação que se tem que fazer com coerência e não sei quê, e estão dois, três guardas aí encostados e a chefia sabe que eles estão encostados e não os vão lá buscar. Porque sabem que se os puserem lá, o serviço não é feito de forma adequada, e não lhes dizem nada.

E: Mas acha que os chefes e subchefes comunicam entre si e há uma certa coerência ou cada um diz uma coisa?

G16: Há uns que eu conheço e há uma boa coordenação. E o que eles dizem está dito e nem se quer se discute. Há outros aí que até a maneira deles falarem já é uma situação já não é adequada, não se entendem. Não se preocupam, ficam um bocado atarantados e acabam por e alterar, mas nós também não ligamos. Há certas pessoas também com quem temos mais à vontade e falamos um bocadinho mais.

E: Sente que pode manifestar a sua opinião livremente, pode dizer aquilo que pensa?

G16: Sim, eu por norma digo aquilo que penso. As pessoas podem levar a mal ou não, pelo que faço ou transmito. Eu sou um bocado teimoso e, às vezes, quero fazer as coisas à minha maneira. Pronto... Não somos todos iguais e eu reconheço essa situação... Mas muitas das vezes, se vier uma opinião diferente da minha também sei ponderar... Se me disserem "*tem que se fazer assim*", eu também sou capaz de fazer, sendo superior hierárquico ou não sendo. Uma cabeça sozinha também não pensa tão bem como duas, por imposição própria também não vou dizer que "*tem que ser assim*". Se houver uma opinião diferente, porque não?

E: Se pudesse melhor alguma aspecto o que melhorava?

G16: Menos injustiça. As pessoas são todas iguais, todos trabalhamos. Muitas vezes paga o justo pelo pecador, quando é para dar alguma coisa, são sempre os mesmo que acabam por receber. Mas depois quando são os momentos mais críticos, são os primeiros a abandonar o barco. Estamos a falar em termos de escala. Eu por norma não sou uma pessoa de pedir, eu não peço. Eu gosto mais de dar do que receber e não peço. E se calhar é o mal. E como não peço deixo ao critério das pessoas que dirigem. Mas há pessoas que andam sempre lá a pedir e estão a ser muito beneficiados. Há sempre divergências, acaba por haver mal-estar. Têm folgas aí... e os outros são uns desgraçados. Os que fazem serviços difíceis são sempre os mesmos. Ainda pouco vinha a comentar com colegas que não

acho lógico, fiz três serviços – dois serviços aqui, outro na número um, dois pavilhões e depois regresssei ao pavilhão abaixo – então mas quer dizer... eu gostava de ver a escalas dos outros, não é o caso de ver a escala dos outros e fazer comparações, somos todos iguais, mas uns estão sempre nos sítios bons. Todos gostamos de estar em sítios bons, mas devia ser para todos. A lógica devia ser o consciencioso, que passassem todos pelos mesmos sítios.

E: Sente que recebe o dinheiro suficiente para satisfazer as suas necessidades?

G16: Eh... Sim. Não me posso queixar. Sempre fui uma pessoa que nunca pensei... O dinheiro em si não é muito, nós todos sabemos que não é muito, mas que o ministério e o governo fossem mais... Como é que eu hei-de dizer? Fossem mais coerentes e mais responsáveis. Já ando para subir de escalão há três/quatro meses, não há lógica, não há coerência. Eles vêem só para os lados deles. Se estamos em democracia devia ser igual. Todos pagamos impostos... Quando nós falhamos um dia ou uma semana ao estado, o estado cobra-nos juros, quando o estado falha connosco não cobra nada, quando chega não há retroactivos para ninguém. Senão fosse assim, se calhar nós andávamos com outro ânimo, o serviço todo no geral ia ficar todo muito mais consistente. Já andamos assim sem ânimo, parece que não, mas isso afecta muito o funcionamento do serviço.

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G16: Na minha situação eu, muitas vezes dou mais que... pronto... é a tal situação. O dom é o dom de dar, e eu dou demais. Às vezes abro excepções e entro mais em brincadeira, tendo levar isto na boa. Às vezes um recluso é mais mal-educado ou é mais agressivo comigo. Cerca de um terço são assim mais arrogantes. Mas também gosto de ver a ficha técnica, ver o temperamento para ver o que é que se pode tirar dali. Saber até onde se pode chegar ou não chegar, dar mais ou menos espaço.

E: Considera que este tempo de reclusão influencia de forma positiva o comportamento deles?

G16: Às vezes há situações em que não tiveram oportunidades e cometeram um crime, pronto, tudo bem... somos humanos. Temos que dar aqui a parte positiva para ver se eles... Mas na maioria das vezes é tempo perdido. Quem acaba por os estragar são os senhores doutores. A parte de psicólogos acabam por... Mas ele também não são culpados, o sistema já está implantado e vai dar nessa situação. Se houvesse mais educação, mais repreensão por parte de chefias, do director... Os reclusos que eu vi quando vim para cá há dez ou onze anos eram diferentes, eram mais homens, estes são muito meninos. Os psicólogos diziam alguma coisa e a gente orientava. Às vezes eles eram um bocadinho mais rebeldes mas a gente no momento conseguia impor algumas regras, eles sentiam muito mais a cadeia, agora não. Há muito mais liberdades, fazem asneiras mesmo cá dentro. Nós vamos lá cortar e depois vem alguém por detrás e dá outra vez. Aquilo que nós andamos um mês ou dois a tirar, eles num minuto ou dois vão lá e dão.

E: E acredita que há uma verdadeira reabilitação dos reclusos?

G16: Alguma, em certas situações. Muitos deles não têm acompanhamento e a cadeia é quase como que um curso. Vêm para cá sem habilitações e, quando cá passam adquirem habilitações para funcionarem lá fora. E aí progridem.

E: Mas sente que na maioria dos casos não regressam novamente?

G16: Se houver um acompanhamento aqui dentro... e eles vejam que não podem ir por esse lado e nós batalhamos aqui. E quinze por cento até são capazes de ir lá para fora e enveredarem noutra situação. Com outros, somos capazes de ter assim uma conversa na boa, e depois de cinco minutos já não ficou lá nada. Acaba por não dar nada. E depois há sempre os outros glutões que os conseguem apanhar, os dealers. Com a falta de acompanhamento não conseguem dizer não.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G16: A primeira função é racionalizar a situação das penas. Cometeram um crime, tem que cumprir uma pena. Depois há uma situação humana com a qual temos de colaborar. Mas muitas vezes a parte da direcção da cadeia, a chefia, a parte humana... se fossemos todos mais responsáveis e íntegros... Por exemplo, o recluso diz que quer falar com o chefe, às vezes é uma coisa banal nem é uma coisa importante mas quer falar com ele e o chefe diz que sim senhor, que fala com eles, e nós dizemos isto ao recluso, e depois não fala. E eu fico revoltado com essa situação. Na há coerência, ele falha. Eu acho que devia dizer *“eu hoje não tenho hipótese falo com ele amanhã, ele que diga lá o que é que quer, eu depois falo com ele”*. Era assim. Ainda há pouco tempo o chefe tinha aí dois caixotes perdidos de 2006/2007 de reclusos que nunca mais ouviu, alguns já tinham saído em liberdade. O que é que uma pessoa desse tipo vem exigir aos senhores guardas, que tenham um bom tratamento dos reclusos e que sejam profissionais? De onde é que vem o exemplo? O exemplo vem de cima, se é a primeira pessoa a dar exemplos... não tem exemplos para ninguém. Imagino as coisas assim. Muitas vezes, no dia-a-dia, se me sinto revoltado, se mando uma boca revoltado, é em fundamento. Ele reconhece quando o pessoal anda descontente, mas até agora, ainda não fez nada que alterasse essa situação.

E: Acha que tem oportunidade para realizar actividades de lazer extra trabalho, actividades que lhe dão prazer?

G16: Às vezes há coisas que se gostam de fazer e que têm que ficar para trás por não dá mesmo. O serviço em si, às vezes, exige um bocado mais. Há coisas que têm que ficar para trás, não são prioridade, mas têm que se incluir. Nós no dia-a-dia também não podemos viver só do trabalho, há a família que também precisa...

E: Considera que tem tempo para estar com a família?

G16: Tem que haver uma regra, há certas programações que têm que ser feitas. Desde que se enquadre...

E: Leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G16: Às vezes é impossível, nós não levamos. O trabalho é quase uma família, passamos mais tempo aqui do que em casa. E no fundo isto em vez de ser a segunda família é, se calhar, a primeira, e há inversão das coisas. A esposa vai trabalhar e outras coisas, e é diferente... Só chegamos à noite e saímos de manhã, quando fazemos noite só vemos a esposa no dia a seguir. Temos que ponderar.

E: Mas por exemplo quando está aqui chateado e cansado, depois consegue chegar a casa e estar bem?

G16: Por norma consigo separar as águas. É a tal situação como disse ao princípio, se for uma situação em que eu fico magoado, isso deita-me abaixo psicologicamente, aí já não consigo. Fico muito mais abalado. Se for uma situação normal, que passou, vou para casa faço a minha vidinha... Tenho a outra parte, faço a minha agricultura, dá para espairecer e acabo por resolver a situação.

E: Recorreria aos serviços de psicologia se existissem aqui para os guardas ou não acharia necessário?

G16: Na minha maneira de ver não iria pôr esta situação de parte. Eu acredito que todos nós, uns mais que os outros, uns demonstram directamente outros não demonstram directamente, mas eu achava que todos nós, periodicamente, de dois em dois meses, conforme as questões... mais leves ou mais proporcionais... Há pessoas que precisariam mais que outros, mas todos, se se cria-se, um gabinete... um psicólogo para dar apoio, porque é que não? Todos deveríamos passar por lá. E não se criar as tais situações de dualidade, não criar conflitos entre guardas. São quase sempre os mesmos que vão fazer os cursos... Alguns são convidados, outros não são convidados. Nós somos todos guardas devíamos ter todos as mesmas oportunidades, para que não se criasse conflito entre guardas. Se houvesse mais camaradagem e não houvesse mal-estar, porque este stress que anda aí em voga que faz parte deste trabalho, as pessoas iam andar mais calmas e o serviço correria muito melhor. Sem comparação nenhuma. Há guardas aqui que nunca fizeram esses cursos e eu só fiz um. E as coisas só se vêm a saber quando chega o dia. Os outros também precisam, todos somos guardas. Alguns também não querem fazer, não querem progredir mas há outros que querem, porque é que não? Aí há culpa directa das chefias e da direcção da cadeia, porque se der as oportunidades a toda a gente, toda a gente, quando chegar à altura certa tem as oportunidades e não se pode dizer *“ah não me deu a oportunidade” “não deu-te a oportunidade, tu é que não quiseste”*, assim era tudo muito mais fácil.

E: Muito obrigado.

G16: Obrigado.

E: Sente que tem algum problema de saúde devido à sua profissão?

G17: Não, até ver não.

E: E quando acorda, sente-se com energia para vir trabalhar?

G17: Sim, mais ou menos. Aí é mais ou menos. Com menos energia do que há dez anos atrás.

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G17: Agora não, já fiz.

E: E como é que lidava com isso?

G17: Era um bocado difícil. Principalmente agora nestes últimos anos. O dia a seguir é descansar um bocado, outras vezes não dá para descansar, enfim...

E: Considera que as decisões por parte dos seus superiores são um bocadinho vagas ou ambíguas ou que há uma certa coerência entre todos eles?

G17: Não, uns dizem de uma maneira, outros dizem de outra, nunca chegamos a um consenso em que as ideias deles sejam quase todas iguais, porque não são.

E: Considera que existem pessoas mais sobrecarregadas que outras ou que há uma adequada divisão de tarefas?

G17: Há pessoas mais sobrecarregadas do que outras.

E: Acha que pode manifestar a sua opinião livremente?

G17: Aquilo que eu penso é mais... Se as tarefas fossem divididas entre si de modo de igual para igual, tornava-se muito mais fácil trabalhar nestes serviços.

E: Sente-se, por exemplo, confortável a manifestar a sua opinião, a dizer a não concorda com determinada ordem...?

G17: Nós por vezes temos vontade em exprimir aquilo que coisa, mas depois também podemos ser um bocado perseguidos sobre as conversas ou sobre os relatos que possamos fazer.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G17: Epa olha... a principal função aqui disto é que o serviço corra, diariamente, da melhor maneira. Correndo o serviço bem, evitamos chatices para o nosso lado e para outros lados. Evitamos andar aí sempre enervados com certas e determinadas situações que às vezes nos surgem.

E: Qual é a opinião que tem acerca da generalidade dos reclusos?

G17: Já trabalhei noutros estabelecimentos com homens, onde se tornava um bocadinho mais benéfico para a nossa parte. Os homens tinham outras conversas com a gente que esta rapaziada não tem... e estes aqui novos, entrados pelas primeiras vezes nas cadeias, são um bocado difíceis de trabalhar com eles. Depois com o tempo eles vão... embora haja alguns que nunca se consigam reconciliar com os guardas. Há sempre aquela parte de revoltados. Isto aqui para mim, estou aqui há vinte anos, foi um bocado difícil adaptar-me a este sistema, do que noutra cadeia por onde passei.

E: Considera que este tempo de reclusão influencia de forma positiva o comportamento deles?

G17: Nem sempre, não é? Nem sempre. Tenho impressão que 70% dos indivíduos que saem daqui, mais tarde, voltam aqui.

E: Então não acredita que há uma verdadeira reabilitação?

G17: Não acredito que haja... Quer-se dizer, a 100% não acredito. Isto também tem haver com o próprio apoio familiar lá fora. Indivíduos que se fossem, possivelmente, para outra zona do local onde eles habitam, talvez conseguissem uma reintegração na sociedade.

E: E considera que o seu ordenado é suficiente para satisfazer as suas necessidades diárias e está adequado às funções que desempenha?

G17: Não é o suficiente, evidente que nunca é o suficiente, mas temos que fazer os possíveis para que uma pessoa chegue ao fim do mês e tenha as coisas, mais ou menos, equilibradas.

E: Consegue reconhecer facilmente as suas emoções? Por exemplo, quando está a começar a ficar chateado consegue reconhecer isso ou explode e só depois “oh estava a ficar chateado, devia ter tido mais calma”...?

G17: Não, eu expludo logo e só depois é que reflecto, mas depois vou conseguindo gerir, mais ou menos, a emoção.

E: O que acha que poderia ser melhorado aqui no estabelecimento?

G17: Epa... de momento não estou a ver... não sei.

E: Tem oportunidade para realizar actividades extra trabalho, actividades que lhe dão prazer?

G17: Sim, tenho, vou conseguindo arranjar um tempo para fazer alguma actividade.

E: E para estar com a família?

G17: Sim, também vou conseguindo gerir isso.

E: Leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G17: Não, não levo muito os problemas de trabalho. Trabalho é trabalho, conhaque é conhaque. Eu os problemas de trabalho, quando sai-o daquele portão para fora, os problemas ficam cá dentro. Não sou daqueles que vai para casa queixar-se diariamente.

E: Recorreria aos serviços de psicologia, caso existissem para guardas no estabelecimento?

G17: Sim, se houvesse serviços de psicologia não tinha problemas em recorrer. E acho que era necessário, devido ao nosso trabalho, ser um trabalho cheio de problemas, acho que devíamos ter uma equipa de psicologia para nos atender quando nós necessitássemos.

E: Muito obrigado.

E: Sente que tem algum problema de saúde devido à sua profissão?

G18: Não.

E: E sente com energia quando acorda para vir trabalhar e enfrentar as actividades diárias?

G18: Nem sempre, às vezes não. Tem dias... não é sempre... às vezes sim, outras vezes não. Claro que com a continuação, com os anos de serviço, cada vez se tem menos vontade, não é? Começa-se a ficar farto da profissão. Começa a ficar pesado.

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G18: Já fiz, já fiz, agora não faço...

E: Como é que lidava com isso?

G18: A mim, pessoalmente, custa-me mais o dia do que a noite. A noite é menos trabalhosa. Ao fim do dia já estamos mais cansados, não é? Mas em virtude de não estarmos em contacto com os presos, que já estão fechados, já não estamos em contacto com eles... a noite torna-se mais fácil, não é? Embora o cansaço sentimos...

E: Acha que existe uma adequada divisão de tarefas ou que há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G18: Não, acho que há divisão. Pessoalmente, acho que sim.

E: E acha que há decisões um pouco arbitrárias ou vagas por parte dos seus superiores ou que há uma certa coerência?

G18: Pessoalmente acho que, no momento actual que corre, depende desse superior, não são todos muito bem iguais. Vindo de algumas pessoas há uma certa incoerência.

E: Acha que pode manifestar livremente a sua opinião?

G18: Sim, sim.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G18: A principal função? A principal função como? Não sei...

E: Qual é o papel de um estabelecimento prisional? Deste em particular, porque estamos a falar deste contexto...

G18: Penso que a principal função é fazer cumprir... penso que estas e todas... é fazer com que paguem por estes crimes, aqueles que os cometeram. Fazem crimes, vêm para a cadeia e depois têm que pagar por isso. No fundo, devia ter um objectivo que era devolver as pessoas à sociedade, recuperadas e coiso... o que não acontece. Acho que isso não... devia ser, a função devia ser isso... dentro da cadeia tudo aquilo que se faz devia ser recuperar as pessoas, agora isso não se faz.

E: Se pudesse melhorar algum aspecto, o que melhoraria?

G18: Acho que... pronto, há muita coisa que poderia ser melhorada. Acho que assim de repente... sei lá... as pessoas, o respeito entre guardas e reclusos. Levar isto da melhor maneira, e haver mais respeito entre os reclusos e as pessoas que aqui trabalham.

E: Reconhece facilmente as suas emoções? Quando está mais chateado consegue perceber isso e acalmar-se ou exalta-se e só depois analisa a situação?

G18: Não, consigo perceber que estou chateado.

E: Acha que o seu ordenado corresponde às funções que desempenha e é suficiente para satisfazer as suas necessidades diárias?

G18: Houve uma determinada altura em que pensei que, de facto, como profissional eu achava que estava a ser bem pago. Claro que se me comparar com as pessoas de fora, claro que posso dizer que estou numa posição mais alta. Se calhar estou melhor do que muita gente aí fora. Já cheguei à conclusão que, muitas vezes, mediante aquilo que nós passamos aqui, e nós sofremos um bocadito se calhar, tenho a sensação que não chega.

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G18: Olhe eu vejo-os todos da mesma maneira, não faço distinções entre eles. Agora eu acho que, actualmente, e falando destes aqui, salvo algumas excepções, são tudo casos perdidos. Mesma a maneira de pensar, aquilo que eles dizem, aquilo que falam com a gente... eu acho que dificilmente se consegue tirar dali alguma coisa.

E: Não acredita que há uma reabilitação portanto?

G18: Não. Acho que o sistema não é... acho que devia ser alterado, devia ser tudo alterado isto, devia-se pensar de outra forma. Com pessoas com poder para isso... deviam de mudar, deviam fazer as coisas bem diferentes, devia ser tudo reformulado... para de facto ter algum proveito.

E: Mas acha que este tempo de reclusão tem um impacto positivo no comportamento dos reclusos?

G18: Poderá ter nalguns casos. Poderá haver algumas excepções, em que alguns deles tenham isso, mas na maioria não acredito muito.

E: Tem oportunidade para fazer actividades de lazer, actividades extra trabalho?

G18: Às vezes tenho, tenho sempre tempo. Tenho colegas que têm outras ocupações, eu não tenho. Às vezes, nem sempre tenho é disposição, outras estou disponível para fazer mais qualquer coisa para além do trabalho e faço. Outras não tenho tanta vontade, passo os meus dias de folga a descansar.

E: E para passar com a família, sente que tem tempo?

G18: Sim tenho, porque eu não misturo as coisas. Outra coisa é lá fora, família, não misturo as coisas.

E: Então não leva os problemas relacionados com o trabalho para casa...

G18: Não, não levo. E penso que a minha família também não está muito preocupada com isso. Não se interessa muito com o que se passa aqui dentro. Passa um pouco ao lado.

E: Recorreria aos serviços de psicologia para guardas, caso existissem nos serviços?

G18: Quer dizer... eu por acaso nunca recorreria mas se calhar era uma serviço importante. A qualquer altura acho que podia ter alguma utilidade.

E: Obrigado pela sua colaboração.

E: Tem problemas de saúde devido ao seu trabalho?

G19: Não.

E: E sente com energia para vir trabalhar e enfrentar a sua vida diária?

G19: Não tenho grandes... O cansaço terá haver com outras actividades que a gente possa ter, no lazer.

E: Não necessariamente então com o trabalho...

G19: Não.

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G19: Não, não faço.

E: Mas já fez?

G19: Sim, já.

E: Como é que se sentia nessa altura? Que opinião tem acerca dos turnos nocturnos?

G19: Era mais complicado, porque também não descansava durante o dia. Mas nunca tive grandes problemas ao nível do cansaço.

E: Considera que existe uma adequada divisão de tarefas no estabelecimento ou que existem pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G19: Considero que há pessoas mais sobrecarregadas que outras.

E: Considera que existem algumas decisões um pouco arbitrárias e vagas por parte dos seus superiores ou há uma certa coerência?

G19: Há algumas diferenças, embora, a incoerências sejam feitas, se calhar, de forma inconsciente. Mas existem.

E: E isso depois manifesta-se no trabalho ou até conseguem “dar a volta” para as coisas funcionarem?

G19: Funciona, apesar de causar, se calhar, alguns dissabores. Mas no geral... funciona.

E: Considera que pode manifestar a sua opinião livremente?

G19: Posso.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G19: É a ressocialização dos reclusos, é a principal... Se lhe disser que nem sempre se consegue...

E: Acredita que existe, de facto, uma reabilitação dos reclusos?

G19: Humm... Tenta-se pelo menos... Apesar de que... Fico com a sensação de que... a intervenção que é feita em meio prisional não é suficiente, mas também porque eles não dão oportunidade para isso. Não há grande vontade de mudança por parte deles. Fazem por estar cá, adaptam-se às circunstâncias, mas não... o eu deles não é muito modificado, por projecção à mudança. O contexto também... Se é feito aqui algum trabalho, depois lá fora, o meio envolvente... Facilmente cai por terra aquilo que é aqui posto em prática, e aquilo que lhes é mostrado aqui... facilmente eles esquecem. Porque a unidade e os valores deles são diferentes dos da sociedade em si. A lei da sobrevivência... Eles têm valores muito particulares.

E: De qualquer das formas, considera que o tempo de reclusão tem um impacto positivo no comportamento dos reclusos?

G19: Pelo menos, de paragem e reflexão, sem dúvida. Parte deles consideram que isto custa e ajuda-os a parar e reflectir. Se eu disser que não é suficiente para a mudança mas... alguns...

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G19: A opinião que eu tenho é que, parte deles, são fruto da experiência que foram obrigados a viver. Portanto, como disse à bocadinha, os valores, os princípios, ... não os têm. E se os têm, têm interiorizado valores diferentes da sociedade, da sociedade normal. Portanto, o que eu acho é que... tenho a consciência de que, parte deles, tem uma grande desorientação pessoal, ou seja, andam um pouco à toa... Não têm bem noção daquilo que os espera. Olham para o prazer imediato, não reflectem sobre as consequências, não têm noção do que está bem e está mal. Mas aqui, curiosamente, vê-se uma mudança a partir dos vinte e um anos. Ao nível da maturidade, eles mudam um pouco a maneira de ser e a maneira de estar em meio prisional. É pena é que não se consiga dar uma continuidade no futuro lá fora, porque facilmente regridem. Se tivessem um acompanhamento, digamos, alguém que lhes impusesse e mostrasse o outro lado da vida, parte deles podiam mudar.

E: Considera que o contacto e a interacção com eles é mais difícil consoante as penas, a gravidade do crime, o tempo de reclusão imposto ou que esse aspecto não tem muito haver?

G19: Não tem muito haver. Há alguns com penas pequenas que não interiorizam, ou seja, encaram isto como um acidente de percurso e não tem qualquer objectivo, nem qualquer perspectiva de mudança. Há outros que, realmente, tendo a consciência que vão cá estar durante muitos anos, isso pesa-lhes e a atitude que têm é *“já que estou aqui, estou mal, vou ver se consigo ter o melhor proveito possível para*

*sair o mais rápido possível*”. Não é pelo tempo da pena, é mais pela personalidade que nós vimos os mais difíceis e... O tempo da pena não é significativo.

E: O que acha que poderia ser melhorado aqui no estabelecimento?

G19: Olhe mudava o aspecto de obrigá-los a trabalhar. Impunha mais a necessidade de ter que cumprir com o trabalho porque eles só fazem se quiserem. Só têm direitos praticamente e isso fica muito aquém daquilo que a vida nos exige. Portanto... ser preso é um mal menor. Eles têm... Portanto, é mau estar preso mas o resto... está tudo bem. Está aqui uma instituição dispostas a tratar-lhes dos problemas, a ouvi-los, a aceitá-los como são... e isto, embora seja importante, eles habituam-se a viver assim e não sabem viver de outra maneira. Chegam lá fora e, não tendo hábitos de trabalho, não tendo capacidade de dar a volta aos problemas que o mundo lhes oferece, facilmente aqui voltam porque aqui é mais fácil.

E: Considera que o ordenado que recebe é suficiente para satisfazer as suas necessidades diárias?

G19: Sim, no geral sim.

E: Tem oportunidade para realizar actividades extra trabalho, actividades de lazer que lhe dêem prazer?

G19: Eu? Eu tenho.

E: E estar com a família? Passar tempo de qualidade com a família...

G19: Também procuro ter sempre.

E: Leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G19: Normalmente, não levo os problemas para casa. Não quer dizer que, por vezes, não fale sobre um caso ou outro mas não é por ser um problema, mas por achei, se calhar, interessante.

E: Então a família não sente o seu trabalho lá em casa...

G19: Às vezes sente o cansaço. Ou seja, depois de doze, catorze, quinze horas aqui, é natural, sinto que devia dar mais atenção e não consigo ter disposição para dar à família o suficiente.

E: Sente que consegue reconhecer facilmente as suas emoções? Ou seja, se quando sente que está a ficar zangado tem noção e consegue acalmar-se ou explode mais rapidamente e depois é que faz essa análise?

G19: Procuo ter a noção sempre que estou chateado, mas há momentos em que só reflicto depois. Mas normalmente procuro manter-me consciente do estado de espírito. Se eu disser que às vezes se explode, é normal.

E: Recorreria aos serviços de psicologia, caso existissem nos serviços ou não acharia necessário?

G19: É preciso. É necessário porque nós para além de profissionais somos pessoas com fraquezas, com necessidades, com problemas, com inseguranças e não só. Às vezes também financeiros e familiares e conseguir manter o equilíbrio total não é fácil. Penso que era da maior importância. Há coisas que nos tocam, inclusive ao nível financeiro, familiar e até pessoal... pequenos medos, pequenas angústias que nos atormentam, e que se pudéssemos ter alguém com que partilhar ou desabafar seria bom para ultrapassarmos esta situação. Contudo, é certo que na cultura (profissional) em que estamos não é fácil as pessoas se abrirem, vivem com elas o problema e mantêm-no durante muito tempo. Mas para muitos é essencial.

E: Muito Obrigado.

E: Tem algum problema de saúde devido à sua profissão?

G20: Não.

E: E sente-se com energia para desempenhar a sua função, as suas actividades diárias?

G20: Por vezes...

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G20: Sim, sim.

E: Que opinião tem acerca disso?

G20: Mais desgastante.

E: Como é que é o dia a seguir?

G20: Dormir todo o dia.

E: Considera que existe uma adequada divisão de tarefas aqui nos serviços, ou que há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G20: Há pessoas mais sobrecarregadas que outros...

E: E depois isso reflecte-se na qualidade do trabalho?

G20: Por vezes, por vezes.

E: Considera que existem decisões um pouco arbitrárias ou vagas por parte dos seus superiores ou há uma certa coerência entre todos eles?

G20: Muito vagas.

E: Consegue manifestar a sua opinião livremente ou, por vezes, retrai-se?

G20: Eu consigo mas há muitos que se retraem, mas eu consigo.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G20: Fazer cumprir a pena aos reclusos e melhorar o tempo que eles cá estarão. Arranjar maneiras, espaços e ocupações para que o tempo que eles cá estejam seja o mais rentável possível.

E: Se pudesse melhorar algum aspecto aqui do estabelecimento, o que melhora?

G20: Ai muita coisa, mas muita coisa.

E: Pode especificar algum desses aspectos?

G20: Em relação ao trabalho dos reclusos, em relação ao trabalho dos guardas, há muita coisa a modificar, muita...

E: Em relação ao trabalho dos guardas...

G20: Por exemplo, portaria. A portaria tem que ser um espaço onde se deveria trabalhar, e é o que não acontece. Actualmente, poucas pessoas são revistadas ao entrar na portaria, e todas deveria ser revistadas.

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G20: Esta população prisional é uma população que pensa que sabe tudo. Não sabem nada. Reclamam de tudo, refilam de tudo e, se for preciso, agem mesmo. São muito agressivos, esta faixa etária e muito agressiva. Eu já trabalhei em Coimbra e lá a população é diferente, são reclusos com uma certa idade, dos 25 aos 70/75 anos. Tornam-se mais manhosos, porque quando fazem, fazem por calculismo, mesmo para fazer. Mas por outro lado, acabam por ser mais bem-educados, mais respeitadores. Estes agem com “o sangue na guelra”. Lá há muitos mais presos, é um regime diferente, trabalham mais, tenho mais ocupações. Mas mesmo assim, aqui, acaba por ser mais desgastante.

E: Considera que esse aspecto tem alguma coisa haver com as penas atribuídas?

G20: Não tem nada haver, tem haver com a personalidade dos indivíduos, e com a idade também.

E: Considera que este tempo de reclusão influencia de forma positiva o comportamento deles?

G20: Modifica-os, porque há muitos que saem daqui a pensarem... a pensarem que na realidade serviu estar preso, outros não, saem mais agressivos.

E: Acredita que há uma verdadeira reabilitação?

G20: Não. Porque eles também não querem, e o estado também não consegue fazer isso.

E: Mas considera que existe aqui um trabalho nesse sentido?

G20: Há um trabalho não, há uma espécie, uma maneira de... Acho que esse trabalho não está a ser realizado pelos educadores.

E: Consegue reconhecer facilmente as suas emoções? Isto é, quando está a ficar irritado, consegue perceber que está a ficar irritado e pensar “ok tenho que ter calma”, ou quando fica irritado explode e só depois faz esta análise?

G20: Não, em relação a mim, eu penso que estou chateado mas que mesmo assim têm fazer aquilo que eu mando. Dou-lhes uma opção, ou vão a mal ou vão a bem. Mas sei que estou chateado, tenho consciência.

E: Considera que o seu ordenado é suficiente para satisfazer às suas necessidades diárias, e que é adequado à sua função?

G20: É claro que não. Acho que, muitos de nós, quando chegamos cá, procuramos uma profissão que por vezes não sabemos o que é que é. Mas quando cá estamos, acabamos por ficar, e acabamos por nos acostumar e, se calhar, agarrar isto com um certo gosto. Mas aquilo que recebemos não é suficiente para aquilo que fazemos.

E: Tem tempo para realizar actividades que lhe dêem prazer, actividades de lazer, extra-trabalho?

G20: Muito dificilmente.

E: E para estar com a família?

G20: Só a dormir (risos).

E: Considera que leva os problemas relacionados com o trabalho para casa, ou consegue separar as águas?

G20: É muito difícil separar as águas. Nós acabamos sempre, quer queiramos ou não, por levar alguma coisa do serviço. Às vezes não me incomoda, mas outras vezes incomoda. E nós, depois de muitos anos de estar aqui nesta profissão, acabamos por sentir mesmo que, mesmo na rua estamos ao serviço. Isto é verdade. Corremos perigo aqui dentro e corremos perigo lá fora, porque, como eles dizem, não nasceram aqui, um dia hão-de sair. E isto, por vezes, incomoda, chateia, preocupa... Por vezes não a nós, mas à nossa família. Se eu estiver acompanhado pelo meu filho na rua e encontrar dois ou três bandidos, eu posso preocupar-me mais com o bem-estar da minha família, do que comigo próprio. Poderá acontecer algo, ou não. É preocupante. Muitos dos problemas que nós temos aqui, inevitavelmente transportamo-los para casa. Às vezes estamos mais desatentos com a família ao jantar a pensar no que aconteceu e não desabafamos, outras vezes, até desabafamos. Há uma saturação enorme. Eu posso-lhe dizer que quando estive no Estabelecimento Prisional do Linhó há uns anos atrás, em Lisboa, houve situações em que nós a dormir, até sonhávamos com aquilo e eu nem costume sonhar. E isso acontece com os guardas. Nós a fazermos os turnos, as noites, altera tudo, até a nossa personalidade.

E: E, por exemplo, se está mais cansado, consegue chegar a casa e assumir outra disposição?

G20: Nem sempre, e a família reclama, mas também entende.

E: Recorreria aos serviços de psicologia se existissem nos serviços para os guardas?

G20: Sim, claro e acho que é necessário. Não estou a dizer que faria isso, se calhar, sistematicamente, mas, quando necessário, sim. Porque não? Há muitos guardas que poderiam não recorrer porque têm medo e receio dos outros dizerem assim “*Ah estás aí a fazer essas consultas e não sei quê...*”, mas acho que deviam fazer. Há muita gente que recorre a outras coisas, sem ser a psicologia, como o álcool, por exemplo. Quantos e quantos guardas não bebem mais uns copos por causa disso, por não conseguirem desabafar, ou desligar dos problemas. E depois começa-se a tornar uma bola de neve.

E: Muito Obrigado.

E: Sente que tem alguns problemas de saúde devido à sua profissão?

G21: Tenho. São mais emocionais...

E: O que sente?

G21: Oh o que é que eu sinto? Para já sente-se frustração. Ao longo dos anos, vê-se que as coisas não evoluem. Não nos sentimos realizados. Não é um trabalho de evoluir, que a gente veja que é gratificante, em que se vejam resultados. Pronto, não se vê. Tanto ao nível da hierarquia, dos chefes e isso, como ao nível dos reclusos. Às vezes até achamos que há um e outro que até são diferentes, e com quem nós, mais ou menos conseguimos ter uma relação... Não é amizade, mas quando temos assim uma relação mais chegada e, depois, surpreendem-nos com todos os disparates e mais alguns. E a gente fica a pensar se, realmente, vale a pena continuar a investir, ou a falar, e se devemos tratá-los todos da mesma maneira. É um bocado frustrante. Chegamos a uma altura em que nós perdemos o interesse. É mesmo vir para cumprir horários e porque precisamos de trabalhar para ganhar dinheiro. Mas é uma frustração porque, inicialmente, quando uma pessoa vem para os serviços tem uma ideia diferente e achava que, realmente, nós podíamos... não era mudar o mundo mas tentar melhorar qualquer coisa à nossa volta, e que, realmente, nós íamos contribuir para uma mentalidade diferente, pronto... Uma situação que a gente realmente visse que nos gratificava. Mas ao fim de alguns anos, nós vimos que não conseguimos mudar... E é a tal coisa, mesmo a nível de hierarquia, é muito fechada... É frustrante. Nós não podemos expressar muito bem as nossas ideias...

E: Sente com energia quando acorda para vir trabalhar e para executar as suas tarefas diárias?

G21: Não, não.

E: Faz turnos nocturnos?

G21: Não, nunca fiz.

E: Considera que existe uma adequada divisão de tarefas aqui dentro ou que existem pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G21: Eu acho que há sobrecarga de certas pessoas.

E: Sente que pode manifestar livremente a sua opinião aqui no estabelecimento?

G21: Eu manifesto, só que depois sinto que sou prejudicada por isso. Como lhe estava a dizer, a nível de hierarquia, eles não aceitam... É assim, eles até podem ter a mesma ideia que nós, ou a mesma opinião mas têm que ser eles a tomar a iniciativa de a dar ou transmitir aos outros. Se vier de nós, eles

não a aceitam. Mas até podiam querer, e até acharem que é uma ideia boa e não sei quê, mas têm que ser eles. Tem que partir da chefia e não de um elemento vulgar, pronto. É um bocado isso, e isso irrita-nos um bocado. Nós dizemos, muitas das vezes, para melhor isto ou melhorar aquilo, e eles até não melhoram nada na altura, tipo “*ah está bem, eu ouvi e não sei quê*”, mas, posteriormente, a gente vê que as coisas acabam por acontecer mas tem que ser ao tempo que eles querem, quando eles querem e quando a chefia entendeu que tinha que ser assim, ou assado. Isso irrita-nos.

E: E acha que há decisões um pouco arbitrárias ou ambíguas por parte dos seus superiores, ou que há uma certa coerência entre todos eles?

G21: Em relação a nós?

E: Sim. Se as decisões que eles tomam, e aquilo que vos transmitem é um bocadinho vago ou se há uma coerência entre todos eles, em que todos transmitem a mesma coisa, a mesma ordem, por exemplo...

G21: Ah não, não. Isso não. Portanto, é assim, nós temos legislação, e há certa legislação que toda a gente tem que cumprir. E quando não cumprem, nós questionamos porque é que não estão a cumprir mas, de uma maneira geral, a nível de serviço, cada um trabalha à sua maneira, um manda mais para a direita, outro mais para a esquerda... Cada cabeça sua sentença. Isso na há hipótese. Pronto, é o que eu estou a dizer, não é ao nível de legislação, horários, e não sei quê, que toda a gente tem que cumprir e em que toda a gente funciona da mesma maneira. Mas de uma maneira geral, no dia-a-dia, na forma de... como é que eu lhe hei-de dizer um exemplo... por exemplo, quando há visitas, ou como é que funciona a entrada ou saída dos visitantes, a revista, não sei quê... Pronto, cada um tem uma ideia. Cada dia nós temos que nos adaptar aquele. É muito complicado, então agora que eles são uns quinze ou dezasseis... É um stress.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G21: Para mim a principal função era a ressocialização, mas não funciona.

E: Se pudesse melhorar algum aspecto aqui no estabelecimento, o que melhora?

G21: Para já, se eu pudesse melhorar, tentava mudar tanto a disciplina dos reclusos, que acho que eles estão sem disciplina, não têm valores de educação, de trabalho... Pronto, acho que perderam muito isso das relações humanas. No início quando eu vim havia mais respeito, havia mais aquela coisa de trabalharem, de se interessem por alguma coisa, agora não. Só jogos e consolas, e querem é jogar à bola... vão para a escola, desistem... Não têm qualquer motivação. Agora têm mais nos cursos de formação profissional porque são remunerados e então eles têm um certo interesse e tal... depois também a precária e tal e aqueles benefícios que eles têm... Mas vê-se que não têm hábitos de

trabalho, não têm horários... E a nível de educação também sinto que há muito mais indisciplina. Acho que eles notam que não são penalizados, que não são castigados severamente e, então, acho que não têm qualquer problema em dizer seja o que for, a quem for, seja director seja chefe, seja o que for... Nisso eu investia. A nível da farda também investia nos subchefes.

E: Em que aspecto?

G21: Nas relações humanas também, muito, muito, muito. Não têm... Não têm quer dizer, não posso generalizar. Mas no geral não sabem o que é o respeito pelos outros, não sabem chamar a atenção, por exemplo, em privado... É horrível. É frustrante. Não sei se vai mudar...

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G21: Conosco, ao nível do pessoal feminino, não há problemas. Eles respeitam, conseguem conversar... acho que nos vêem, um bocadinho, com uma imagem maternal. Com os colegas não, já há aquele conflito, aquela coisa de medir forças, os insultos, essas coisas... Conosco, insultos ou assim... É só, por exemplo, eu já tive uma situação, de quando eles entram não conhecem, não sabem, então é aquela maluqueira de fazer isto ou aquilo nas celas, não é directamente... Há uma situação ou outra mas muito raramente. Nunca houve assim um problema de faltarem ao respeito, ou qualquer coisa. Com os colegas já é completamente diferente, aí já os mandam para todos os lados e mais alguns e, pronto, têm violência física também. Conosco não.

E: E acha que este tempo de reclusão influencia de forma positiva o comportamento deles?

G21: Eu penso que não. Para já porque não os conseguem separar a nível de crimes e isso... Pronto, há alguns que vêm para cá a até são crimes ligeiros que não têm qualquer significado e saem daqui piores. Saem com saberes que realmente... E revoltados, quer da relação com os guardas, que muitas vezes não lhes resolvem os problemas, quer os reclusos entre eles. Roubam-se uns aos outros, sei lá, e negócios que eles fazem, há grupos e líderes. Nesse aspecto há uma revolta muito grande e acho que é aí que as cadeias... É um sítio que quem conhece tem receio de ir para lá por causa disso. Nós até podemos ser uma pessoa atinada, e que queiramos cumprir as regras e não sei quê, só que este meio é um bocado de sobrevivência. Muitas vezes não se consegue cumprir as regras porque os outros não deixam e não é possível, pronto. E mesmo eles não deixam, se uma pessoa quiser andar aqui a trabalhar e não sei quê, eles têm que... eles tentam sempre que ele seja corrupto. Por exemplo, se uma pessoa quiser andar atinada, a trabalhar e não sei quê, eles tentam sempre que ele seja corrupto. Realmente, se estiver numa secção em que tem acesso a determinados elementos que eles querem, eles massacram, ou dão tarefa e fazem tudo e mais alguma coisa até que essa pessoa entre no jogo deles e lhes dê aquilo que eles querem. Então, por isso é que eu digo, isto é um bocado complicado, porque se a gente cai num sítio destes...

E: Acredita que há uma verdadeira reabilitação dos reclusos?

G21: Não sei. Não sei, se calhar um em mil, talvez. De uma maneira geral, porque nem há técnicos a fazer essa reabilitação, a ajudá-los. Muitos de nós sabemos que saem e continuam a não ter nada, nem uma profissão, nem apoio do exterior, pronto... Não têm nada. Nós sabemos que vão sair e vão continuar no crime porque não têm meios para sobreviver. Acho que muitos organismos falham. Eu penso que não há este apoio nem aqui dentro, nem lá fora.

E: Considera que consegue reconhecer adequadamente as suas emoções? Ou seja, quando está mais chateada, consegue perceber que está chateada e acalmar-se, ou explode facilmente e só depois é que faz essa análise?

G21: Ai expludo logo. Posso pensar que, realmente, vou ser cobrada por isso mas começo a ferver e depois as pessoas *“Ah não sei quê não vás lá que não vale a pena”*, mas eu vou, não consigo ficar aqui de braços cruzados. Eu vou lá e depois de gritar tudo o que tenho a gritar, já passou, sou capaz até de vir, pedir desculpa e dizer *“olhem desculpem lá, eu à bocado estava aí aos berros...”*, mas preciso disso. E às vezes até dizem *“ah mas podes vir aqui sem ser a gritar, podes vir e falar”*, mas não. Já se chega a um extremo que, quando se vai, já não dá para conversar, é mesmo aos berros.

E: E sempre foi assim, ou o nível de tolerância tem vindo a diminuir?

G21: Tem vindo a diminuir, eu não era assim, era completamente diferente. Quando vim de Lisboa, mesmo as pessoas da secretaria e isso, porque eu na altura fazia os despachos entre as duas partes, e dizem que eu mudei completamente. Eu não dizia asneiras, eu era certinha, eu colaborava com tudo, qualquer coisa que me pediam, eu colaborava. Eu estava aqui era para fazer os serviços e realmente nós estamos aqui é para trabalhar. E ao fim de algum tempo, agora, pedem-me alguma coisa e eu *“ah não eu não quero saber nada disso, isso não é a minha função, ou isso não é a minha área, pede a fulano que ele é que trata disto”*. É aquele descartar e no início não, eu era completamente diferente. Pediam para fazer isto, ou verificar aquilo, ou fazer uma guia que estava errada e eu era na boa... fazia, achava que este era um serviço, que todos tínhamos que colaborar, independente de dizerem que era de A, B ou C, se eu ia lá a baixo ou podia, fazia. Agora não.

E: E essa alteração na sua maneira de ser, manifesta-se só aqui ou lá foram também com as outras pessoas que não aquelas deste meio?

G21: Ah mudou muito. Muitas das vezes as pessoas chegam a dizer *“então mas pensas que estás a falar com algum mitra?”*. Tomamos uma postura muito diferente. Não sei, acho que somos mais agressivos, menos tolerantes, mais desconfiados. Sei lá... Acho que ficamos com muita coisa negativa. Também influencia a nossa família, a nossa relação com a família... é complicado com os filhos, depois, a gente também pensa que eles têm que fazer as coisas para um dia não serem tão

bandidos como estes. Acho que isso influencia-nos muito, modifica-nos muito. E depois é o stress... não sei, não sei.

E: Considera que tem oportunidade para realizar actividades de lazer, actividades que lhe dão prazer?

G21: Ultimamente não. Tenho um pequenito e é impossível. É completamente impossível. Antes fazia ginásio, natação e essas coisas, agora, é impossível. Sou só eu, não é? O agregado familiar sou só eu e ele e então é muito complicado. O tempo que tenho é para estar com ele. E depois, quando tenho tempo livre, e que não esteja com ele, tenho montes de tarefas para fazer. É pouco tempo, o tempo que tenho disponível... quando ele está na escola, mas tirando isso não consigo.

E: E mesmo assim, acha que tem tempo para estar com a sua família?

G21: Não, isso de uma maneira geral, penso que não nos afecta. Isso acho que conseguimos conjugar, pelo menos eu. Dou prioridade a isso, pelo menos para estar com o meu filho prescindindo das horas, de fazer os horários que eles fazem... prescindi, porque é a lei, porque isto é a tal situação, não facilitam ninguém. Mas como está na lei, eu realmente baseei-me na lei e disso eu não prescindo. Antes quero não ter o dinheiro das horas, e estar mais tempo com o meu filho, a minha irmã, o meu irmão... Isso valorizo muito, porque também senão fosse isso, acho que já tinha dado em doida. Acho que este ambiente é horrível. Já trabalhei noutras cadeias, mas também trabalhei no Continente, no Ino que agora é Pingo Doce e sempre consegui fazer amizades e aqui não.

E: Como é que uma mulher se sente num local de trabalho, quase exclusivamente masculino, tanto ao nível dos colegas de trabalho como dos reclusos?

G21: É muito difícil. A nível de hierarquia nós não somos valorizadas, muitas, muitas vezes eles dizem "*ah as guardas femininas não fazem nada*". A nível de opinião também não temos grande opinião. A nível de população reclusa, é uma faixa etária que também não é fácil, é a rebeldia só da idade, e nunca tivemos problemas. A nível de reclusos, não temos problemas com eles. Agora a nível de hierarquia e colegas é que todas somos isto e aquilo... aquelas características muito boas, pronto...

E: Acha que leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G21: Leva-se sempre, isso depois reflecte-se na relação com a família. Eu pelo menos, não consigo separar. Às vezes "*ah quando se sai do portão esquece-se*", não se consegue esquecer. Vamos alteradas de tal maneira... e muitas das vezes eu tenho que falar com alguém.

E: E tem esse suporte?

G21: Às vezes falo com o pai do E. porque ele percebe. Se eu tiver a falar, por exemplo, com a minha irmã ou assim, ela não percebe. Quer dizer, pode perceber a minha frustração e não sei, e até

compreender certas coisas, mas há coisas que ela não percebe porque não vive as situações. Não sabe que, realmente, as situações não deviam ser assim, e que para uns são assim e para outros não são. Por isso a nossa reacção e a nossa agressividade... Normalmente, é com o pai do E. que eu falo e com uma colega. Porque de resto nós não conseguimos falar, a gente isola-se de tal maneira... Já fui tão massacrada que já não... não consigo, é horrível...

E: Considera que aquilo que recebe está de acordo com a função que desempenha e que é suficiente para satisfazer as suas actividades diárias?

G21: Eu acho que sim, acho que a nível de vencimento nós não somos mal pagos.

E: E a última questão. Recorreria aos serviços de psicologia caso existissem nos serviços ou senão acharia necessário?

G21: Ai, sim. E penso que até psiquiatria muita gente também. É a tal situação, não posso dizer que é uma situação profissional, ou uma situação particular, mas as coisas também se chocam. O pai do E. é guarda, e pronto, é pai do E.. Não dá muito bem para separar, e também não dá para dizer “*olha a causa foi profissional, a causa foi privada*”. Mas que tem muito haver com o serviço, tem... Com uma situação destas noutra serviço, se calhar aguentava-me muito mais. Mas neste meio é terrível.

E: Muito obrigado.

E: Tem algum problema de saúde devido à sua profissão?

G22: Para já não, acho que não.

E: E sente com energia para trabalhar, para executar as suas tarefas diárias?

G22: Sim, sim.

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G22: Presentemente não mas já fiz.

E: Como é que lidava com isso? Era mais complicado, não era...

G22: Era mais cansativo. Vinte e quatro horas seguidas, já não cabe na cabeça de ninguém, não é? Não é um horário que seja minimamente humano. Na manhã a seguir, a pessoa sai, vai super cansada. Não é a noite em si que cansa mas todo o resto que está para trás, as outras doze horas do dia, mais as horas nocturnas. É muito cansativo.

E: Acha que existe uma adequada divisão de tarefas no estabelecimento ou que existem pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G22: Partilho dessa opinião que, realmente, as tarefas não estão divididas, isto é, não são deliberadas tarefas e responsabilizadas as pessoas. Encontra-se uma pessoa que até tem um bocado de apetência para o cargo, e nelas se sobrecarregam. Se calhar dão a fazer mais a este e aquele... Falta muito delegar.

E: E considera que existem decisões um pouco arbitrárias ou vagas por parte dos seus superiores, ou há uma certa coerência?

G22: Ainda continua a haver, mas já nem tanto, uma certa incoerência.

E: E isso reflecte-se no trabalho?

G22: Muito. Muito. Muito. Principalmente... não é o bem rectificar a medida, é mais dizer "*é assim*". Por vezes, as pessoas... acho que se sentem um bocado constrangidas e, ao mesmo tempo, desautorizadas. Estar a desempenhar uma tarefa mesmo que ela esteja a correr bem e chegar e dizer "*não é assim*", a chamada desautorização.

E: Consegue manifestar livremente a sua opinião?

G22: Ai faço. Tento fazer isso sempre, não perdo. Se calhar perco por isso, perco pela língua mas nunca deixei de o fazer. Nem vou deixar de o fazer, já não mudo. Não é aos quarenta e oito anos que vou mudar, pode ter a certeza.

E: O que acha que deveria ser melhorado nos serviços?

G22: Devia ser, e acho que já está a ser administrada, uma disciplina que se chama “Código Deontológico do Serviço de Vigilância”. Acho que era fundamental uma disciplina em que se tratasse... pelo menos as pessoas saberem a ética profissional, formar equipas, trabalhar em equipas... Acho que seria um bem necessário alguém debruçar-se sobre isto. Mas também a gente está um bocadinho devotado ao abandonado. Acham que os serviços prisionais só servem para uma coisa... a maior parte dos senhores antigos, dos senhores “Velhos do Restelo”, pensam que o serviço prisional só serve para pegar numa chave, para abrir e para fechar. O serviço de vigilância tem mudado muito, aliás há pessoas que lutaram muito para conseguirem, a nível de formação profissional, irem estudando e acompanhando. Melhorou significativamente desde a altura em que eu entrei, já lá vão vinte e dois anos, e ainda bem. Mas ainda continuamos a ver isto. Conheço muita gente que ainda penso que nós só servimos para abrir e fechar presos.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G22: A função do estabelecimento... Eu costumo dizer que é um “aparelho de repressão do Estado”, quer dizer que quem mora ali, principalmente, são as pessoas não gratas, não é? Por uma causa ou por outra, ou bem ou mal, as pessoas que são julgadas têm que pagar pelos crimes que cometeram. E as outras aguardaram o julgamento. Essencialmente, as cadeias servem para recolher as pessoas que têm dívidas para com a sociedade.

E: Acha que reconhece facilmente as suas emoções? Ou seja, quando está mais chateado consegue reconhecer isso e estabelecer aquele diálogo interno “tenho que ter calma”, ou explode imediatamente e só depois consegue reflectir sobre isso?

G22: Já fui um bocado mais descontrolado. Inicialmente, de facto, acontecia chatear-me e depois deime conta que não me levava a lado nenhum. Mas como não sou hipócrita, faço sempre questão de demonstrar a minha forma de pensar e demonstro isso, muitas vezes, se calhar repentinamente, sem pensar. E agora já não tanto, acho que penso um bocadinho, mas tenho que a manifestar. Costumo dizer que a mim não mo dizem, mas gosto que mo digam na cara, por vezes, até agradeço a correcção. Agora aquilo que é feito por detrás revolta-me um bocado e é isso que me faz explodir, especialmente, quando venho a saber.

E: Mas considera que agora está mais impulsivo ou menos impulsivo?

G22: Menos impulsivo. É como tudo, a vida vai-nos trazendo novos conhecimentos, vamos amadurecendo e vamos acalmando, não é? Não que dizer que não me chateie. Não, não se trata disso. Mas a gente torna-se mais ponderada, pensa mais um bocado, e depois, age de acordo com a situação mais pormenorizadamente.

E: Considera que aquilo que recebe é suficiente para satisfazer as suas necessidades diárias e que está de acordo com a função que desempenha?

G22: Se formos pensar com outras pessoas que, se calhar, também desempenham tarefas difíceis e que não estão na função pública, estão noutra instituição que não seja a pública, se calhar nós nem somos daqueles mais mal pagos. Mas é como tudo, se uma pessoa puder ganhar cem não ganha cinquenta. Mas acho que, dentro do que nós fazemos, não somos bem pagos, relativamente ao horário que a gente faz. Se tivermos em conta o horário que a gente faz e que não é remunerado, isso é, só é remunerado uma parte dele, estamos muito mal pagos. Agora, com este vencimento dentro do horário de lei, podíamos aceitar que estava, razoavelmente, na média. Como não nos pagam o horário todo que a gente faz, acho muito abaixo, muito aquém do que seria normal e de esperar.

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G22: Esta faixa etária é muito diferente da dos adultos, não tem nada haver uma coisa com a outra. A juventude, e a gente já passou por lá, pensa que consegue tudo, que se manifestar, epa... o pessoal com idade, é outro tipo de população reclusa, é muito diferente. E depois temos dois tipos de reclusos: aquele que é recluso já por si, que é filho da instituição, que passa por todos os degraus da instituição, desde a correcção, o lar de menores, por aí fora, até cumprir prisão efectiva; e temos um outro tipo de recluso que, acidentalmente, vem cá parar. Não tem nada haver uma coisa com a outra.

E: Não tem haver com a pena atribuída então?

G22: Não, não. Tem diferenças os consumidores de estupefacientes dos outros. Nota-se uma grande diferença, há sempre aquela ansiedade de saber os contactos, pronto... diferencia-se um bocadinho. Agora de resto os outros... do roubo, ao homicídio, ao violador... agora em relação aos consumidores de estupefacientes, nota-se muito. Mais conflituosos e aquela ansiedade da procura, se consegue senão consegue, a procura de medicação... a pessoa nota logo quando é consumidor ou não. Pelo menos quem anda aqui há alguns anos a lidar na cadeia, percebe perfeitamente. Agora de resto não.

E: E acredita que este tempo de reclusão influencia de forma positiva o comportamentos dos reclusos?

G22: Nos meus anos de experiência, acho que nos novos, mais jovens, influencia negativamente a cadeia. Na minha maneira de ver falta muito a ocupação profissional, falta muito obrigar o recluso a cumprir determinadas regras, determinadas normas. Penso que, hoje, o recluso só tem direitos, “tem

direito a...”, e não passa daquilo. E os deveres são sempre promulgados para segundo plano. O recluso jovem até aos dezoito anos deveria estudar. Se os jovens lá fora são obrigados a fazer até ao décimo segundo, eles deviam estudar. E não era fazer aqui uma escola... eles já vêm todos com a quarta classe, praticamente, hoje já não há com menos de quarta classe. Mas no mínimo fazer a escolaridade obrigatória mas com formação profissional. Há vários cursos. Não é chegar aqui este anos, damos um curso de canalização e acabou. Vimos aqui damos um curso de pedreiro e vamos embora, que é o que eles têm feito. Eu acho que devia de haver, nos anos que aquele jovem tem de pena, dois/três anos, fazer com que aquele jovem tire um curso e ficar minimamente apto para o trabalho. Mas não eles vão, porque se forem para o curso têm direito a precárias; se forem para o curso têm direito a dinheiro, enquanto que nós temos que pagar pelos nosso lá fora; têm direito a dinheiro, mais? Têm direito a estar abertos, fazer as negociatas deles e prontos... e é esse o objectivo deles. Há muito poucos, muitos poucos que conseguem usufruir de um grau mais elevado de educação, há muito poucos, muito poucos.

E: Acredita que há uma verdadeira reabilitação?

G22: Na maioria dos casos não. Estive três meses ali entregue à escola e digo-lhe, sinceramente, eles cumpriam e eram educados porque nós nos opúnhamos, e obrigávamos a que eles cumprissem, porque de resto... Eles nem lá apareciam. Eles, se pudessem, saiam, ficavam ali a passear e isto é mesmo assim, isto só filmado. Vamos acompanhar um dia de aulas onde os guardas não se metem e vai ver. Aparece um ou dois na escola, e daí podemos tirar a percentagem de um ou dois que têm vontade. E mesmo daqueles que têm mais vontade, deveria depois haver uma selecção e, progressivamente, mudarem de turmas. Seleccioná-los para que não prejudicassem os outros. Porque, muitas vezes, um jovem é influenciável, e agente já passou por isso, você ainda é jovem, mas eu... se a gente poder gozar mais um bocadinho e reinar mais um bocadinho com o professor ou com alguém que nos oprime, mais nas vistas dá, e assim é que se passa bem o dia. Mas só vão à escola se forem obrigados, de resto, muito poucos. Tenho a certeza que, se calhar, nem metade iria à escola dos cinquenta ou sessenta que lá andam. E agora mesmo na formação profissional, mesmo a receberem dinheiro, que já dava uma verba significativa, mesmo assim era o cabo dos trabalhos para entrarem, eram insolentes, eram malcriados, mesmo com os professores porque os professores estão lá a desempenhar a função deles, o papel deles... a marcar faltas, a chamar a atenção, a manter a devida postura deles nas salas de aula, eles... e os professores são exemplos, podem fazer queixa, são exemplos daquilo que eles faziam e diziam lá na sala.

E: Considera que tem oportunidade e tempo para executar aquelas actividades extra trabalho, de lazer, que lhe dão prazer?

G22: Não, a não ser nos feriados e nos fins-de-semana, de resto não temos. A gente começar a trabalhar às 7h45, quer dizer que nos temos que levantar às 6h30, portanto, às 6h30 da manhã... até aqui não há hipótese de fazer nada. A partir das 19h à que esperar pelo tempo de verão. Porque quem é que consegue fazer alguma coisa depois de doze horas de trabalho? Tentar descansar um bocadinho, jantar... tentar descansar um bocadinho, ver um bocadinho de televisão, as notícias, e de resto...

E: E tempo para passar com a família tem?

G22: A família é a principal prejudicada, não tenhamos dúvidas. Desde o stress que a gente aqui apanha, desde opa... é claro que a gente aqui tem que reprimir o sentimento e, por vezes, é complicado. Às vezes chegamos a casa e a gente explode com quem não tem culpa nenhuma, não é? O que mais me revolta às vezes, e agora já não me acontece tanto, é a gente estar a levar com a má educação do recluso... a gente está a ser educada com eles, porque eles também podem estar num mau momento, e depois se for preciso, pronto... castigar, corrigir... as pessoas ainda duvidarem se isto aconteceu ou não, quem ter poder de decisão. Isso é que mais custa... e depois é normal que tenha que se levar para casa esse sentimento, e descarregar em casa, em quem não tem culpa nenhuma. Devíamos guardar os bons momentos para aquela altura e por vezes não acontece, olha lá vai uma não é?

E: Leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G22: Acontece muita vez. Temos que pensar muito bem quando pomos o pé dentro de casa “*fica aqui tudo, eu não levo nada*”. É muito difícil. Eu já não costumo falar de serviço em casa. Às vezes aparecem notícias nos jornais e sou questionado porque é que não comento. Porque, muitas vezes, e já falamos sobre isso entre colegas e nas formações, deixar o que está aqui, aqui. Chegar a casa e pegar noutra coisa. Sair de casa e deixar o que está em casa. Porque, de resto, não é conciliável. Ir daqui a pensar para casa, é muito complicado.

E: E a família compreende?

G22: Às vezes, outras vezes também começa a encher, não é? Há um limite, depois de vinte anos, chegar a casa e sempre a mesma coisa. Eu compreendo que haja colegas em ruptura total, são situações muito complicadas. É muito complicado quando se chocam os dois problemas, o stress de um lado, o cansaço do outro. E, se calhar, depois quem vai pagar são os filhos que não têm nada haver.

E: Recorreria aos serviços de psicologia para guardas, caso existissem na instituição?

G22: Apraz-me essa pergunta. Eu acho mesmo que deveria existir. Tivemos aqui um colega que precisou de apoio e as duas psicólogas disseram que só estavam para os reclusos. Acho que foi o pior...opa... Eu acho que uma senhora formada em psicologia, ou qualquer pessoa formada em

psicologia, devia pensar que do outro lado pode estar uma pessoa que está a precisar mesmo de ajuda. De qualquer das formas, elas sabem, e acho que estão preparadas para dar a volta a qualquer situação, e acho que foi mau. Não ajudou o colega. Portanto eu acho que deveria haver, não digo em cada estabelecimento, mas um lugar ou alguém formado em psicologia para dar apoios a colegas. Evitava-se muita coisa. Estão a aturar os reclusos mas esquecem-se que os serviços de vigilância precisam tanto ou mais que os reclusos. Uma pessoa que trabalha com outra tem sempre tendência sempre... não digo familiarizar-se mas a adoptar... os guardas ficam um bocadinho “empanturrados” no conhecimento, na sabedoria... Por vezes, acho que há uma assimilação de comportamentos do guarda pelo recluso. E depois as formações têm sido muito pequenas, não é quase nada. E depois há uma formação aqui ou ali, nunca se põem a dizer quem é que quer ir, quem é que precisa. E depois os que há pelo sindicado, temos tido alguns, houve um de inglês, um de introdução ao direito penal e outro de informática, é sempre a partir das 19h. Quem é que consegue sair daqui às 19h, sem jantar, e estar lá até às 23h. Não dá. Eu fui a todos, mas é muito cansativo, trocávamos impressões com os colegas sobre isso. Falamos com o professor e ele percebia *“epa eu compreendo a vossa situação, vamos sair aqui um bocadinho coiso e saímos mais cedo”*, mas é muito, muito cansativo depois de 12h de trabalho e fazer mais 4h ou 5h de formação. Aquela era para todos, mas não vão lá... Tenho a certeza de que se fosse num horário mais digno *“hoje e amanhã fazemos este, mesmo no horário laboral”*, seria melhor. Porque eu não vejo mais ninguém da função pública a fazer estas formações fora do trabalho. Logo aí, acho que há uma discriminação. Como somos funcionários da direcção geral, acho que deveria haver para todos. Hoje uns, amanhã outros. Acho que era uma melhoria de serviço. Mas eu continuo a dizer, o serviço de vigilância, a farda, continua sempre a estar em segundo plano. Precisam de nós, usam-nos, não nos usam, encostam-nos a um canto. É como aqueles talheres que só se usam em determinadas festas, assim nos fazem. Já as outras forças de segurança tenham muita formação, têm horas de ginástica para libertar o stress. Para libertar o stress nós precisávamos de, já não digo todos os dias mas uma vez por semana, devíamos ter um horário para praticar exercício físico. E depois não há relação humana, percebe? Nos serviços prisionais praticamente não existe. Isto é assim, eu estou neste turno, dou-me bem com estes indivíduos porque até preciso deles para qualquer coisa. Não há mais trabalho de equipa, e é muito difícil fazer trabalho de equipa quando as pessoas não estão todas juntas. Deviam existir outras formas para as juntar, não só quando é para comer e beber. Outro tipo de lazer, ginástica, uma actividade qualquer, uma formação... Aconteceu aqui que foi necessário no tempo do outro director fazer reuniões para tudo e mais alguma coisa, para aquilo parava-se tudo e fazia-se, para nós quando é para comer e beber, quando é a festa da cadeia, pára-se, quando é para fazer outra coisa qualquer, para as pessoas se sentirem... pronto, na há, não há. Mas isto são mentalidades que também são diferentes. E a própria direcção geral que não impõe um horário. Eu não vejo cadeia nenhuma, como esta aqui, das 7h45 às 19h.

E: Já trabalhou noutras instituições?

G22: Já trabalhei em nove. Estive em Lisboa seis anos e meio e depois de passar a subchefe também ainda estive em Alcoentre. Ali na regional, por exemplo, já entram às 8h20. Não trabalham todos os estabelecimentos de forma igual. Embora o regulamento diga que deveria ser para todos de forma igual, o funcionamento é totalmente diferente.

E: Muito obrigado pela sua colaboração.

E: Sente que tem alguns problemas de saúde devido à sua profissão?

G23: Sinto... Físicos... canso-me muito e, acima de tudo, se eu me sentar um bocado adormeço. Por muitas horas que eu durma, sinto-me sempre cansado. É constante.

E: E sente com energia, quando acorda, para enfrentar um novo dia, para realizar as suas actividades diárias?

G23: Muito desmotivado, eu digo-lhe mesmo, eu venho para aqui contrariado. Muito contrariado. Eu quando comecei como guarda tinha uma ideia disto completamente diferente. No início era uma emoção, uma alegria e, ao longo dos tempos, as coisas vão-se degradando e cada vez... pronto... Não há incentivo, não há vontade... Eu cada vez que penso em vir trabalhar, parece que venho com má disposição, não sei.

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G23: Sim, fazemos turnos...

E: E como é que os encara?

G23: Os turnos nocturnos são complicados porque é assim, nós temos pouco pessoal, dividimos o turno a meio... agora quem é que consegue turno durante o dia e mais metade de uma noite com consciência? Nós tentamos estar o mais alerta possível, mas é impossível.

E: Como é que é vivido o dia seguinte a uma noite?

G23: O dia a seguir é chegar a casa e ninguém pode dizer nada. É normal, nós saímos daqui todos stressados como é que chegamos a casa e temos harmonia, boas maneiras para falar com as pessoas? E o dormir... só à noite é que eu consigo dormir, durante o dia é impossível, não consigo dormir.

E: Consegue fazer um sono em que sente que descansa mesmo?

G23: Esse não, esse não. Opa mas quem é que consegue, nos dias de hoje, a viver estes problemas da cadeia? É impossível, porque nós levamos tudo na cabeça. Eu estou aqui, mas naqueles horas de descanso, não consigo descansar. Eu estou sempre em sobressalto, qualquer barulho, qualquer coisa, pode ser um alerta. E em casa permanece sempre aquela ideia, dos barulhos e das outras coisas todas.

E: Tem oportunidades de realizar actividades extra trabalho, de lazer, aquelas actividades que lhe dão prazer?

G23: Olha é assim, há uma coisa que me fascina que é a caça e são os cães. É a única coisa que me faz aliviar um bocadinho o stress. Aí sim, consigo aliviar o stress. É uma das coisas... quando chego a casa, agarro nos cães, vou passear, parece que são os animais que me fazem aliviar um bocado o stress.

E: Considera que tem tempo para passar com a família?

G23: É assim, o tempo da família, os melhores dias da família, geralmente nós não temos, calha aos sábados e aos domingos. À noite é complicado. Não se pode dizer que não temos, mas também não se pode dizer que temos. O nosso serviço é por turnos e, geralmente, se a esposa trabalha, se o filho anda na escola é durante o dia, eu à noite estou ao serviço... eles estão ao fim-de-semana em casa, eu estou ao serviço. Praticamente não temos muita disponibilidade para eles.

E: Leva os problemas para casa?

G23: É impossível não levar. É impossível porque as coisas vão sempre na cabeça.

E: E depois isso tem impacto na família, e na relação com os outros...

G23: Claro. Nós, às vezes, até nos esquecemos que estamos a lidar com a família.

E: E eles compreendem isso?

G23: Julgo que eles fazem força por compreenderem. Mas isto ao longo dos anos, tanto se deteriora da nossa parte para eles, como deles para nós, julgo eu. Quer dizer, depois deixa de ser um problema só nosso, para ser um problema deles também.

E: E sente que esse sentimento se tem agravado ao longo dos anos?

G23: Cada vez é pior. Por exemplo, se for num grupo... Por exemplo, um campo de futebol, eu não consigo estar num campo de futebol junto daquela confusão toda, não consigo. Não sei. Por exemplo, nós temos livre-trânsito, eu moro em Coimbra, e a minha esposa, o meu filho e a namorada, às vezes vão ver os jogos da Académica. Eles todos têm carta, mas eu ia lá levá-los e ia lá buscá-los, não me sinto bem. O meu hobby é aquilo que eu digo, é os animais, é estar sozinho... e em casa, estar a televisão baixinha, estar lá o mais sossegado possível.

E: O barulho faz-lhe muita confusão...

G23: (suspira). Isto aqui... Aqui nem tanto mas no Forte de Caxias, tive lá doze anos e foram doze anos de amargura. Lá é mais duro do que aqui. Aqui é por causa da mentalidade das pessoas mais. Nós aprendemos uma coisa, e depois aprendemos que, quem sabe trabalhar não sabe trabalhar. Ou seja, as pessoas querem que seja diferente...

E: Qual é a opinião que tem acerca da generalidade dos reclusos deste estabelecimento?

G23: Lidar com pessoas adultas e com jovens é totalmente diferente. Os jovens é mais à base da psicologia, mais à base da palavra porque se nós entrarmos... como é que eu hei-de dizer? Em choque, em conflito, não é que a gente não saiba executar a nossa profissão... Mas acho que não pode ser tão à base do directo, tem que ser mais com o psicológico, dar a volta com a palavra, do que propriamente, ser directo com eles. É sempre “*não faço, não posso*”, em Caxias era “*vai fazer aquilo*” e faziam. Aqui não posso fazer isso, senão entramos logo em colisão. Era muito diferente, não tem nada haver, nada, nada.

E: Acha que este tempo de reclusão influencia de forma positiva o comportamento deles?

G23: Eu julgo que não. E dentro dos moldes que estão criados, não. E porquê? Porque infelizmente o meio prisional de hoje... A reinserção social dos reclusos, no meu ponto de vista, está errada. Porque eu acho que dentro da cadeia, onde se dá todas as liberdades e condições para os reclusos, sim senhor, tenham uma vida boa na cadeia, mas o instituto de reinserção social não funciona quando o recluso está para sair. Porque dá-se apoio social no primeiro mês e, não sei quê e tudo mais, mas não se vai procurar saber se o homem tem um emprego... Acho que isto devia funcionar nuns moldes diferentes. No último ano de vida na cadeia, devia-se preparar o homem para a liberdade, ou seja, metê-lo numa actividade laboral, ou na zona onde ele, possivelmente iria trabalhar, especializa-lo, e criar ali um emprego onde ele fosse acompanhado durante esse ano. O que é que vale dar *playstations*, televisões, dvd's, mp3... tudo cá dentro, se depois o homem sai e volta para a mesma confusão. Não tem mentalidade para se aguentar. Para mim acho que é um erro, o instituto de reinserção social é das instituições a nível da reclusão que não funciona, que eu não vejo funcionar. Lá fora não há apoio. O recluso sai daqui, não tem emprego, lá fora a vida está difícil, o que é que ele vai fazer? Não tem família, não tem pai, não tem mãe, o que é que ele vai fazer? O que é que a pena de cadeia dizia? A pena de cadeia é uma medida privativa de liberdade, onde o sujeito deve ser acompanhado o mais possível, para se devolver à sociedade com êxito. E eu não vejo isso.

E: Não acredita que, de facto, há uma reabilitação dos reclusos?

G23: Não, hoje não. Hoje é uma fantasia. Hoje vale mais o “faz de conta”, o sim senhor está tudo bem, e dá-se todas as condições e, na maior parte das vezes, nem se faz cumprir com as ordens e disciplina. A medida privativa da liberdade indica que o indivíduo só faz o que está autorizado a fazer. E aqui não, é um faz de conta. As pessoas hoje querem é que os reclusos não dêem chatice, não se trata de os fazer cumprir, eles querem é que não haja conflito. Não havendo conflito está tudo bem para os nossos gestores. Coisa que está errada, porque a cadeia foi feita para cumprir a medida privativa de liberdade, ou seja, eu sei que vou estar preso, e sei que vou estar restringido de certos princípios. Quais são os princípios que eles tiram apenas? São a família. Só lhe tiram a família porque o resto tem tudo.

E: Considera que existe uma real divisão das tarefas, ou que há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G23: Eu acho que na generalidade até tem estado... Não é perfeito mas acho que está bem.

E: Considera que as decisões por parte dos seus superiores são um pouco arbitrárias ou vagas por parte dos seus superiores, ou há uma certa coerência?

G23: Uma ordem aqui é passada não sei quantas vezes, um transmite de uma maneira, dá-se a outro já se transmite de outra...

E: Acha que pode manifestar livremente a sua opinião?

G23: Não, nos momentos de hoje, quanto mais calado melhor.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G23: O estabelecimento prisional deve aplicar a medida privativa de liberdade que se destina a que a pessoa cumpra a sua pena e, depois, de acompanhada seja devolvida à sociedade como preparada para enfrentar a nova vida. Faz tudo menos aquilo que está destinado.

E: Se pudesse melhorar algum aspecto da instituição o que melhoraria?

G23: Eu fazia meter em prática o que diz o 265/79, que é a reforma prisional que temos agora com as alterações que lhe foram introduzidas. Ou seja, fazer cumprir o que lhe está escrito. Porque os nossos gestores têm que se convencer que não estão a gerir uma coisa pessoal, estão a gerir os direitos do estado. A obrigação que os nossos superiores hierárquicos, neste caso, o senhor doutor juiz determinou. Conduz-se o recluso à cadeia cumprir uma pena de x anos, e depois disso, para isso vem o 265/79 que faz reger o trabalho. Mas não é isso que se tem feito, não há uma aplicação da lei.

E: Consegue reconhecer facilmente as suas emoções? Ou seja, se está chateado consegue perceber que está chateado e ter calma ou chateia-se, explode e só depois analisa a situação?

G23: Isto é assim, cada momento é um momento. Eu posso-lhe dizer que tive agora problemas familiares, a minha esposa teve uma doença, que me fez reflectir muito sobre a minha vida pessoal e profissional. E olhando para trás para estes anos todos, e para aquilo que tenho passado, acho que é muito complicado. Sou a pessoa que sou, se me derem uma ordem, ela tem de ser cumprida até ao fim. E por muito que nos custe às vezes... Mas não é fácil a gente ter discernimento para não explodir. Tentamos.

E: Acha que com o tempo o nível de tolerância de vindo a aumentar ou a diminuir?

G23: Diminuiu. Eu apenas agora mudei a minha mentalidade no sentido de *“não me vou chatear com o serviço”*. Sinto que neste momento não sou o profissional para o qual fui preparado, porque não posso, não me autorizam, não me deixam. Só para dizer que fui trocado duas vezes num ano de serviço porque desempenhava as funções conforme está escrito e os nossos superiores não querem assim, querem que nós sejamos mais flexíveis. Não posso vir a ser flexível com uma coisa que não é minha, tenho que ser flexível naquilo que é meu, em minha casa, com o meu filho porque eu sou o superior hierárquico da casa. Ou seja, sim senhor, eu vou oscilar aqui mas não estou a prejudicar seja o que for, ao contrário daqui. Uma lei diz assim *“ninguém circula por onde não deve”*, que é a lei de ouro da segurança, se não circula não circula. O recluso só pode ir a tal sítio com um documento assinado do director, senão circula, não circula. Não é por ser o senhor educador A, B ou C *“mande-me cá acima o recluso”*, *“fale com o chefe”*. Ora isto não é bem visto, está a ver a ideia?

E: Sim, sim. Acha que aquilo que recebe é adequado para as funções que desempenha e suficiente para satisfazer as suas necessidades diárias?

G23: Isto é assim, nós temos que ser coerentes. Eu acho que a base do dinheiro... o dinheiro é muito importante, mas a estabilidade é mais importante. Eu antes queria manter o dinheiro, o vencimento que tenho e ter mais estabilidade no trabalho, sentir-me mais realizado a trabalhar do que propriamente... O dinheiro é muito necessário, quanto mais vier melhor mas acho que a estabilidade profissional, eu não tenho dúvida... Conheço o 265/79 de trás para a frente, de frente para trás, e não estou a tomar esta decisão... sentir-me realizado, e vir o cheque... está feito, está feito, acabou, acabou... neste caso o dinheiro é a parte que menos importa. O ordenado não é grande, mas é razoável, em relação à maior parte das pessoas é um vencimento razoável.

E: Recorreria aos serviços de psicologia caso existissem no estabelecimento para guardas?

G23: Eu continuo a dizer, essa parte era fundamental porque, nos dias de hoje, vivemos problemas desde a sociedade, problemas que são cá dentro, que nós de x em x tempo, devíamos ser obrigados... desde o exercício físico... então temos aqui rapazes com 16, 17, 18 anos, eu tenho 44...eles treinam todos os dias, fazem o exercício físico deles, nós não o fazemos. Qual é a minha preparação para lidar com uma situação dessas? Não tenho, não tenho.

E: E pronto...é só. Muito obrigado.

E: Sente que tem algum problema de saúde devido à sua profissão?

G24: Até ver ainda não.

E: E sente-se com energia quando acorda para vir trabalhar e enfrentar as suas actividades diárias?

G24: Às vezes não, não tenho vontade nenhuma.

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G24: Faço.

E: E como é que é? É mais complicado, não é?

G24: Ando cheio de sono, tenho que dormir.

E: Acha que existe uma adequada divisão de tarefas aqui dentro ou há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G24: Há umas mais sobrecarregadas que outras. Muito, muito... Uns não fazem nada e outros fazem tudo.

E: E acha que há decisões um bocadinho vagas por parte dos seus superiores, ou há uma certa coerência entre todos eles?

G24: Não, não há coerência nenhuma. Ninguém se entende.

E: E acha que pode manifestar livremente a sua opinião?

G24: Posso, mas depois também não sou bem aceite. Começo a ser eu do contra. Eu faço-as mas depois sei que já não sou tratado da mesma forma.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G24: Sei lá. Para já a primeira função é reter as pessoas privadas da liberdade mas há muitas coisas que podiam ser feitas. Olhe ocupação que não se dá. E depois isso traz muitos problemas.

E: E se pudesse melhorar algum aspecto, o que melhoraria?

G24: A primeira coisa era dar ocupação a todos os presos para eles se sentirem úteis. Eles chegam a um ponto em que não se sentem úteis. Vêm ter quase a mesma vida que tinham lá fora.

E: Acha que reconhece facilmente as suas emoções? Ou seja, quando está chateado, percebe que está chateado e tenta manter a calma ou explode logo e só depois analisa a situação?

G24: Consigo, consigo perceber.

E: Considera que aquilo que recebe, o seu ordenado, está adequado para a função que desempenha, e é suficiente para satisfazer as suas necessidades diárias?

G24: Não, não, não. Não sei se tu entendes, mas poucas pessoas entendem a nossa função. Todo o dia a ouvir problemas. E nós não somos tratados como pessoas.

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G24: Está tudo agarrado à droga, falando um português correcto, e através daí advêm os problemas. Havendo consumo há dívidas, havendo dívidas há confusões, são muito conflituosos.

E: Também são mais novos...

G24: Pois, eu já passei por outras cadeias e isto não tem nada haver. Um homem sabe o que quer, este ainda se quer afirmar. Esta idade do recluso, eles querem-se afirmar, dos 16 aos 21... Acho que é quando o ser humano se quer afirmar e depois, às vezes, faz coisas sem pensar.

E: Qual é a diferença que encontra entre os outros estabelecimentos prisionais pelos quais passou e este?

G24: Lá era mais fácil, e até a linguagem é outra, as conversas são outras, não tem nada haver.

E: Acha que este tempo de reclusão influencia o comportamento deles de forma positiva?

G24: Acho que não. Eles acabam por estar aqui cinco anos, vão meia dúzia de dias e voltam outra vez.

E: Então não acredita que há de facto uma reabilitação dos reclusos?

G24: Não.

E: E atribui isso a que factor?

G24: Voltamos sempre ao mesmo... não há uma ocupação. A ocupação que existe é baseada numa precária, não é? Ele se vai para uma escola ou um curso, vai para lá porque tem precárias, não é por gosta, não é? Ele vai para lá porque sente que dali pode vir uma oportunidade. É um oportunismo... Isto é a minha maneira de ver as coisas.

E: Considera que tem oportunidade para realizar actividades extra trabalho, aquelas oportunidades que lhe dão prazer?

G24: Tenho. Nas folgas.

E: E tempo para a família?

G24: Também, também e ainda consigo deixar os problemas à porta da casa.

E: E a última questão é se recorreria aos serviços de psicologia para guardas caso existissem na instituição?

G24: Eu acho que devia haver porque nós, às vezes, criamos se calhar confusões ou não entendemos determinadas coisas porque andamos debaixo de uma pressão tão grande. A primeira coisa é que sentimos que ninguém nos dá valor. Sentimos e acho que é verdade. Por mais que a gente não queria aceitar, doutores e direcção é uma parte e guardas é outra. Não há bom ambiente. Já estive em cadeias em que havia bom ambiente. Juntávamo-nos para almoçar, para jantar... Aqui não. Aqui há muita divisão. Não querem saber se a pessoa está doente, se tem algum problema...

E: Já está. Muito Obrigado.

E: Sente que tem alguns problemas de saúde devido à sua profissão?

G25: Sim.

E: Quais?

G25: Uma ansiedade maior.

E: E sente com energia quando acorda para vir trabalhar e enfrentar as suas actividades diárias?

G25: Na maior parte das vezes nem me dá vontade de vir trabalhar...

E: Sente-se desmotivada?

G25: Sim.

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G25: Actualmente não, mas já fiz.

E: E como é que lidava com isso na altura?

G25: Era muito mais complicado. Chegava a casa e quem pagava era a família. Ia sempre com mau feito como eles diziam "*lá vens tu com o mau feitio*".

E: E a família compreendia?

G25: Às vezes nem por isso. Não se apercebiam da agressividade.

E: E você percebeu-a?

G25: Eu sim.

E: Acha que consegue reconhecer facilmente as suas emoções? Isto é, quando está mais irritada percebe que está irritada e consegue acalmar-se ou reage logo, explode logo?

G25: É assim, acho que com a idade a tolerância tem aumentado. Mas se calhar antes andava um bocadinho mais com o sangue na guelra. Uma pessoa acalma com a idade, se calhar, também porque está mais desmotivada, não? Porque uma pessoa que está mais desmotivada já nem dá tanta importância às coisas. Já não ligo, deixo andar...

E: Acha que existe uma adequada divisão de tarefas ou que existem pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G25: Há, penso que sim.

E: E considera que há decisões um pouco vagas ou arbitrárias por parte dos seus superiores, ou que há uma certa coerência entre eles?

G25: Acho que não. São humanos.

E: Depois o funcionamento é mais complicado?

G25: É.

E: Considera que pode manifestar livremente a sua opinião, dizer aquilo que sente, aquilo que pensa?

G25: Não.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G25: Para mim ou aquilo que deveria ser?

E: Aquilo que considera que é actualmente e aquilo que considera que, idealmente, deveria ser?

G25: Devia ser para reabilitar as pessoas, para quando eles saíssem para viverem em liberdade conseguirem viver em sociedade e adaptar-se às regras da sociedade. Mas neste momento penso que não... acho que as instituições também estão um bocado benevolentes em relação a eles.

E: Se pudesse melhorar algum aspecto o que melhoraria?

G25: Em relação aos reclusos?

E: À instituição, aos reclusos...

G25: O ensino. Acho que se devia voltar um bocadinho atrás ao que dantes tinham de melhor, que eram as oficinas. Colocá-los a trabalhar em profissões que hoje, praticamente, não existem porque não há mão-de-obra. Cursos mais práticos.

E: Acha que aquilo que recebe é suficiente para satisfazer as suas necessidades diárias, e que, efectivamente, está adequado face à função que desempenha?

G25: Às vezes para a carga de nervos que levo daqui, não. Acho que isso não tem preço. Acho que isso é o outro lado das coisas que depois mais tarde...

E: O que é que aqui a faz ficar assim enervada?

G25: A má educação.

E: De colegas ou dos reclusos?

G25: De reclusos e de colegas. Acho que, hoje em dia... Ainda há pouco um recluso... A maneira como eles falam conosco... não há... “ya, ya”... vira-se um para mim “ya, ya”, o que é isso ya? Percebe? O mínimo, o mínimo de educação. É assim, não quero que coloquem o “excelentíssimo”, mas o mínimo de educação a falar com as pessoas. A idade não desculpa tudo, porque eu já fui da idade deles e não era assim, mal-educada. Estes jovens são mais conflituosos, mais mal-educados, mais imaturos. Estão cada vez pior.

E: E enquanto mulher, sente que o tratamento é diferente, tanto de colegas como de reclusos?

G25: Sim, sem dúvida. É assim, com os reclusos... há reclusos que talvez por ser mulher se controlem mais. Mas também já deixa de haver isso, com estas idades já não há diferenças entre mulher e homem. Para eles é farda, mais nada. Só vêm a farda, não vêm se eu sou mulher, ou se sou homem, é a farda. Com os colegas não noto diferenças.

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G25: São tipos de reclusos que eu... sempre habituada a trabalhar com mulheres, e com homens mais... com uma população etária mais elevada, estes são muito, muito rebeldes. Para eles os valores deles é terem umas sapatilhas de marca, isso é que é importante para eles... terem umas calças boas, e depois uma coisa que eu vejo muito é que dão muito valor ao cabelo, andam sempre com pentes, com tranças... Só há aspecto físico.

E: E consideram que são mais conflituosos do que os pertencentes a uma faixa etária superior?

G25: São.

E: Acha que este tempo de reclusão influencia de forma positiva o comportamento deles?

G25: De não voltarem a não cometer crime? Não digo que cem por cento saiam melhores, mas alguns saem. A grande maioria volta.

E: Então não acredita que há uma verdadeira reabilitação?

G25: Não, sinceramente não. Não digo que cem por cento vão dão todos em grandes criminosos, mas...

E: Porque é que acha que isso acontece?

G25: Devido ao meio.

E: Acha que tem oportunidade para realizar actividades extra trabalho, actividades que lhe dêem prazer?

G25: Não, não tenho tempo para nada disso.

E: E para estar com a família?

G25: Também não (risos).

E: Leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G25: Tento não levar. O meu marido também é guarda e tentamos não falar. Mas, se calhar, há sempre um tema, há sempre um assunto.

E: A pouco disse que se sente mais irritada, mais chateada... Consegue chegar a casa e alterar essas emoções?

G25: Não. Não, consigo quebrar essas emoções. Por mais que digam, não é possível. É assim, pode-se suavizar mas não, não...

E: Recorreria aos serviços de psicologia caso existissem para guardas aqui no estabelecimento ou não acharia necessário?

G25: Recorreria. Acho que era muito bom se houvesse, assim como há para os reclusos também deviam haver para os funcionários, não só para guardas mas para toda a gente.

E: Muito obrigado.

E: Sente que tem alguns problemas de saúde devido à sua profissão?

G26: Problemas de saúde? O normal na minha idade, acido úrico, colesterol...

E: Sente com energia quando acorda para vir trabalhar e realizar as suas actividades diárias?

G26: Sim, a seguir ao almoço é que é mais problemático, dá-me a sorna (risos)

E: Não sei se faz turnos nocturnos neste momento...

G26: Faço.

E: E como é que lida com isso? É mais complicado, não é?

G26: Não, é igual.

E: Não se sente mais cansado?

G26: Não.

E: Considera que existe uma adequada divisão de tarefas nos serviços ou há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G26: Bom... O sistema prisional tem um método de trabalho definido, não é? Agora eu não diria que há pessoas mais sobrecarregadas que outras, há pessoas mais activas que outras, vão mais de peito às tarefas, têm mais vontade de fazer as coisas... E há outras pessoas que se encostam mais. Portanto, passa mais por aqui.

E: Considera que existem decisões um pouco arbitrárias ou vagas por parte dos seus superiores ou há uma certa coerência entre eles?

G26: Eu penso que sim, eu penso que sim. Há diálogo, há comunicação, entre eles.

E: Considera que pode manifestar livremente a sua opinião?

G26: Sem dúvida. Não quer dizer que seja aceite, mas que posso, posso.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G26: A minha opinião é precisamente aquela que está explanada na lei. Vai ver o 265/79, 1 de Agosto, que vai ser substituído dentro de algum tempo e diz lá precisamente.

E: E considera que a lei é de facto aplicada?

G26: Não inteiramente. É impossível pôr em prática o que está explanado mas tenta-se fazer. Quando eu disse não, quero-me referir à questão da reeducação. Há um contenção orçamental que é bem conhecida... agora ainda por cima estamos em crise, não temos técnicos suficientes, não temos pessoal suficiente, portanto... Ao nível da formação também, embora se lute por termos o máximo possível devido, precisamente, a essa contenção... há muita falta ainda. Epa faz-se o possível, não se faz o que seria ideal mas faz-se o que é possível e isto vai mais para a terapia ocupacional, do que praticamente ensinar-lhes uma profissão para a vida, não é? Inclusivamente a questão da escolaridade e tudo mais. Há estudos nesse sentido, não sei se já leu, de uma socióloga que é a Maria do Carmo que fez um estudo recente, lá em baixo no Pinheiro da Cruz onde eu estava que tem haver com a questão das habilitações literárias ligadas à reincidência. Os indivíduos que estudavam e que tinham um nível mais avançado de habilitações académicas tinham uma taxa de reincidência muito menor, mas significativamente menor, do que os que não estudavam. É um ponto interessante.

E: E considera que se falha nesse aspecto?

G26: Não é a questão do falhar. Para já há pouca vontade da parte deles. Penso que se conseguirá, se calhar, mais êxito dentro de uma faixa etária mais avançada do que com o pessoal desta faixa etária. Este pessoal de dezoito/vinte anos ainda tem a ideia de que vive eternamente e o futuro está além. As pessoas adultas já pensam de outra forma.

E: Se pudesse, então melhorar algum aspecto o que melhora, assim de forma mais imediata?

G26: É difícil, e tudo o que eu dissesse seria utópico. Temos que nos limitar à realidade e a realidade que temos é esta.

E: E não acha que dentro dessa realidade há uma realidade que pode ser alterada?

G26: Quer ir para onde?

E: Onde quiser. Gostava que me dissesse uma coisa concreta passível de ser alterada...

G26: É como eu lhe digo, fazemos o que é possível. Não fazemos o que gostaríamos de fazer, é evidente. Penso que ninguém fica satisfeito com o que se faz. Faz-se o melhor que é possível, da nossa parte, penso que fazemos aquilo que é possível, e até mais daquilo que nos é exigido. Penso que há muito de nós, o factor humano, que é metido nesta profissão. Agora, o que é que se poderia fazer? Queríamos ter mais viaturas, queríamos ter mais funcionários, queríamos ter mais condições, epa... não vale a pena ir por aí.

E: Acha que reconhece facilmente as suas emoções? Quando está chateado, por exemplo, consegue compreender logo isso e acalmar-se ou chateia-se explode e só depois reflecte sobre o assunto?

G26: Sim.

E: Considera que o seu ordenado está de acordo com a função que desempenha e é suficiente para satisfazer as suas necessidades diárias?

G26: Não.

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G26: É complicado, eu quando tinha a idade deles, também era complicado. É a nossa idade de rebeldia, a nossa idade de afirmação é, precisamente, aqui. É lógico que com o passar dos anos tende a alterar-se. O que é que eu acho dos reclusos? Olhe temos aí de tudo. Eu não tenho uma opinião específica sobre os reclusos. Cada caso é um caso. Embora haja determinadas limitações eu não consigo olhar para os reclusos todos da mesma forma. Epa não olho. É evidente que o nosso inter-relacionamento, a nossa interacção influencia a nossa perspectiva, basta sermos humanos. E não conseguimos fazer nada para o evitar. A menos que fossemos assim umas maquinazinhas tipo robôs, com umas teclas e tal. Não se olha para todos da mesma forma.

E: Acha que este tempo de reclusão tem um impacto positivo no comportamento dos reclusos?

G26: Positivo? Isto é tão genérico que não dá para dar uma resposta precisa.

E: Estamos a falar na generalidade claro.

G26: Cada caso é um caso. Há indivíduos que estão aqui presos que, se calhar, até ficam de alguma forma, traumatizados pela passagem por esta experiência. Há outros que estão aqui presos e têm muito orgulho nisso, são uns senhores, tiveram presos x tempo e tal, são maus e não sei quê. Aprendem, aprendem sem dúvida as vicissitudes deste meio. Também podem aprender alguma coisa boa, que é para esse trabalho que nós estamos cá. Os professores, os educadores... tentar alterar o destino deles, não é? Tentar que eles não se prejudiquem a eles próprios e não prejudiquem a sociedade. É difícil, nós sabemos que é difícil, não temos grandes ilusões. Faz-se o que é possível?

E: Mas acredita numa possível reabilitação?

G26: Em alguns casos há, mas a maioria aponta para a reincidência. E isso não temos dúvida nenhuma porque ela acontece mesmo. A nossa directora geral, ex-directora geral ainda há pouco tempo na televisão, numa entrevista, dizia que o Estabelecimento Prisional de Leiria, tinha uma reincidência de praticamente 0. Epa e a malta fartou-se de rir e os restantes intervenientes que também estavam na entrevista, fartaram-se de rir em directo. E tem realmente uma taxa de reincidência de praticamente 0 porquê? Quando os gajos saem daqui, já estão na idade limite de aqui estar, e quando voltam e reincidem no crime, já não vêm presos para aqui, vão para a cadeia dos adultos. Portanto, elas não

podem ir por aí, não é? Mas o facto é que, infelizmente para todos, uma grande número destes indivíduos faz disto carreira.

E: Considera que tem oportunidade para fazer actividades extra trabalho, actividades de lazer, que lhe dêem prazer?

G26: Faço.

E: E tempo para estar com a família também tem?

G26: Tenho. A minha mulher também é guarda e, se calhar, entendemo-nos melhor. Se fosse doméstica ou tivesse outro emprego, se calhar, o entendimento não seria tão bom. Assim como sabemos os problemas com que nos deparamos neste trabalho, até temos um bom entendimento.

E: Leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G26: Nunca. Zero. Aliás não falo de trabalho em casa.

E: E recorreria aos serviços de psicologia para guardas caso existissem nos serviços?

G26: Epa necessário, necessário, se calhar, até é. Não era de todo prejudicial, quem de direito se debruçasse sobre isso e ter alguma iniciativa nesse sentido. Há realmente quem o precisa. Eu digo isto porque estou-me a basear na elevada taxa de divórcio que há nesta profissão, o suicídio ainda cá não chegou, está ainda na GNR... mas há um grande índice de alcoolismo, pessoas viradas para o álcool, e isso, se calhar seria motivo para a pessoa falar com alguém, desabafar com alguém, tentarem analisar os seus problemas. No meu caso, eu também não bebo álcool, portanto, estou descansado.

E: E pronto, é só. Muito obrigado.

E: Sente que tem algum problema de saúde devido à sua profissão?

G27: Não, não tenho tido nada assim de especial.

E: Sente-se com energia quando acorda para vir trabalhar, para realizar as suas actividades diárias?

G27: Já senti mais. Já tive mais motivação para isto.

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G27: Faço.

E: E como é que lida com isso?

G27: Como eu sou de longe, moro a 96km, é melhor. Tenho mais dias de folga e assim é preferível ir fazendo noite e depois estar uns dias sem cá estar, do que estar cá a fazer só dias, não é?

E: Considera que existe uma divisão de tarefas adequada ou que há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G27: Acho que sim. E vai existir sempre em todas as instituições, é normal, não é?

E: E acha que há decisões um pouco arbitrárias ou vagas por parte dos seus superiores, ou há uma certa coerência?

G27: Exactamente. De vez em quando acontece. Não há uma coordenação a 100% da chefia. Há umas divergências e há umas falhas. Mas nós, que temos alguns anos de serviço, conseguimos tentar chegar ao objectivo daquilo que eles querem. Praticamente todos, a não ser aqueles que iniciaram aqui a carreira, todos aqueles guardas que vêm para aqui já têm dez anos de serviço, oito anos de serviço... Já trabalharam em vários estabelecimentos, já têm um certo traquejo disto, não é? Não nos deixamos assim influenciar sem mais nem menos, não é? Ou seja, todas as ordens que nos dão, nós sabemos geri-las da melhor forma, penso eu... eu falo por mim... Pelo menos tento chegar... Pode não ser de acordo com a chefia mas... mas em relação ao objectivo que eles querem, funciona. De vez em quando, há algumas divergências na chefia e é um bocado complicado para nós, que estamos a receber o produto final, que estamos a receber a ordem, por vezes ficamos assim um bocado baralhados, não é? Mas conseguimos chegar lá.

E: Considera que pode manifestar livremente a sua opinião?

G27: Posso. Posso.

E: Qual considera ser para si a principal função de um estabelecimento prisional?

G27: É. Nós estamos aqui no fundo a “cumprir ordens judiciais”. Eles estão cá condenados e nós temos que fazer cumprir a determinação judicial, não é? Que é a vigilância e segurança de um homem que é condenado pelo juiz, não é? Nós só estamos aqui a fazer cumprir isso, não é mais nada... Dentro do sistema interno da cadeia, fazemos cumprir isso. Será isso... Não deixamos... É isso...

E: Se pudesse melhorar algum aspecto o que melhoraria?

G27: Sei lá... penso que a relação entre administração, chefia e guardas. Portanto, há aqui uns pontos um bocado divergentes. Há algumas divergências, e sempre vai haver. Há aqui duas situações distintas, não é? Uma é a parte da direcção e outra é a parte de farda, de vigilância. Isto está bem limitado, é assim, o que acontece é que, por vezes, esquecem-se dessa limitação. Uma coisa é a direcção, outra coisa é o serviço de chefia. Nós estamos sempre a receber ordens dos superiores, não é? Mas por vezes as coisas não funcionam da mesma forma.

E: Considera que reconhece facilmente as suas emoções? Ou seja, quando está chateado consegue reconhecer isso e acalmar-se, ou explode e só depois analisa a situação?

G27: Eu tento, sempre que possa, agir de uma forma que não deixe transparecer o que é que sinto. Mas por vezes não é fácil... No início foi um bocado complicado, quando uma pessoa vem para os serviços prisionais nunca sabemos o que é isto... é um bocado complicado. Mas depois conseguimos gerir da melhor forma. Temos que ter psicologia e tal para lidar com presos, com directores, com subchefes, com isto e com aquilo. Facilidade de lidar com as pessoas. Soube, dentro da minha maneira de ver, lidar com este tipo de situações. Mas não quer dizer... é lógico que, às vezes, acontecem situações que uma pessoa... mas são situações pontuais. Se nós não conseguirmos controlar a cabecinha, é complicado. Uma pessoa tem que vir para cá... no fundo uma pessoa tem que vir para aqui a 100%. No início disse-lhe, já tive mais motivação para vir para o serviço porque nem todas as cadeias são iguais, nem todas as pessoas são iguais... Em certos estabelecimentos há mais camaradagem, noutros não há... Mas de qualquer das formas, tendo gerir da melhor forma, desligar-me um bocado desta situação e tentar fazer o meu serviço da melhor forma.

E: Já trabalhou noutros estabelecimentos então...

G27: Tive no EPL, onde tive só um mês e tal, dois meses, e tive oito anos em Vale Judeus. De lá já vimos com um certo traquejo de lidar com presos, isto aqui para nós é “uma brincadeira”. Nós aqui... eu pessoalmente, ainda não aprendi nada aqui, só desaprendi. Eu tenho consciência disso. Pensei que fosse evoluir mais um bocado a minha maneira de trabalhar, profissional e não sei quê... aprender outras coisas novas... Os presos são diferentes, os guardas são diferentes, a direcção é diferente mas... Vale Judeus para mim foi uma escola, é uma escola engraçada. Lidamos com homens, não são garotos.

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G27: É como se diz na gíria deles *“a chavalada nova que tem aquele sangue na gueltra”*, cheios de força... Só que são putos, são crianças, não é? Nós conseguimos controlar bem a situação, e é pessoal que está sempre em actividade, não têm problemas nenhuns em fazer frente a um guarda ou qualquer coisa. Numa cadeia de alta segurança é totalmente diferente, não é? Lidamos com homenzinhos, eles já pensam mais que uma ou duas vezes, agora, estes não. Quando é para explodir, explodem e nós temos que saber gerir essa situação. É mais difícil trabalhar aqui, muito mais, do que trabalhar numa cadeia de alta segurança. Não tem nada haver uma coisa com a outra. Eu quando passava na nacional e ia para Vale Judeus, olhava para aqui e dizia o seguinte *“nunca mais vou para ali, aquilo deve ser um espectáculo... um espaço aberto...”*. Cheguei aqui e foi uma desilusão, e continua a ser, tem vindo a ser desde que estou a aqui e recebemos outro tipo de colegas do EPL e de Vale Judeus, dizem precisamente a mesma coisa *“meu rico Vale Judeus, meu rico EPL”*. Mas Leiria é mais complicado. É assim, isto podia ser a melhor cadeia para trabalhar a nível nacional, isto é um espectáculo. Para quem trabalhou numa cadeia central, que se chamava de alta segurança... nós cá em Portugal não temos as chamadas cadeias de alta segurança, só nos Estados Unidos... nós aqui, os nossos presos, a nível nacional, são pacatos. E ainda bem. Mas os nossos presos estão a mudar, é Moldavos, é Ucrrianos... são outro tipo de crimes, é mais complicado, são mais frios. Penso que a nível de serviços prisionais não estamos preparados para essas situações. Vamos ver... penso que são os presos do futuro. E nós temos que estar um bocadinho mais dentro desse sistema, preparados para isso não é? Nós ainda não estamos ao nível de instituição, formação... Vamos estando... Devagar e não sei quê... Mas também é conforme as coisas acontecem... as coisas acontecem, e vamos atacar ali. Não estamos ainda um bocadinho à frente, mas é normal em todas as forças de segurança, é normal. Às vezes temos que aprender com os erros. Mas de qualquer das formas, Leiria podia ser uma grande cadeia para trabalhar. Porque é assim, é um espaço aberto, doenças há poucas... e eu para mim, por exemplo, um sítio onde não haja doenças para mim é um espectáculo. Só o facto de não haver aqui doenças, epidemias e não sei quê, é o essencial. Problemas que eles tenham a nível pessoal, são problemas que se controlam. Não há aquelas situações muito complicadas, muito graves, controlam-se. Mas há muitas... em Vale Judeus e noutras cadeias centrais quando há, são graves, gravíssimas. Há sempre sangue. Aqui não. Há várias mas são coisas que se resolvem. Mas uma pessoa anda sempre em tensão, sempre a ver quando é que eles se portam bem, quando é que eles se portam mal, são garotos. São garotos. É a realidade, isto são putos. Há uma tensão constante, mas é controlável, eu sei que consigo controlar. Para quem já passou motins, fugas, essa coisa toda, como eu já passei... isto aqui... controla-se.

E: Então porque é que este estabelecimento não consegue ser, efectivamente, o melhor como há pouco disse que poderia ser?

G27: Não é pelo sistema. São os meninos protegidos a nível nacional. E no fundo esta é uma cadeia especial, em tudo. Mas às vezes esquecem-se que isto é uma cadeia. Isto não pode ser uma escola como já foi. Apesar ter o nome de escola, já foi, já não é.

E: Acha que o tempo de reclusão influencia de forma positiva o comportamento dos reclusos?

G27: Por vezes não. Há uma revolta, não é? Mas é assim, isto tem muito haver com o sistema de cada pavilhão, de cada chefia. Eu tenho uma maneira de ver as coisas desta forma, se houver muita pressão em relação aos reclusos, se calhar, eles vão sentir isso e portam-se cada vez mais mal. Não podemos descurar o serviço, não é? Mas há muita maneira de lidar com eles. Eu utilizo muito a forma psicológica e tem dado certo. Portanto o tempo de reclusão de uma forma positiva... por um lado pode ser, por outro, pode ser muito complicado. Quer dizer eles já saem daqui... a nível de sociedade...

E: Acredita que há uma verdadeira reabilitação do recluso?

G27: Eu acho que o recluso tem que ser muito trabalhado dentro dos serviços prisionais porque senão for bem trabalhado com educadores, psicólogo, com a reinserção social... Por vezes, o sistema de cada cadeia não dá para fazer uma boa reabilitação do homem. É muito complicado. E porquê? Porque é como eu digo, para além de haverem esses apoios todos, quem é que está 24h com o preso? É o guarda. E o guarda tem que receber formação para tentar também, de alguma forma, ajudar esse sistema. Não é só o psicólogo, não é só o educador que vai ajudar isso. Porque se não for o guarda a nível de formação... somos nós que abrimos a porta, que damos o bom dia, o boa noite, nós somos pais, somos mães para eles... Se o guarda não estiver perfeitamente bem adaptado a esse sistema e com a tal psicologia, que eu dou graças a deus de ainda a ter... se uma pessoa começa a perder a cabecinha é muito complicado, tanto para nós como para eles... Isto é tudo tratado à lei da bala, como se costuma dizer. A arrogância, tanto da nossa parte como da parte deles, participações, complicações, ficar fechado... É lógico que eu estou a falar assim mas eu sou guarda, tenho que fazer cumprir as regras, não é? Tenho que arranjar maneira de cumprir as regras. Por isso é que eu no início estava-lhe a dizer que, por vezes, quando há desordem na chefia isso reflecte-se nos guardas a nível de ordem. Portanto, tem que haver... tem que começar tudo pelo topo, tanto ao nível da direcção, a chefia... a chefia tem que funcionar bem, tanto para o recluso como para o guarda. Isso vai-se reflectir em nós, funcionários, e, principalmente, no preso.

E: E considera que através desse processo o recluso é, de facto, reabilitado?

G27: Eu penso que sim, se bem que há situações aí muito complicadas porque isto já vem de família, já têm aquilo no sangue. Mas por vezes, nós é que estamos a educá-los. De qualquer das formas, penso que há sempre uma, ou duas, ou três oportunidades a dar a essa pessoa, mas nunca descurando o serviço que estamos a fazer. Se tiver que dar um berro, chamar a atenção, tudo bem. Nós fazemos

cumprir a nossa parte, não é? E por vezes há frutos. Eles são mais educados, compreendem, e... dá para ajudar, dar cuidado, atenção... quer dizer é “*dar uma e prometer outra*”, como se costuma dizer. Uma pessoa está ali para ajudar a resolver os problemas deles, mas eles no fundo, se a gente quiser exigir alguma coisa deles, eles também sabem que têm que cumprir. É mais ou menos a minha psicologia de trabalho. Não quer dizer que se for chamado a uma intervenção, não tenha que intervir. Mas pronto, funciona mais ou menos assim.

E: Acha que aquilo que recebe, a nível de ordenado, é adequado à função que desempenha e é suficiente para satisfazer as suas necessidades diárias?

G27: É assim, eu consigo satisfazer porque é assim, a minha educação também foi essa, eu nunca dei um passo maior do que aquilo que devia dar. Sempre geri a minha vida em função daquilo que tenho, se tenho cem, gasto cem. É mais ou menos assim. Portanto consigo viver com esse ordenado, com essa compensação, no fundo. Também tenho a minha mulher a trabalhar, etc. Agora se me disser assim “*acha que o dinheiro que ganha paga as chatices que tem?*”. Epa, se calhar, não paga. Mas também temos que ser nós a saber gerir as nossas chatices. Tentar, de alguma forma, não ter muitas. Portanto, ao não termos muitas chatices, se calhar o que nós ganhamos é suficiente. Porque se nós tivermos muitas chatices, chegamos a um ponto... Mas, se calhar, essas chatices sou eu que as crio. Mas também não há dinheiro nenhum no mundo que pague isso, nem cinco mil euros. Uma pessoa andar sempre aí stressado... se uma pessoa se souber controlar, acho que é o suficiente. Desde que não nos tirem (risos)...

E: Tem oportunidades para realizar actividades extra trabalho, actividades de lazer, que lhe dêem prazer?

G27: Tenho, tenho. Faço desporto, vou ao cinema, estou agora a estudar, estou no segundo ano de Direito, gosto daquilo só que também é muito complicado. Eu tenho... pronto já vou fazer quarenta anos em Janeiro, não é fácil... tenho uma filha também a estudar, a minha mulher também é professora, portanto, é um bocado complicado gerir isto tudo. Mas com o serviço que nós temos... só gostaria de uma coisa, se calhar, se eu vivesse mais perto se calhar conseguia conciliar isto tudo e ia mais descansado para casa. Fazendo dias e noites não é fácil, entou a morar a 90km...

E: Consegue ter tempo para estar com a família?

G27: Sim. Porque é assim, primeiro a família, sempre. Foi logo das primeiras coisas que eu fiz, primeiro a família, segundo a família, terceiro a família, depois vou estudando, com calma, sem stresses.

E: Leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G27: Não. Vou-lhe dar um exemplo, estava em Vale Judeus, fazia uma escala muito complicada e, em oito anos que lá estive, a minha mulher nunca percebeu como é que era a minha escala de serviço. Eu também não dava a transparecer isso, eu chegava lá e acabou a cadeia. É lógico que todos nós temos problemas, às vezes, sou capaz de sonhar com incêndios, ou um bocado mais agitado, mas tento não falar rigorosamente nada. Só às vezes em conversa, uma coisa esporádica, ou conversas com colegas ou outros colegas que não estão no serviço, família... De vez em quando uma pessoa fala, mas no fundo nunca me exponho muito porque pronto...

E: A última questão... Recorreria aos serviços de psicologia para guardas, caso existissem na instituição?

G27: Sim, eu podia recorrer, não quer dizer que... Se tivesse algum problema psicológico qualquer recorria. Para colegas... existem aí casos complicados... Muitos funcionários, guardas prisionais que precisam urgentemente de receber tratamento psicológico e até psiquiátrico. Não só aqui nesta cadeia, como colegas meus noutras cadeias, não andam bem. E o facto de não andarem bem é, talvez, o espelho dos serviços prisionais. Eu acho que a direcção geral está-se a esquecer dessa parte que eu acho que é muito importante. Chegamos a uma certa altura, em relação a colegas que estão lá em fim de carreira, que só querem chegar ao fim da carreira e acabou. Parece que não ligam aquilo que estão a fazer diariamente... e estarem aqui, ou não estarem, parece que estão a fazer compras no continente. Não pode ser, isto tem que ser rigoroso porque nós andamos no meio de condenados. No fundo, temos que ter sempre o pé atrás com aquilo que fazemos, temos que saber receber uma ordem e acatá-la da melhor forma, tentar cumprir esses objectivos. Só que há colegas nossos que deixam um bocadinho a desejar. Acho que é urgente que isso aconteça. Aliás, mesmo que não seja por iniciativa deles, de colegas a procurarem o serviço, porque não vai ser... o grande problema é esse... porque para eles está tudo bem, eles são assim, não têm problema nenhum. Mas as pessoas não querem assumir os problemas que têm. Eu acho que devia existir uma certa iniciativa da parte da direcção geral em chamar regularmente esses funcionários. Não só a nível de guardas, também educadores... Nos nossos serviços há uma certa urgência que isso aconteça. As pessoas estão-se a esquecer, por vezes, que isto é uma cadeia. Estamos na cadeia, estamos a guardar o que não interessa lá fora e é complicado. Se eles não interessam lá foram e colocam-nos cá dentro, temos que saber gerir isso. Não é fácil. Porque no fundo o que acontece... eu não estou a dizer que há reclusos bem condenados ou mal condenados... há juízes e juízes, há penas e penas... Isto é um depósito, quem cá está tem que saber lidar com isso. As outras pessoas não conseguem lidar e nós temos que lidar com eles. Tem que existir uma certa formação e eu acho que as pessoas estão-se a esquecer um bocado disso. Não é preciso saber só lidar com armas... tem que haver iniciativa e as pessoas têm que tomar essa iniciativa.

E: Já está. Muito obrigado.

E: Sente que tem algum problema de saúde devido à sua profissão?

G28: Só nervosismo, é o mais evidente.

E: Quando acorda sente que tem energia para vir trabalhar e realizar as suas actividades diárias?

G28: Sim, tenho.

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

E: Sim, faço.

E: E é mais complicado, não é? Como é que lida com isso?

G28: Para mim até é melhor. É melhor porque depois tenho mais tempo de descanso. Sou de Coimbra e é mais fácil.

E: Considera que existe uma adequada divisão de tarefas aqui, ou que há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G28: Mais sobrecarregadas há. Não se atribuem responsabilidades a certas pessoas... Não tanto a umas, como a outras. Não há porque também não é bem possível, há pessoas que não têm queda mesmo para isto. Por isso não se podem atribuir responsabilidades a uma pessoa que não tem queda para isto. Se isto já é mau, ainda ficava pior.

E: Considera que existem decisões um pouco vaga ou arbitrária por parte dos seus superiores, ou que há uma certa coerência?

G28: Há uma certa coerência, tentam mais ou menos levar tudo ao mesmo porto.

E: Considera que pode manifestar a sua opinião livremente?

G28: Dentro do serviço posso, à vontade.

E: Qual considera ser para si a principal função de um estabelecimento prisional?

G28: Sobretudo, a segurança de quem está lá fora. Guardar os criminosos da sociedade.

E: Se pudesse melhorar algum aspecto no estabelecimento, o que melhoraria?

G28: Se eu pudesse ponha-os todos a trabalhar.

E: Aos reclusos?

G28: Sim.

E: Que opinião é que tem acerca da generalidade dos reclusos?

G28: Acho que acima de tudo, não há nenhum que se vai reinserir. Em cem, noventa e nove não se reinsere, de certeza.

E: Como é que eles são?

G28: São conflituosos todos. Fazem mal para o outro ainda fazer pior, para se evidenciarem. Penso que são pessoas sem objectivos na vida, o único objectivo que têm é só pensar no crime, mais nada.

E: E acha que este tempo de reclusão influencia de forma positiva o comportamento deles?

G28: É como eu digo, se fosse mais duro, se eles trabalhassem, agora assim, não. Ao longo destes anos são, quase sempre, os mesmos reclusos. Entram, saem. Penso que o mal também não é deles, mas sim a nível de educação. Muitos deles são filhos de pais separados, e vivem em bairros problemáticos... a educação no berço, a qual não tiveram... É os antecedentes.

E: Consegue reconhecer facilmente as suas emoções? Ou seja, quando está mais chateado, percebe que está chateado e tenta acalmar-se ou explode logo e depois é que analisa as situações?

G28: Eu é raro enervar-me. Sou muito calmo. Quem me conhece...

E: E sempre foi assim calmo?

G28: Sim, aqui no serviço. Só que depois em casa, se calhar, já me enervo mais.

E: Acha que o seu ordenado é suficiente face à função que desempenha e dá para satisfazer as suas necessidades?

G28: Não, acho que para economizar chega, agora para fazer uma vida mais ou menos. Se tivesse que vir sempre no meu carro trabalhar, não chegava... Nós é que vimos cinco num carro e assim trazemos o carro menos vezes. Porque senão, só em combustível era uma renda.

E: Tem oportunidade para realizar actividades extra trabalho, actividades que lhe dêem prazer?

G28: Eu tenho. Sou, por exemplo, presidente de uma associação e fazemos eventos e não sei quê.

E: E para a família?

G28: Sim. Nunca os deixo para trás, são a prioridade.

E: Leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G28: Não, é muito raro falar de serviço em casa.

E: Recorreria aos serviços de psicologia se existissem para guardas no estabelecimento?

G28: Se eu achasse que precisava não tinha problema nenhum.

E: E achava que seria útil para os colegas?

G28: Nesta cadeia, se calhar, não mas noutras onde o ambiente se calhar é mais pesado, fazia falta.

E: Sente que tem algum problema de saúde devido à sua profissão?

G29: Ai muitos.

E: Quais?

G29: Olhe, presentemente, ando a ser assistido por uma neurologista. E ando a tomar medicamentos, para andar mais calmo.

E: E o que é que sente?

G29: É cabeça. Sinto dormência aqui na parte direita.

E: E atribui isso a quê?

G29: Ao cansaço, ao trabalho, aquilo que faço, à idade...

E: Sente-se com energia para vir trabalhar, quando acorda, e para enfrentar as suas tarefas diárias?

G29: Quer dizer, levantar de manhã cedo custa sempre porque quando não estou a trabalhar fico sempre a dormir até ao meio-dia para descansar, mas também me deito tarde às vezes.

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G29: Não. Já fiz.

E: Como é que lidava com isso?

G29: É complicado porque isso altera a vida das pessoas.

E: Considera que existe uma adequada divisão de tarefas aqui dentro ou que já pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G29: Eu não acho que exista isso. Acho que as funções que as pessoas desempenham são relativamente iguais, agora, há quem as desempenhe com mais dedicação, com mais esforço, quer a nível pessoal, quer em termos profissionais. E isso é que faz a diferença. Há quem não cumpra as tarefas minimamente, e há quem as cumpra e faça um esforço por isso. Ou seja, aí já está... enquanto pessoa, enquanto funcionário, enquanto elemento... Lógico que isso não é só aqui, em todos os lados acontece isso. A nossa profissão é muito mais desgastante, como tal é considerada, mas só é de desgaste rápido para quem funciona, para quem está no terreno, para quem é profissional. Porque há profissionais bons, maus, médios e daí o reflexo de cada um, cada um recebe aquilo que merece (risos).

E: Considera que existem decisões um pouco arbitrárias ou vagas por parte dos seus superiores, ou há uma certa coerência?

G29: Acho que as coisas estão bem delineadas nesse sentido. Isto é como tudo, uma empresa funciona bem se tiver bons dirigentes. Tudo funciona bem ou mal, mediante quem está à frente, e com capacidade de decisão... decisões correctas ou não correctas e pronto... isso depende muito, não só nos nossos serviços como de qualquer instituição.

E: Considera que pode manifestar livremente a sua opinião?

G29: Eu posso. Eu, enquanto a pessoa que sou, faço. E sempre que tenha que o fazer, faço. E digo que não tenho problemas porquê? Porque também quando falo, oiço aquilo que digo ou não digo nada. Então, sendo assim, quando falo é porque tenho razão para falar. E seja quem for, venha quem vier... se concordar comigo, não tenho problema nenhum, agora, se não concordar ou discordar já poderá ser complicado. E às vezes isso acontece.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G29: A função? Em termos práticos, em termos concretos será a reinserção social do recluso, e é aquilo que nós andamos aqui a fazer. Nós estamos aqui para resolver os problemas do dia-a-dia, o melhor que a gente saiba, mas para isso têm que haver competências também. E se houver competências, as coisas resolvem-se muito melhor. Com menos confusões, com menos problemas seja para que parte for, quer chefias, quer corpo de guardas, quer reclusos...

E: E acha que, de facto, há uma reabilitação dos reclusos?

G29: Eu penso que não tenho perdido este tempo, estes trinta anos quase de caminho, penso que sim. Agora, no meio disto há de tudo, há quem tenha capacidades de reabilitação, mesmo com auxílio ou sem auxílio, a pessoa pode ter capacidades ou não. Se for uma pessoa que não tenha incentivos e, mesmo ela, não tenha interesse, ou seja, ainda não atingiu a maturidade... isto são reclusos novos, que não sabem o que andam a fazer ainda... esses é mais difícil. Mas, mesmo assim, nós estamos cá para isso.

E: E acha que este tempo de reclusão influencia de forma positiva o comportamentos dos reclusos?

G29: Isso é como que perguntar-me se a educação de uma criança, dada pelos pais, é positiva ou negativa. É claro que é lógico que é positiva, se for bem orientada. Penso que, dentro daquilo que é razoável, nós fazemos por isso. Já sabemos que há falta de condições a todos os níveis... materiais, em termos de estrutura, em termos de pessoas... Eu acho que os serviços prisionais para que funcionassem melhor, teriam que fazer uma selecção mais rigorosa. Não só em termos de formação, mas também em termos daquilo que a pessoa é, como pessoa. Também já fui novo, como muitos

guardas que andam aí, e normalmente as pessoas têm a sua maneira de ser, a sua maneira de agir, a sua postura... e muitas vezes, nós temos que olhar para os dois lados. Tentar ser um bocado... se calhar estou a aproveitar-me do tempo que tenho... se calhar não pensava assim, há uns anos atrás... porque isto também o tempo... mas se calhar não pensava assim, porque também não me ensinaram a pensar assim, não é? Hoje, as ideologias que se transmitem não são as mesmas que me foram transmitidas a mim, não é? As pessoas que me orientavam... eu cheguei aqui... não se falava com os reclusos, ou era ou não era, ou cumpria ou não cumpria. Hoje não. E mesmo o próprio recluso, há uns dez anos atrás, não se conseguia ter um diálogo com o recluso... o recluso era mais revoltado, tinha outra educação, não é? Estes agora são filhos dos pais que já tiveram cá, e a maneira de ver as coisas era diferente. Os reclusos hoje todos têm, no mínimo, o quarto ano, o sexto ano, não é? Não há quase nenhum aqui que não tenha o ciclo.

E: O obrigatório é o nono...

G29: É obrigatório para quem cumpre porque há muitos que estão lá fora que querem lá saber do obrigatório. São filhos de pais separados, família problemática, e... pode acontecer alguns não terem o nono ano. E nota-se isso na afluência que têm estas escolas aqui, há uns três anos atrás ou quatro, parecendo que não, era muita a diferença. Já vêm com o nono ano agora. Não sabiam ler, não sabiam escrever, não entendiam as coisas, era só à porrada que eles se entendiam. Eram mais violentos, eram mais estúpidos, eram mais tacanhos, não captavam nada, não ouviam. E, hoje em dia, se as pessoas souberem, conseguem evitar o conflito, na altura não, não havia hipótese. Hoje o recluso já ouve, já sabe ouvir aquilo que se lhe diz, já sabe medir as consequências, quais são as mais-valias, quais são as consequências disto e daquilo. E mesmo os próprios guardas já têm outra maneira de ser, de agir e de pensar.

E: Reconhece bem as suas emoções? Consegue perceber quando está chateado e acalmar-se ou exaltar-se imediatamente e só depois analisa a situação?

G29: Eu sou uma pessoa que, se calhar sou muito exigente, comigo mesmo e com as pessoas que trabalham comigo e que me rodeiam. Sou uma pessoa muito exigente, se calhar demais. Eu quando me zango, zango-me porque alguma coisa aconteceu de negativo, de mau e... se sou entendido, ou se as pessoas me entendem, tudo bem, eu não me zango. Eu não me zango sem mais nem menos, zango-me quando alguma coisa está mal. Se a pessoa entender, não me chego a zangar, fala-se, conversa-se e vê-se o que é que está mal e resolve-se. Agora, quando as pessoas não entendem e, hoje é muito complicado porque às vezes as pessoas dizem que entendem e não entendem, isto é difícil. Porque hoje as pessoas quase que fazem o que querem, o que lhes apetece, e então é muito complicado. Isto já vai de cada pessoa, se a pessoa for cumpridora, educada, respeitadora, profissional, essa pessoa entende. Se a pessoa andar aqui, e que tenha orgulho em si mesma, se mostrar que não é apenas mais

um, isto passa por aqui... as pessoas distinguem-se pelas suas atitudes. Eu sou muito intolerante, não guardo aquilo que tenho a dizer, sou frontal, sou directo... as pessoas conhecem-me, ao princípio pensam que eu sou mau, e não sei quê... e depois *“olha afinal, aquele é que me diz as coisas à frente, não é atrás, diz-me aquilo que é”*. Funciono assim, mas é claro que sou uma pessoa muito nervosa, e tento lidar com isto. Tento, dentro do possível, controlar as situações, porque sei, tenho a noção que sou uma pessoa bastante nervosa.

E: Consegue gerir a parte emocional?

G29: Quando me contrariam, não consigo. Eu tenho que ser claro, tenho que ter a certeza que a pessoa entendeu aquilo que aconteceu e aquilo que se fez. Eu faço questão disso, nem que tenha que discutir mas depois passou. Mas isso acontece seja com quem for, aqui dentro, em casa... aqui dentro, se for preciso, discuto com o senhor chefe ou o senhor director, ou com o senhor guarda, é com quem eu tenha que falar... Eu não discuto, obrigam-me a ter esta atitude. Não sou individualista, não tenho a doença de... a mania que eu é que sei e eu é que tenho razão, não, não é isso.

E: Considera que o seu ordenado está de acordo com a função que desempenha e é suficiente para satisfazer as suas necessidades diárias?

G29: Acho que sim porque, apesar da nossa profissão ser de risco e de muito stress, somos responsáveis por esta gente que está aqui e que cometeu um crime. Há pessoas boas presas mas uma grande percentagem não o são, não é? Nós é que temos que tomar conta dessa gente, e lidar com essa gente e tem que se saber... e enquanto nós não soubermos gerir as coisas, dá cabo da cabeça. Eu acho que aquilo que eu ganho... se calhar tomara muita gente ganhar aquilo que eu ganho. Em termos remunerativos não é por aí, é em termos desgastantes. Uma pessoa que ande aqui, não digo a 100%, mas a 80/90%, um gajo dá em doido. Se andar aqui pode andar, como muitas pessoas andam, não custa nada.

E: Tem oportunidade para realizar actividades de lazer, extra trabalho?

G29: Extra trabalho é descansar e é sair. Gosto de estar numa explanada. Tenho que sair, eu preciso disso. De manhã é para descansar, almoço não consigo estar em casa, tenho que sair mesmo. E depois de jantar se puder também. Sinto a necessidade disso.

E: E para estar com a família?

G29: Tem-se tempo para tudo.

E: Leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G29: A minha esposa costuma dizer que quando eu chego a casa e venho chateado, ela nota logo *“já te chateaste, vens muito encarnado”*. E quase sempre acerta.

E: E depois transmite isso aos seus familiares de alguma forma?

G29: Transpor isso para as pessoas? Não. Até porque é como eu digo, eu posso ter um problema, e com essa própria pessoa, resolvo logo. Mas daqui a bocado já passou. Não guardo rancor nenhum a ninguém, se me fizerem mal... agora por questões por achar que está mal ou que está bem, chateio-me com essas coisas, não viro as coisas aos problemas.

E: Recorreria aos serviços de psicologia caso existissem para guardas no estabelecimento?

G29: Quer dizer, eu não sei. Não lhe posso dizer se recorria ou não. Não sei... psicologia clínica... não estou a ver bem. É preciso uma psicologia muito grande, psicologia da vida. Não sei... não sei o que é que uma psicóloga clínica poderia ajudar a resolver os problemas. Os meus problemas são cansaço, saturação... é muito cansativo... sou eu que oiço os reclusos quando eles se portam mal. Sou eu que faço os processos, os inquéritos e às vezes estou a falar com um recluso e perco mais tempo a falar com ele do que a escrever aquilo que ele diz. Mas quando ele sai do gabinete, sai com a consciência que fez asneira e que não esteve bem. E já estou nisto desde 2004. É cansativo.

E: Muito obrigado.

E: Sente que tem algum problema de saúde devido à sua profissão?

G30: Devido à profissão não, mas fui asmático e sou asmático sempre, não é?

E: Sente-se com energia quando acorda para vir trabalhar e para realizar as suas actividades diárias?

G30: Já não tanta como dantes. A idade também já começa a pesar.

E: Faz turnos nocturnos?

G30: Sim.

E: E como é que lida com isso?

G30: É mais difícil mas tem recompensa, as folgas.

E: Considera que existe uma adequada divisão de tarefas aqui dentro ou que há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G30: Isso sempre existiu e sempre vai existir. Aqui os “muito bons” como eles lhes chamam às vezes é que destroem o serviço. É o caso da "Simples" por exemplo.

E: Considera que existem decisões um pouco arbitrárias ou vagas por parte dos seus superiores, ou que há uma certa coerência entre eles?

G30: Não, um diz uma coisa, outras vezes outro diz outra. São muitos a mandar, às vezes, é complicado.

E: Sente que pode manifestar a sua opinião livremente aqui no estabelecimento?

G30: Às vezes é o meu mal isso.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G30: Preparar os reclusos para devolver à sociedade. O que não acontece.

E: Então se pudesse melhorar algum aspecto o que melhoraria?

G30: Separá-los por pavilhões, por penas...

E: Reconhece facilmente as suas emoções? Por exemplo, quando está mais chateado percebe que está chateado e tenta acalmar-se ou explode rapidamente e só depois analisa a situação?

G30: Não, porque eu quando fico chateado amuo. É a minha forma de lidar com a situação.

E: Considera que o seu ordenado está de acordo com a função que desempenha e que é suficiente para satisfazer as suas necessidades?

G30: Suficiente não é. Não temos poder de compra, há dificuldades.

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G30: São miúdos, são putos é difícil trabalhar com eles. Enquanto um marginal, noutras cadeias, mesmo contra a vontade faz o que mandamos, aqui é preciso quase empurrá-los. Existe mais contacto directo.

E: Considera que este tempo de reclusão influencia de forma positiva o comportamento do recluso?

G30: Sim, se eles aproveitarem os cursos de formação... Mas, por exemplo, no caso de tanoaria, um recluso de Lisboa vai tirar um curso de tanoaria para fazer o quê? Mas no caso de informática...

E: Acredita que existe uma reabilitação do recluso?

G30: No caso da tanoaria, fazer pipos... Um recluso que está preso por furto, chega lá fora e não aplica essas actividades que aprendem aqui.

E: Tem oportunidade para realizar actividades de lazer, extra trabalho?

G30: Sim, correr, às vezes, um bocadito, quando não está frio.

E: E para estar com a família?

G30: Sim, também tenho. Se tiver na escala também tenho mais folgas.

E: Leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G30: Separação nunca há, há sempre qualquer coisa que vai connosco.

E: Recorreria aos serviços de psicologia para guardas, caso existissem no serviço?

G30: Sim, porque não?

E: Muito obrigado pela colaboração.

E: Sente que tem algum problema de saúde devido ao seu trabalho?

G31: Sinto-me mais cansado, tem haver com a idade também, não é? Já são 52 anos, não? Mas antigamente andava sempre bem-disposto, só que ultimamente tenho um bocado mais cansado. Um bocado mais nervoso e tal mas isso também é dos cafés... também abuso dos cafés. Bebo 4/5 cafés por dia, devia beber só um... o café é que nos põem nervosos.

E: E sente-se com energia quando acorda para vir trabalhar?

G31: Eu costumo sentir porque faço ginásio... eu sou veterano no ginásio, só que tenho uma coisa muito má, nunca fiz regras de alimentação mas... tenho que começar a fazer, com esta idade tenho que começar a fazer. O colesterol...

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G31: Faço, mas agora estou numa fase em que estou nos dias só.

E: E como é que lidava com isso?

G31: Epa é pesado. Quer dizer, quando era mais novo... isto tem haver com a idade, era mais fácil. Agora já custa mais, são os 50 anos (risos).

E: Considera que existe uma adequada divisão de tarefas no estabelecimento ou que há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G31: Epa não sei... Sei lá... Nem sei o que quer que eu lhe diga... Sinto que está tudo mais ou menos equilibrado, falo por mim, não é?

E: Considera que existem decisões um bocadinho vagas por parte dos seus superiores ou que há uma certa coerência entre eles?

G31: Acho que cada um diz à sua maneira.

E: E sente que pode manifestar livremente a sua opinião?

G31: Eu penso que posso... a gente às vezes não diz porque sei lá... porque sou acanhado. Sempre fui muito acanhado, é a minha maneira de ser, pronto.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G31: É reeducar os rapazes que vêm para aqui, para irem para o meio social lá fora.

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G31: São mais rebeldes. É mais difícil de lidar com eles... tem haver com o carácter de cada um, não é?

E: Acha que este tempo que eles passam aqui vai influenciar de forma positiva o comportamento deles?

G31: Eu penso que sim... fica marcado na vida da pessoa, não? Fica sempre marcado na vida da pessoa. Mas chegando lá fora é fácil, os amigos...

E: Então não acredita que há uma verdadeira reabilitação?

G31: É complicado responder a isso... da nossa parte, dos guardas, a gente faz o que pode... o pior é depois lá fora.

E: Tem oportunidade de realizar actividades de lazer, actividades que lhe dêem prazer?

G31: Mais ou menos... ginásio...

E: E sente que tem tempo para estar com a família?

G31: Agora a família está mais pequena... agora a minha família está mais pequena... Sou só eu e a minha companheira. A minha filha morreu de cancro... Era filha única. Tive sete anos do hospital para o trabalho. Foi muito difícil. Morreram também os meus pais e a minha irmã, senti-me um bocado “à deriva” nessa altura.

E: Há quanto tempo...?

G31: Uns cinco anos. Depois... os conflitos com a família... Acho que a minha mulher me culpou... mas ninguém tem culpa, não é? Pediu-me o divórcio... eu dei. Foi muito difícil... O ginásio é que me fazia manter o equilíbrio. Se um dia me dissessem que não podia ir ao ginásio... não sei como seria. Agora estou com uma rapariga... Parece que me saiu um peso de cima. Parecia que estava debaixo de água... Era muita pressão...

E: Leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G31: Não fecho-me em mim, sou reservado, encaixo em mim... não tenho o hábito de divulgar os meus problemas a ninguém.

E: Recorreria aos serviços de psicologia se existissem aqui para guardas?

G31: Talvez recorre-se, derivado ao passado. Fiquei um bocado afectado.

E: Muito obrigado.

E: Sente que tem algum problema de saúde devido à sua profissão?

G32: Não.

E: Sente com energia quando acorda para vir trabalhar?

G32: Sim.

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G32: Faço.

E: E como é que lida com isso?

G32: É bocadinho mais difícil... Aquilo que a gente sabe das outras profissões, das outras vidas... não é igual a uma pessoa que pode trabalhar de dia e descansar de noite. O dia a seguir é um bocado stressante mas passa.

E: Acha que uma adequada divisão de tarefas no estabelecimento ou que há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G32: No global? No global... no serviço há pessoal que faz noites e há pessoal que não faz noites, logo aí há distinções, há diferenças... tem mesmo haver com o funcionamento, não com a distribuição do serviço.

E: E acha que existem decisões um pouco arbitrárias ou vagas por parte dos seus superiores ou que há uma certa coerência entre eles?

G32: Acho que não há diferença, não há separação...

E: Considera que pode manifestar livremente a sua opinião?

G32: Sim, à vontade.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G32: Em princípio tem que se cumprir o que está na lei, não é? A privacidade da liberdade, isso é o principal ponto... e depois há vários factores.

E: Se pudesse melhorar algum aspecto o que melhoraria?

G32: As condições de trabalho. As condições que nos são oferecidas não são as melhores que a gente pretende... horários, condições mesmo de trabalho, material... Tudo.

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G32: Já trabalhei noutra estabelecimento mais pesado que este... só que davam menos trabalhos que este. Estes tentam dificultar mais a vida dos guardas, são mais chatos... carregam tudo para cima dos guardas... de onde vim não há destes problemas. Tenho que arranjar mais energia, mais paciência...

E: Acha que este tempo de reclusão influencia de forma positiva o comportamento dos reclusos?

G32: Positiva não sei... O sistema que a gente tem está mal apropriado para os tempos que a gente tem. Devia haver divisão de presos, de penas... há um bocado uma mistura de tudo. Se houvesse separação os presos sabiam logo, conforme o crime tinham que cumprir aquelas regras... assim é um bocado... tudo englobado no mesmo saco é um bocado difícil.

E: Acredita que há uma reabilitação dos reclusos?

G32: Não, o sistema e o país não está apropriado a isso. A sociedade em si, os governantes, o país que a gente tem... Acho que não... Epá não está apropriado. Por isso é que eu digo que o sistema devia estar dividido, devia estar apropriado às penas.

E: Acha que aquilo que recebe é suficiente para satisfazer as suas necessidades diárias...?

G32: Não. Comparado com outras profissões lá fora... trabalhar sábados domingos, carnavais, páscoas, natais... somos mal pagos.

E: Considera que reconhece facilmente as suas emoções? Quando está começa a ficar chateado consegue reconhecer isso...?

G32: Sinto e consigo controlar isso.

E: Tem oportunidades para realizar actividades extra trabalho...?

G32: Tenho. Poucas, mas tenho.

E: E tempo para estar com a família?

G32: Para a família também. Não são aquelas que eu desejaria mas dentro dos nossos tempos, vamos conseguindo.

E: Considera que leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G32: Não, faço a distinção. O trabalho fica aqui no trabalho mas assim que sai-o à portaria... posso levar uma preocupação ou outra mas não me atinge na minha vida familiar.

E: Recorreria aos serviços de psicologia caso existissem para guardas no estabelecimento ou não acharia necessário?

G32: Presentemente, não era necessário, amanhã ou depois... para os colegas penso que seria uma boa ajuda, mas para mim não, acho que não.

E: Muito obrigado.

E: Sente que tem algum problema de saúde devido à sua profissão?

G33: Por enquanto, até agora, não.

E: Sente com energia quando acorda para vir trabalhar?

G33: Por enquanto ainda (risos).

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G33: Faço.

E: Como é que lida com isso?

G33: Quer dizer a parte nocturna é mais difícil, não é? Mas até ver não tem havido grandes problemas.

E: Considera que existe uma adequada divisão de tarefas ou que há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G33: Ah isso há. Deviam dividir mais as tarefas, mas é o que está.

E: Considera que existem decisões um pouco arbitrárias ou vagas por parte dos seus superiores ou que há uma certa coerência entre eles?

G33: Em alguns aspectos há. Não é em todos, mas em alguns.

E: E sente que pode manifestar livremente a sua opinião?

G33: Até ver consigo.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G33: Na minha opinião a função de um estabelecimento é a seguinte, é guardar os reclusos. Eles estão privados da liberdade, cabe-nos a nós manter aqui a ordem e a disciplina, fazendo os possíveis para que as coisas corram como deve ser.

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G33: Depende, neste estabelecimento é mais difícil porque são miúdos. Já trabalhei em Caxias e já trabalhei em Sintra, em outros estabelecimentos há sempre um ou outro... pronto não é igual. Há sempre uns mais fáceis de trabalhar do que outros, uns são mais complicados dos que outros.

E: E os reclusos daqui como é que são?

G33: Estes aqui são mais complicados. São mais complicados porque são miúdos. Não estão habituados a ser mandados, nem a ter regras nem nada disso e é mais complicado.

E: Considera que este tempo de reclusão influencia de forma positiva o comportamento deles?

G33: Acho que não... Quer dizer pelo menos 10% pode, agora o resto.

E: Então não acredita que há uma verdadeira reabilitação dos reclusos?

G33: Não... se aproveitarem 10%... Tem haver já com a própria pessoa, não é? E depois lá fora, e também com a maneira como o país está sem emprego... Eles também têm pouca vontade de trabalhar, não é? E depois lá fora a vida também não está fácil.

E: Considera que o seu ordenado é suficiente para satisfazer as suas necessidades diárias e está adequado à função que desempenha?

G33: Para satisfazer as minhas necessidades diárias... nós temos que saber gerir e viver com isso, não é? Temos que saber gerir o nosso ordenado. Agora que o nosso ordenado não... estou a falar em ordenado mesmo... podíamos ser mais bem remunerados para aquilo que fazemos e para o desgaste que temos na nossa profissão, acho que podia ser bem melhor.

E: Consegue reconhecer facilmente as suas emoções? Por exemplo, quando está a ficar chateado consegue perceber isso e gerir essa parte emocional ou explode mais rapidamente e só depois faz essa análise?

G33: Pronto, isso é um bocado mais complicado, também depende do estado de espírito com que nós estejamos, não é? Mas, normalmente, consigo controlar, só se realmente não for possível. De resto, se for possível, prefiro e tento que as coisas corram como deve ser.

E: O que acha que poderia ser melhorado aqui no estabelecimento?

G33: Quer dizer, há muita coisa que podia ser mudada, não é? Mas só agora estando aqui, assim de repente, não sei. Por exemplo, geria as coisas de outra maneira. Há coisas que estão bem, não é? Mas há coisas que deviam ser mudadas, mas é uma análise que tem que ser feita com mais calma, não é? Há coisas que deviam ser mudadas, mas pronto.

E: Mas mais em relação ao trabalho dos guardas, ao funcionamento dos reclusos...?

G33: Mais em relação a um todo. Educadores e as pessoas que visitam o estabelecimento e mais a nível de segurança. As coisas podiam... no meu entender, na minha opinião, ser diferentes.

E: Sente que tem oportunidade para realizar actividades extra trabalho, actividades de lazer?

G33: Tenho.

E: E tempo para estar com a família?

G33: Também, também.

E: Leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G33: Nunca, nunca. Quando chego aquela porta lá em cima, esqueço que isto existe. Nunca me aconteceu.

E: Recorreria aos serviços de psicologia se existissem para guardas no estabelecimento?

G33: Para mim não seria necessário, mas há colegas meus que precisam. Acho que esse serviço deve existir, pessoalmente, da minha parte acho que não tenho necessidade de recorrer a isso.

E: Obrigado.

E: Sente que tem algum problema de saúde devido à sua profissão?

G34: Não.

E: E sente-se com energia, quando acorda, para vir trabalhar?

G34: Sim, geralmente sinto.

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G34: Faço.

E: Como é que lida com isso?

G34: É um bocado difícil, vamos sempre muito cansados quando saímos daqui de manhã. Mas depende sempre de como corre o dia e a noite em si. Uns dias melhores, outros piores... De manhã vamos sempre contentes quando vamos embora (risos). Normal. Mas às vezes vamos chateados, com a saturação, não é?

E: E considera que existem decisões um bocadinho vagas ou arbitrárias por parte dos seus superiores, ou que há uma certa coerência entre eles?

G34: (risos). Boa pergunta. Às vezes não dá para perceber o que é que eles querem. Às vezes não conseguimos compreender, um diz uma ordem, outro diz outra e ficamos um bocado baralhados, isto é mesmo assim.

E: E sente que pode manifestar a sua opinião livremente?

G34: Eu se tiver que manifestar, manifesto sempre. Isso aí... Embora às vezes devia ser mais, mas pronto. Mas manifesto sempre.

E: E acha que existe uma adequada divisão de tarefas ou que há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G34: Acho que não está bem dividido. Não está porque a gente vê colegas que acabam por não fazer nada durante o dia, enquanto os outros fazem tudo. Venha quem vier...

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G34: A principal função... Sei lá, podemos falar de segurança, é uma coisa, não é? Em relação a pessoas a mandarem-nos fazer o serviço é outra, não é? Eu acho que havia de haver mais competência a mandar, e saber mandar. Não é mandar, é saber mandar. Mas acho que não é só essa parte porque

tem também haver com os serviços que estão à parte da segurança. Tem haver com psicólogos, educadores... mesmo o código penal em si... epa se formos a ver, tem tudo haver uma coisa com a outra. Hummm... Acho que havia de ser a maneira de mandar, mandar melhor... as coisas mais coordenadas e, às vezes se calhar também, certas burocracias em tantas coisas. Hoje em dia faz-se a burocracia e quem manda é o que está lá em cima, e as coisas prendem-se um bocadinho aí, não é?

E: Considera que o seu salário...?

G34: É pouco.

E: (risos).

G34: Não é pouco porque, hoje em dia... às vezes o dinheiro não é tudo, mas dá sempre jeito, não é? Mas pronto, nem mal nem bem. Se fosse mais um bocadinho, não era pior (risos).

E: Reconhece facilmente as suas emoções? Por exemplo, quando está a ficar chateado reconhece que está a ficar chateado ou explode e só depois reflecte sobre o assunto?

G34: Eu, às vezes, nem ligo muito a isso. Sou uma pessoa que não liga muito a isso. Às vezes acho que devia ligar a essas coisas, e acho que não ligo. Acho que só explode mesmo o meu “saco”, como diz o brasileiro “*só encho o saco*” só a atar mesmo, não cabe lá mais nada. Às vezes até eu próprio sofro com isso vá, fica aquela coisinha cá dentro, o bichinho, acho que até devia explodir mais facilmente.

E: Mas vai conseguindo gerir essa parte emocional?

G34: Sim, sim porque esqueço-me e faço actividades que me fazem esquecer essas coisas e tal, na altura é que me lembro e tal e depois passa.

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G34: É difícil trabalhar com eles, para já por causa dos direitos que eles têm e eles sabem, às vezes, mais do que nós como aproveitar esses direitos. Às vezes é. E então derivado a esses direitos, eles pensam que são mais do que aquilo que são, logo aí é mais difícil penso eu. Às vezes eles dizem-nos certas coisas que nós não conseguimos apanhar porque não estamos bem dentro do assunto e tentamos dar a volta pelo outro lado. Às vezes até estão a falar bem. Acho que tem tudo haver com a esperteza deles, porque no fundo é esperteza, e o recluso em si está mais difícil, pronto... a maneira deles... para já como está a lei, como disse, e também eles sabem também andar dentro disso, sabem jogar com isso. Em relação a antigamente, acho que está mais difícil nessa situação. Tornam-se mais espertos porque a lei também permite isso. E nós, no fundo, às vezes, também não compreendemos a lei porque não nos dizem, nós também não passamos cartão e pronto... tem tudo haver. Não vale a pena puxar a

brasa à sardinha para nós, porque tem tudo haver, não é? Mas acho que eles, no fundo, são mais espertos.

E: Parece-me que está a dizer que eles são um bocadinho protegidos...

G34: Sim, sim. Lá está a conversa anterior da lei, são muito protegidos.

E: Acha que este tempo de reclusão influencia de forma positiva o comportamento deles?

G34: Olhe sinceramente acho que nem de forma positiva, nem negativa. O recluso está de uma maneira hoje em dia que, estar preso dois anos ou cinco anos, para eles é igual. É o que me dá a entender a mim, quer dizer... Acho que muitos não ganham... há um ou outro que ganha mais um bocadinho de cabeça e tal, mas olhando para eles e a maneira como eles falam, acho que não. Não e, às vezes, não sei... não sei se será por causa disso mas se fizessem mais alguma coisa aqui dentro... se no tempo em que estão presos trabalhassem ou fossem obrigados a trabalhar, penso que era capaz de ser melhor. Obrigá-los, naqueles horários, a trabalhar, não trabalho tira-se-lhes isto... a televisão por exemplo, a Play não sei quê... Acho que era a melhor maneira. Porque, hoje em dia, o recluso não faz nada senão quiser, eles próprios o dizem. É verdade.

E: Acredita que há uma verdadeira reabilitação?

G34: 10%, não sei... 10% se fosse, acho que nem chega aí.

E: Tem oportunidade para realizar actividades de lazer, aquelas actividades que lhe dão prazer?

G34: Tento arranjar e é bom.

E: E para a família?

G34: Também. A família não está, só está à noite...

E: Leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G34: Não, tento nunca fazer isso. Embora, às vezes, estamos mais chatinhos e tal, aquela coisa que a gente não nota mas está mais coiso... pronto... mais daqui, mais de acolá, mas tento nunca levar os problemas para casa.

E: Recorreria aos serviços de psicologia, caso existissem no estabelecimento para guardas?

G34: Epa, eu vou-te ser sincero porque é assim a psicologia é uma coisa muito difícil. Tu deves saber bem, já deves ter estudado isso, eu estou aqui a falar contigo e posso-te estar a mentir. Tu podes pensar saber que eu estou a mentir, mas posso estar a mentir sem tu te aperceberes ou posso estar a dizer a verdade e pensas que eu estou a mentir. A psicologia é uma coisa muito difícil. Eu já tive até reclusos,

que foram comigo até à psicologia, a médicos de psicologia, a Caxias e no fim saem da psicóloga *“oh seu guarda já está, uns comprimidos para aqui, outros para ali e já está, já enganei mais uma”*. Epa é difícil, o cérebro hoje em dia é difícil... um gajo está a dizer aqui *“dou-te uma rosa, daqui a bocado dou-te um tiro na cabeça”*. A cabeça em si é muito difícil, penso que... Epa é assim, se há psicólogos e psiquiatras é porque há um estudo sobre isso, mas acho que é muito complicado.

E: Sente que tem algum problema de saúde devido à sua profissão?

G35: Com a idade estou mais cansado, não estou como quando era um chavalito.

E: E sente-se com energia, quando, acorda para vir trabalhar?

G35: Sinto.

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G35: Faço.

E: Como é que lida com isso?

G35: É fácil, só custou as primeiras. Mas depois uma pessoa já está habituada, já vai por rotina.

E: E acha que há uma adequada divisão de tarefas ou que há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G35: É capaz de haver pessoas mais sobrecarregadas que outras.

E: E acha que há decisões um pouco vagas e diferentes entre os seus superiores, ou que transmitem a informação da mesma forma, que são coerentes entre eles?

G35: Ah isso é que não. O chefe manda para um lado, vai outro subchefe manda para o outro. São muitos a mandar e depois acabam por não saberem mandar.

E: Considera que pode manifestar livremente a sua opinião?

G35: Eu acho que sim, pois é claro, de vez em quando até digo.

E: O que acha que deveria ser mudado aqui no estabelecimento, que não está a funcionar muito bem?

G35: A situação do respeito, principalmente, dos presos. Deviam ser mais castigados.

E: Que opinião é que tem acerca destes reclusos?

G35: Alguns são mais meninos, outros são mais mal comportados.

E: E acha que a prisão influencia de forma positiva o comportamento deles?

G35: Alguns melhoram, mas há outros que têm mesmo mau comportamento.

E: E acha que eles vão lá para fora e depois conseguem integrar-se na sociedade?

G35: Nem todos, de cem talvez dois ou três para não dizer que é só um.

E: Qual considera que é a principal função de uma prisão?

G35: a...?

E: A principal função... para que é que acha que uma prisão serve?

G35: função... isso agora é que é um bocado mais complicado. Os presos deviam talvez de trabalhar mais, para além de não tirar as regalias que eles têm direito. Para eles irem lá para fora e irem já preparados para o trabalho.

E: Acha que o seu ordenado é suficiente para satisfazer as suas necessidades diárias e está de acordo com as funções que desempenha?

G35: Tem que chegar.

E: E acha que é justo?

G35: É.

E: Reconhece facilmente as suas emoções? Por exemplo, quando está a ficar chateado consegue perceber logo isso?

G35: Às vezes sim, outras vezes, expludo. Depois passa tudo.

E: Tem oportunidade para realizar aquelas actividades que gosta de fazer fora do trabalho?

G35: Em casa tenho lá os campos para cultivar e vou fazendo isso, vou-me ocupando.

E: E para estar com a família?

G35: Tenho.

E: E acha que leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G35: Às vezes tenho acordado a sonhar com isto, isso é verdade.

E: E a última pergunta é se recorreria aos serviços de psicologia se existissem aqui para guardas?

G35: Eu acho que não.

E: Acha que não faziam falta?

G35: Não, não.

E: Muito obrigado.

E: Sente que tem algum problema de saúde devido à sua profissão?

G36: Não.

E: E sente-se com energia, quando acorda, para vir trabalhar?

G36: Às vezes é mais complicado. A única coisa que uma pessoa sente aqui é muito stress, mais de resto...

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G36: Faço...

E: Como é que lida com isso?

G36: As noites cada vez me custam mais. Uma pessoa quantos mais anos tem de serviço, mais custam as noites. Já não é aquilo que era quando entrei para os serviços.

E: E considera que existe uma adequada divisão de tarefas, ou que há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G36: Isso é uma boa pergunta. Que as há, há.

E: E considera que existem decisões um pouco arbitrárias ou vagas por parte dos seus superiores hierárquicos, ou há uma certa coerência entre eles?

G36: Tal e qual. Nem toda a gente... é como os guardas, nem toda a gente tem a mesma maneira de ser, e a mesma maneira de estar. Opa, claro que existem diferenças.

E: E sente que pode manifestar livremente a sua opinião?

G36: Sim, pelos menos aqui neste serviço... por enquanto... por enquanto uma pessoa ainda pode dar a nossa opinião. Não quer dizer que haja concordância do outro lado.

E: Qual considera que é a principal função de um estabelecimento prisional?

G36: Os nossos estabelecimentos não estão preparados para isso para a integração dos reclusos na sociedade.

E: Então qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional, neste momento?

G36: Sinceramente, acho que aquilo que está na lei não se cumpre. E às vezes os guardas fazem funções que não deviam fazer aqui, que cabem a outras pessoas, mas o sistema é assim.

E: E se pudesse melhorar algum aspecto, o que melhoraria no estabelecimento?

G36: Isso é uma boa pergunta. Há muitas coisas que funcionam mal num estabelecimento prisional, e falo por aqui, e por onde eu passei, também em Sintra são cadeias com um regime aberto, mas funcionam mal. O que não funciona nesta cadeia e que funcionava em Sintra é o seguinte, os reclusos passam muito tempo fechados. E às vezes criam-se muitos conflitos por causa disso mesmo. Eles foram abertos agora às 10h e saem do pátio às 11h45 e depois são fechados e só amanhã é que têm pátio da parte da tarde.

E: Considera que reconhece facilmente as suas emoções, ou seja, quando começa a começar a ficar mais irritado, por exemplo, consegue perceber isso?

G36: Consigo, perfeitamente. Uma pessoa quanto mais anos de serviço, mais tolerante fica.

E: Considera que a sua remuneração é congruente com as funções que desempenha e é suficiente para satisfazer as suas necessidades?

G36: Olhe os guardas prisionais têm muito a mania de se queixarem do que recebem, mas eu sinto-me um felizardo em relação aquilo que eu ganho. Dá perfeitamente para o dia-a-dia, para o mês... se uma pessoa for a ver, em relação às pessoas lá fora, estamos muito bem. Só que os guardas prisionais nunca estão bem com aquilo que têm, não é?

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G36: Aqui o serviço custa mais a levar do que numa cadeia com homens. Já trabalhei em Sintra e é muita diferente, até o trato deles com a gente. E depois há uma coisa, a gente peca muito, nós guardas, chegamos a um ponto no trato em que já não é como se fosse uma cadeira de homens, aqui não é *“vocês isto, vocês aquilo”*, é por *“tu”*. O recluso, às vezes tira-nos sempre uma certa autoridade.

E: Acha que este tempo de reclusão influencia de forma positiva o comportamento deles?

G36: Não.

E: Então não acredita que há uma verdadeira reabilitação?

G36: Não.

E: E o que seria necessário para que isso acontecesse?

G36: Muita coisa, muita coisa. O sistema tinha que funcionar, tinha que começar lá de cima, até cá a baixo. E não estou a falar só no corpo de vigilância, falo também de educadores, assistentes, psicólogos... isso não funciona. Mas uma coisa também é certa, também não se compreende que um educador tenha a seu cargo setenta, oitenta reclusos, claro que ele também não pode saber, estar à

parte dos problemas todos de cada um deles. Isso também não se compreende. Também se fossem a levar os cursos mesmo rigorosos, passado uma semana não estava lá ninguém.

E: Sente que tem oportunidade de realizar actividades de lazer, aquelas actividades que lhe dão prazer?

G36: Sim, sim, sim. Isso tempo temos.

E: E para estar com a família?

G36: Também, também.

E: Considera que leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G36: Não, não. Uma coisa que eu tenho é que não falo dos problemas do serviço em casa. Às vezes pode acontecer, uma pessoa sair de casa mais irritada e isso e pode acontecer.

E: Recorreria aos serviços de psicologia direccionados para guardas se existissem no estabelecimento?

G36: Sim, eu acho necessário.

E: Obrigado.

E: Sente que tem algum problema de saúde devido à sua profissão?

G37: Cansaço... depende, melhor dizendo, depende do local no qual nós estamos a trabalhar. Se for um local com menos reclusos, é obvio que nós nos cansamos menos, não é? Se for mais, e mais problemáticos, é natural que cheguemos ao fim do dia mais cansados, porque são mais os problemas a resolver, como é óbvio.

E: E sente-se com energia, quando acorda, para vir trabalhar?

G37: Há dias, há dias em que apetece virar ao contrário (risos). Não digo que a energia seja, ou não seja a mesma, é a desilusão que se vê no estabelecimento prisional, é o cansaço dos anos que já se leva de serviço... é um conjunto de situações que nos levam a ficar um pouco mais cansados, um pouco mais fartos disto.

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G37: Faço...

E: Como é que lida com isso?

G37: É assim... eu sou guarda vai a caminho de dezasseis anos, sou de Coimbra, ainda estou a 60km de casa e, como tal, o andar para baixo e para cima cansa-nos mais. É uma das desvantagens que nós temos aqui é precisamente isso, quando estamos fora de escala (nós aqui chamamos fora de escala), estamos em serviço diurno só, andamos para baixo e para cima e isto torna-se extremamente cansativo. Saímos de casa, por exemplo no meu caso, levanto-me às 6h da manhã, prepara-me para arrancar... chego aqui às 7h45, hora das formaturas... costumamos dizer "*a hora da entrada a gente sabe, a hora da saída nunca sabemos*". Depende do trabalho, se o dia corre mal, se o dia corre bem... se o dia corre bem, normalmente, quando forem outra vez 20h, 20h e pouca da noite, vá 20h30 mais coisa menos coisa, estarei outra vez em casa, pronto... Se as coisas correrem mal, às vezes chego a casa às 21h, 21h30... Os gastos em termos financeiros são também muito maiores, andar para trás e para a frente... Se andarmos dois, três meses fora de escala torna-se cansativo. É assim vamos dormir a casa, mas é chegar a casa e jantar, estar um pouco com a família, deitar, dormir, levantar e vir trabalhar outra vez.

E: E nesse sentido os turnos até são uma ajuda...

G37: Ajuda, ajuda... porque estamos mais tempo com a família em casa.

E: Sente que há uma adequada divisão de tarefas aqui dentro ou que há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G37: Existem pessoas mais sobrecarregadas que outras. Umas por inerência do cargo que ocupam e outras talvez pela incapacidade que demonstram, tem que se sobrecarregar quem se tenha por perto para que as coisas corram dentro da normalidade. Basta dar-lhe um exemplo, é óbvio pela minha função de chefe de pavilhão agora... tenho outro tipo de encargos e outro tipo de responsabilidades, do que quando não era... Mas aqui trabalhamos numa equipa, eu e, neste caso, o M., a gente sabe perfeitamente... Eu sei que estando ele, não há diferentes porque ajudamo-nos um ao outro, mas se for um colega que, de facto, não estiver interessado, que, tanto lhe faz que isto ande para a frente, como para trás, a sobrecarga é maior porque tenho que fazer o meu trabalho e estar de vigilância ao trabalho que ele faz. De alguma forma as coisas têm que funcionar aqui dentro. Se houver uma boa parceria entre os colegas faz-se o trabalho mais ou menos bem, só que é como digo, há pessoas que se acomodam, que se estão borrifando para o trabalho e isso é complicado para nós.

E: E acha que pode manifestar livremente a sua opinião?

G37: Eu manifesto, mas sofro consequências disso, mas pronto, isso é outra conversa (risos). Eu para mim é, aquilo que penso digo. Tenho sofrido algumas consequências disso, pronto, não sou daquelas pessoas que consegue engolir em seco quando tenho razão, quando não tenho, também tenho humildade suficiente para acatar as ordens e pedir desculpa se for o caso.

E: E por exemplo se faz uma sugestão para que os serviços funcionem melhor, acha que essa sugestão é acatada, ou pelos menos, é alvo de reflexão?

G37: Estas casas, normalmente, quando as pessoas estão cá muito tempo, sentem-se donos e senhores, a gente chama, “*da quinta*”. Não estão, às vezes, abertos a novos métodos de trabalho, a novas ideias que nos possam ajudar, tanto a melhorar o trabalho que executamos, como o próprio funcionamento de tudo. Por vezes não é fácil fazer chegar as nossas ideias às pessoas, a quem pode decidir. Já tenho... já houve situações em que, de facto, isso aconteceu, onde eu fui interveniente e, pronto, nessas situações chegaram à conclusão que, de facto, era benéfico para todos, nomeadamente, a escala de férias. Eu estou aqui há dez anos, quando aqui entrei, e a escala de férias não era aquela que a gente tem hoje. Eu trouxe essa escala de onde vinha, de Caxias... os colegas daqui que já lá tinham estado não se lembravam e falando com directores, com chefia e não sei quê, e durante dois anos andámos a batalhar nisso, e conseguimos alterar a escala.

E: E acha que há decisões um pouco vagas ou arbitrárias por parte dos seus superiores?

G37: Devia de haver mais coerência. Se um método que se utiliza num pavilhão fosse utilizado nos outros pavilhões, certamente trabalhava-se melhor. Consideram isto como “*mini-cadeias*”, vá digamos assim, e depois depende um pouco de quem está à frente e quem não está. O grande problema em si não são os pavilhões, é talvez o método de trabalho, aqui faz-se de uma maneira, se fomos aos

outros pavilhões, se calhar já não se faz da mesma maneira e pergunta-se o porquê da razão e não há explicação possível “*ah não sei quê, por o chefe não quer...*”. Havia de haver uniformidade em termos de métodos de trabalho e, em determinadas situações, não existe. Isto depende um pouco mais das pessoas que estão à frente do que dos pavilhões... melhor dizendo, essa uniformidade no papel existe, na prática é que não funciona e não funciona porque as pessoas não querem.

E: Qual considera que é a principal função de um estabelecimento prisional?

G37: A dos livros é a reinserção, mas não, de forma nenhuma... são poucos os casos que se conhecem de reinserção. É um bocado complicado porque para já eles juntam pequenos delinquentes com alta delinquência e nós chamamos a este estabelecimento, ou eu chamo, vou pôr isto no singular, chamo isto o ensino secundário aqui, enquanto chamo a um Vale Judeus, a um Coimbra, pronto, cadeias grandes a universidade do crime. Não é que aqui não tenhamos esse tipo de gente, temos aqui rapazes com tantos anos de idade, como anos a cumprir de cadeia. É um bocado complicado... têm grandes penas a cumprir... acho que os tipos de crime que têm vindo a cometer, esses *carjackings*, pronto, todo esse tipo de crime que nós aqui temos está ligado. Eles têm anos e anos de cadeia a cumprir. Portanto, reinserção, não me parece. Isto também havia de funcionar para criar hábitos de trabalho, mas antes de criar hábitos de trabalho, acho que havia de haver uma parceria com as entidades privadas para que eles, de facto, montassem microempresas para que eles se interessassem e pudessem ganhar. Eu não sou muito apologista de eles, por exemplo, apanharem dezasseis anos de cadeia e depois aquilo fica em oito anos, e andam aqui oito anos a vadiar. Era preferível “*sim senhora, tens dezasseis anos vais diminuir...*”, penso que é mais ou menos nestes moldes que funciona a Espanha, “*vai diminuindo a tua pena, consoante os dias de trabalho que executares*”, e eles eram obrigados a trabalhar para ter uma pena melhor. Penso eu que seria essa a melhor forma de... se trabalham, têm um salário... acho que é preferível assim.

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G37: São extremamente rebeldes. Estão na flor da idade. Já o passei, tu tens essa idade sabes perfeitamente como é que isso funciona. A gente quanto tem 21, 22, 23 anos somos os donos do mundo, nós é que sabemos, e não é bem assim, eu hoje sei que não é bem assim. Também já pensei assim, mas não é bem assim. Isto são homens de “h” pequeno vá, porque têm atitudes de homens como têm atitudes de crianças, de adolescentes pronto. É um pouco complicado lidar com eles. Temos que ter um bocado de jogo de cintura para poder lidar com eles.

E: E acha que este tempo de reclusão influencia de forma positiva o comportamento deles?

G37: De forma positiva penso que não. Acabo por pensar que eles aprendem mais aqui, dentro da cadeia do que... na forma como nós temos o nosso sistema prisional. Isto aqui, às vezes eu abro isto

de manhã... por exemplo, neste pavilhão, são do mesmo bairro, ou estão ligados ao mesmo processo, isto faz-me lembrar aqueles condomínios fechados “*eu sai-o do apartamento e tal e vamos para ali conversar para a praceta*”, às vezes olho para eles “*pronto eles estão a sair do condomínio fechado*”. A fazer a abertura uma pessoa não se apercebe tanto, agora quando estou a assistir à abertura que é, neste momento, a função que tenho, ao assistir ali aquilo, é essa a sensação com que fico.

E: E acredita que há uma verdadeira reabilitação dos reclusos?

G37: Não, não. É como disse à pouco, poucas são as pessoas que saem daqui reabilitadas. Não me acredito. Só de facto aqueles que caíram aqui por um azar e depois que tenham, o que também é muito importante, um apoio familiar lá fora. Se eles não tiverem esse tipo de ajuda no exterior, dificilmente eles são reabilitados. Se não houver apoio familiar... das instituições, pronto, não me parece que consigam ter capacidade para isso, da família sim. Têm que ter um grande apoio para que eles possam ser reabilitados.

E: O que melhora no estabelecimento?

G37: A disciplina. Existe muito pouca disciplina por conveniência do nosso director. Já houve aqui uma altura em que a disciplina imperava e isto andava mais ou menos em ordem. Não me posso, pessoalmente, queixar porque também tento que as coisas não descambem nesse sentido. A disciplina acaba por ser... há aqui várias vertentes... primeiro, o facto de serem rebeldes, serem novos, dificilmente gostam de acatar ordens que lhes sejam dadas. A indisciplina acaba por ir por aí porque também depende de como se dá as ordens. Epa, às vezes, tem que se explicar porque é que tem que ser assim. E a indisciplina acaba por surgir por aí. Mas continuo a dizer que devia de haver por parte da direcção deste estabelecimento maior qualidade na questão da disciplina.

E: Considera que reconhece facilmente as suas emoções, ou seja, quando está a ficar mais chateado, por exemplo, consegue perceber isso?

G37: É assim... hoje em dia sou uma pessoa, por inerência da profissão que exerço, uma pessoa mais desconfiada, sou uma pessoa que me irrita com mais facilidade, sou uma pessoa... não tenho paciência, já não tenho paciência para aturar determinados folclores, isso para mim já não... irrita-me, aquilo irrita-me logo. O facto de exercermos esta profissão obriga-nos a ser mais desconfiados, mais atentos aquilo que a maior parte das pessoas não estão.

E: E sente que essa forma de estar também trespassa lá para fora, no trato com os outros, nas relações extra-trabalho?

G37: Sim. A minha própria família admite que eu... e eu nesse aspecto tenho que admitir que era capaz de ser um pouco mais meigo do que o que sou hoje. Quer dizer, não posso ver as coisas desta

forma. Era capaz de não me irritar com coisas que, para mim neste momento, são supérfluas, e que não fazem sentido as pessoas estarem-se a chatear, e estarem a fazer birrinhas por causa de coisas sem jeito nenhum. E as pessoas nesse sentido dizem que eu me tornei mais frio. E eu acho que talvez sim.

E: Considera que a sua remuneração está de acordo com a função que desempenha e que é suficiente para satisfazer as suas necessidades?

G37: Nunca estamos satisfeitos com o que ganhamos mas é assim, se eu fizer uma comparação em termos do trabalho que executo, tenho noção de que acho que não estamos assim tão bem remunerados. Se nós não fizermos horas e não sei quê, recebemos uma bagatela. Se alargar um pouco mais, e olhar para aquilo que me rodeia, se calhar em relação aquilo que os outros ganham, ganho mais que eles. Mas, de facto, para aquilo que uma pessoa faz, é obrigado a ouvir, para aquilo que uma pessoa sofre aqui, os Natais, passagens de ano, as Páscoas, os anos dos filhos... juntando tudo isso acho que não somos bem remunerados.

E: Tem oportunidade para realizar actividades de lazer, aquelas actividades que lhe dão prazer?

G37: É assim, eu deixei há muitos anos de fumar, e ao deixar de fumar engordei imenso, eu agora não estou magro, mas estava pior. Desleixo e tudo isso... mas houve uma altura em que pensei que tinha que parar porque qualquer dia não me dobrava. Comecei por fazer uns tratamentos e não sei quê e praticar um pouco de desporto. E nisso eu sou um pouco teimoso, eu se meter na cabeça que tenho que fazer uma coisa, pois que faço. Isso é certinho. Na altura consegui chegar a alguns objectivos depois já voltei outra vez ao mesmo, agora estou numa fase de paragem para regressar novamente aquilo a que me propus. A questão do desporto, faço com regularidade, não talvez tanto estes últimos dois meses por situações excepcionais mas faço. Tenho máquinas de ginásio, montei um pequeno ginásio em casa e quando tenho um bocado de tempo vou para lá. Acabo por ter motivação porque olho para aquilo *“opa investis-te dinheiro e agora não usas?”*

E: E para estar com a família? Sente que tem oportunidade e disponibilidade?

G37: Tenho. Uma das coisas que eu mais gosto é de estar com a minha família, e dói-me um pouco, por ter que estar aqui ao fim-de-semana. Normalmente as pessoas com trabalhos normais trabalham durante a semana e ao fim-de-semana estão em casa, e nós não. Uma das coisas que ainda hoje me custa é, por exemplo, estar ao domingo e ao sábado aqui e a família em casa. Dou-te exemplos, a minha família é muito chegada e é assim, quando eu estou em casa, ou almoço e janto em casa do meu cunhado, ou em minha casa, pronto... é assim que funciona. É para tu veres como é importante para mim a família, portanto, faz-me muita confusão isso. Gosto de estar com eles.

E: Considera que leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G37: A irritabilidade que eles me criam, levo-a para casa. Às vezes, quando eu sai-o daqui, a vontade que eu tenho, não é bem de me isolar, ou será? É mais ter um período de paz, paz espiritual. Para isso eu, nas minhas folgas, gosto de jardinagem. As plantas e não sei quê, é uma das coisas que gosto de fazer. Ou então fazer outro tipo de trabalho, mas que não me moam a cabeça, quero que me deixem andar sossegado, faz de conta que está a fazer uma limpeza aqui ao cérebro. Às vezes não acontece, e é nessa altura que eu me irrito, e coisas pequenas que a mim não me dizem nada, e que me irritam de uma maneira... Depois também tenho noção “*mas porque é que eu me estou a irritar se não têm culpa nenhuma?*”, mas depois já está, já não vai a tempo.

E: Recorreria a serviços de psicologia, caso existissem para guardas, no estabelecimento?

G37: Eu acho que deviam existir. Existem cadeias, sectores do estabelecimento que nos dão cabo da cabeça. A gente chega ao fim do dia e era necessário que às vezes nos deixassem ter algum acompanhamento. Não sei de que forma nos podiam ajudar, isso não sei, existem métodos para nos ajudar, agora como não sei. Mas que isso seria importante, seria. Porque isto depois acaba por... descontrolamos o sono, muitos de nós, refugiam-se em álcool em tabaco e não sei quê, e acho que se nos pudessem ajudar nesse sentido era benéfico.

E: Muito obrigado. Já acabou.

E: Sente que tem algum problema de saúde devido à sua profissão?

G38: Ando com psicotrópicos, por exemplo. Já tomo há seis anos.

E: Porque foi medicado?

G38: Oh stress, cansaço... cabeça cansada... vários factores.

E: E sente-se como energia quando acorda para vir trabalhar?

G38: Ah preguicite (risos). Agora com o frio sabe bem não levantar muito cedo.

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G38: Não, é só de dia, mas já fiz.

E: Como é que lidava com isso?

G38: Quer dizer, eram noites em branco. Descansar nada claro... e pronto chegar cansadíssimo a casa, queria era dormir. Alterava o sistema todo.

E: Acha que há uma adequada divisão de tarefas ou que há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G38: Quem tem mais responsabilidades que eu deve estar muito mais sobrecarregado. Agora quem se dedique mais ou não à função que está a exercer... quem se dedique mais é capaz de ter... modéstia à parte, eu dedico-me bastante e daí também o muito cansaço à noite. Há outros que se dedicam também muito mais...

E: Sente que há decisões um pouco vagas ou arbitrárias por parte dos seus superiores ou que há uma certa coerência na forma como se manifestam?

G38: Não existe coerência nenhuma, não no geral, atenção. Digamos que 50/50, e as coisas vão funcionando assim com o 50/50.

E: E sente que pode manifestar livremente a sua opinião?

G38: Vamos a ver... é assim... a opinião que eu possa formar hoje pode não ser a mesma amanhã, nem é a mesma que ontem. Porque é assim no dia-a-dia, cada um pensa o que pensa.

E: Mas por exemplo, se acha que algo não está correcto ou se tem alguma sugestão para fazer que funcionaria melhor em determinada situação, sente-se confortável para o dizer?

G38: Pode ser aceite ou pode não ser aceite mas sinto-me à vontade para opinar.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G38: Principal função... sei lá... é... lá está, depende da pessoa, da predisposição da pessoa... o fazer... são vários factores, não há um específico.

E: Então para si qual deveria ser a principal função?

G38: Por exemplo pôr isto direitinho e não andar aos “esses”... Acho que é uma boa sugestão.

E: Se pudesse melhorar um aspecto, o que melhoraria?

G38: O respeito dos reclusos.

E: Considera que reconhece facilmente as suas emoções? Por exemplo, quando está mais chateado consegue reconhecer isso logo ou explode e só depois faz essa análise?

G38: Sim, as emoções podem ser boas, más... uma emoção nunca é igual à de ontem, depende da circunstância na altura... do dia, se correu bem se correu mal... se uma situação correu mal pode alterar o sistema nervoso mas consigo sempre gerir.

E: Considera que aquilo que recebe é suficiente para satisfazer as suas necessidades e que é adequada às funções que desempenha?

G38: Não, não recebemos... Acho que não somos remunerados tão suficientemente... Além de sermos guardas, fazemos muito mais que isso... Temos que ser um pouco psicológicos também... psicólogos digo...

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G38: Depende. Um recluso pode estar de uma forma hoje e amanhã estar outro, podes estar óptimo hoje e amanhã estar uma peste. Já trabalhei em outros estabelecimentos e era mais fácil trabalhar porque são homens, aqui são garotos. Sabiam respeitar a farda, aqui acontece ao contrário. Aqui não respeitam ninguém.

E: E acha que este tempo de reclusão influencia de forma positiva o comportamento deles?

G38: Não, acho que até é de forma negativa, ficam piores.

E: E acredita que existe uma verdadeira reabilitação?

G38: Desconheço o exterior há saída da cadeia. Muitos regressam... agora se são integrados na sociedade depois de saírem, desconheço.

E: Sente que tem oportunidade para realizar outras actividades extra trabalho, actividades que lhe dão prazer?

G38: Muito poucas.

E: E para estar com a família?

G38: Não tenho família. Quer dizer tenho família mas vivo sozinho (risos). Mas aquilo que a gente gosta de fazer às vezes não chega o tempo.

E: Considera que leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G38: Tem dias... Tem dias que consigo separar, tem dias que não... São mais os dias em que não consigo separar porque entrego-me muito ao trabalho, então em conhecimentos, leitura e não sei quê... Se tenho uma dúvida vou consultar o diário da república, internet e não sei quê... procurar uma coisa que me tire a dúvida. Vivo isto quase 24h por dia.

E: Recorreria aos serviços de psicologia se existissem para guardas no estabelecimento?

G38: Acho necessário, muito necessário um psicólogo a acompanhar especificamente os guardas. Isso era essencial. Cada um vive o trabalho da maneira que vive, outros vivem “afogados” que chega a um ponto em que sufoca. Depois tem que sair alguma coisa cá para fora, pode explodir bom e pode explodir mau.

E: Obrigado.

E: Sente que tem algum problema de saúde devido à sua profissão?

G39: Problema de saúde não. Digamos que causa alterações, não é?

E: A que níveis é que sente isso?

G39: Quando estou cá muitos dias, noto o meu stress no pico máximo. Qualquer pessoa nota que fico mais... até as pálpebras dos olhos, ultimamente acontece isso, a piscar... houve aí uma altura em que andava assim.

E: Dorme bem?

G39: Até à data durmo bem. Quando andei nas noites era normal, é o descontrolo do ritmo.

E: Agora não faz turnos nocturnos... quando fazia como lidava com isso?

G39: Não dormir a noite completa, causa alterações. No dia a seguir mais cansado...

E: Sente-se com energia, quando acorda, para vir trabalhar?

G39: Depende de como é que a pergunta é formulada. Falta de motivação sim, falta de energia, depende das alturas. Quando se anda aqui nos dois, ou nas noites, ao fim de dois, três meses sem ter uma pausa de pelo menos duas semanas, eu noto, pessoalmente, já a chamada saturação, cansaço.

E: E sente que existe uma adequada divisão de tarefas, ou que há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G39: É assim, o meu curso é de gestão, que envolve uma área ligada à administração pública, e tive três formações específicas: área da gestão, área dos recursos humanos e a área do direito. Considerando a parte dos recursos humanos, isto é tudo menos isso. Embora seja um serviço em que não se podem aplicar muitas coisas, se calhar estamos num sítio onde as coisas são mais mal feitas. As pessoas julgam que por estarem... por exemplo a questão dos recursos humanos, a pessoa que está à frente que é chamado escalador, e eu até me dou bem com ele, só o critico se existem... nós temos seis ou sete postos, todos eles com carga de serviço diferentes. Enquanto uns são mais leves, outros são mais pesados e, quando uma pessoa fala em carga, não é o peso do trabalho em si, mas o stress com que se chega ao fim do dia. Enquanto que há sítios em que a gente chega ao fim do dia e está completamente exausto, há pavilhões em que os presos praticamente é que mandam, não é? Isso é outra questão, mas pronto. Lá chega-se ao fim do dia, completamente exausto. Se eu tiver lá dois dias seguidos, o stress é completamente diferente do que se fosse lá voltar só ao fim de seis serviços que é praticamente duas semanas. Isto não acontece porque infelizmente é um mundo, em que o senhor que

está nos recursos humanos acha que se dá melhor com este, não se dá com aquele... não devia ser assim, devia-se esquecer...

E: Então considera que existe falta de rotatividade?

G39: Não há, mas deveria haver, o que leva a que alguns sejam mais sobrecarregados. Por vezes fundamenta-se que uns são mais competentes que outros, pronto, eu pessoalmente, não acho que isso seja correcto. Depois violam-se alguns princípios, nós pertencemos à administração pública, nomeadamente, o princípio da igualdade entre os funcionários. Se há aí pedidos é uma coisa, uma pessoa que tem formação específica numa área entende-se que deva estar, seja nos rádios, seja motorista, se tem uma carta especial... aí entende-se, não é? Tudo o resto eu não entendo. Se há uma anomalia física ou psíquica está fundamentada, tudo o resto... deviam ser tratados como iguais.

E: Estamos a falar com um perito (risos)...

G39: Quer dizer, tenho formação mas, de qualquer maneira sou um crítico, e sempre o fui. Sou um crítico mas não é no sentido destrutivo. Isto é um sistema onde há uma carga muito grande, é capaz de ser das profissões onde a carga é maior, tenho colegas PSP, tenho colegas PJ... e isto é um stress tão grande. Eu estive a fazer agora o mestrado e a minha tese ia incidir um pouco nesta área, nomeadamente, na nossa formação, e dentro da nossa formação, o que é que nos poderia motivar. Nós não temos formação nenhuma, tiramos um curso de guardas, que é um curso muito genérico, e depois não temos técnicas nenhuma para lidar com os reclusos. Chegamos ao ridículo, em que eu fui tirar um curso de algemagem, em que eu não fazia a mínima ideia de como é que se algemava um recluso, quer dizer, isto é ridículo. É a mesma coisa que uma pessoa que vai conduzir e não sabe o que é um travão, um acelerador e faz aquilo por intuito. Ou seja, o meu trabalho iria incidir “Será que as técnicas de segurança influenciam a motivação no guarda prisional?”, depois acabei por não fazer, está em *stand-by*. De qualquer forma acho que falta muita formação para nos motivar. Esta é uma profissão que tem muito desgaste, mas acho que podia ser... podia-se desempenhar de melhor maneira. Uma pessoa quando se levanta de manhã, podia vir mais motivado do que o que vimos. Que, pessoalmente, não venho, e acho que ninguém vem, excepto aqueles que se dão bem com este e com aquele... mas mesmo assim, acho que as pessoas não se devem sentir bem com eles próprios, quem se vende ao diabo, como se costuma dizer...

E: Como é que acha que esta motivação poderia ser trabalhada?

G39: Mais formação, formação específica, nomeadamente, técnicas de defesa... depois aliado a dias para a prática de exercício físico, eu faço mas é à revelia do serviço... menos horas, muito menos horas, o horário é uma coisa louca... estar aqui 24h, é 24h aqui dentro, dentro desta pressão. Quando é ao fim de dois, três meses, já noto essa saturação de manhã ao levantar, e a influenciar nós próprios,

com os pais, com os filhos (quem os tem), quem está ao nosso lado. Nós não vamos notando, mas as pessoas que nos rodeiam... o nosso pico de saturação, eu começo a notar. Acho que podia ser muito aliviado se as nossas escalas, a nossa carga horária fosse diferente. Mas pronto, enquanto nós trabalharmos de graça para o estado isto não interessa.

E: Considera que pode manifestar livremente a sua opinião?

G39: É assim, eu manifesto mas claramente, o que eu diria um cidadão comum, não a manifesta. Eu sempre fui uma pessoa que pronto, se calhar é por isso que sou licenciado na minha área, e não estagiei nos serviços porque o meu processo se perdeu. Tive aqui grandes problemas enquanto estudava. Enquanto estudava fui retirado da escala, fui perseguido aqui, como funcionário, mas continuei a ter voz activa, e continuo a ter voz activa perante aquilo que eu acho mal. Manifestar a minha opinião posso, mas há sempre consequências. As consequências é estar três meses escalado à “Simples”, que é o sítio pior.

E: E considera que existem decisões um pouco arbitrárias ou vagas por parte dos seus superiores hierárquicos, ou que há uma certa coerência entre eles?

G39: O grande problema nestes serviços é que as pessoas que estão à frente não têm qualquer formação. Não existe qualquer tipo de formação, seja dos funcionários... Eu digo isto inclusive ao meu chefe. O meu chefe é uma pessoa que pode ser um exemplo concreto, como outro qualquer. As pessoas não têm formação, algumas deles têm a terceira e a segunda classe, tudo bem, mas isso poderia ser complementado com experiência. O grande problema é que quem vai a subchefe não são os melhores, quem vai a subchefe não é quem tem conhecimentos. Infelizmente, isto é a prática corrente. Agora começa a mudar, mas até aqui há uns anos, era o que acontecia. O que leva a que pessoas vão para cargos de chefia que, para além de não terem conhecimentos, nomeadamente académicos, não têm conhecimentos do próprio serviço. Ou seja, quando era profissionais que trabalhavam, eram maus profissionais. E, agora, são as pessoas que mandam. Então isto leva a quê? Leva a que as decisões que são tomadas, em baixo se reflectam. Que dizer, o próprio serviço em si tem uma carga de stress inerente, e depois com todo este tipo de atropelos gera-se um clima, em baixo, que só vivendo é que se nota. E depois gera-se um clima de injustiça que pronto, em todas as áreas as pessoas estão completamente desmotivadas, sem motivação. E, pronto, não se faz nada e isto é um ciclo, é aquele ciclo que eu acreditava que mudava até aqui há uns anos atrás mas agora não. Não porque... é uma frase um pouco forte mas os nossos serviços são considerados “*o esgoto da administração pública*”. Está tudo dito. Isto é uma frase um pouco forte mas é a que espelha. Porque eu recorde-me que quando estava em Caxias e quem ia para director de uma cadeia era quem não servia para mais nada. É verdade. Recorde-me de estar em Caxias, porque quando eu estive em Caxias levei lá um processo disciplinar que foi muito falado na altura, e o que eu fiz na altura voltava a fazer

hoje exactamente igual, mas porque alguém tinha que servir de exemplo, deram-me um processo disciplinar. O senhor que era director tinha estado num instituto qualquer ligado aos jogos, mas como era corrupto, na política não sabiam onde o haviam de meter, foi para director na cadeia. Hoje se calhar já não se espelha tanto, mas continua-se a espelhar. As pessoas que chegam ao topo... eu hoje sei, mas as pessoas não fazem a mínima ideia. Quando eu andava a estudar, diziam que eu não podia tirar dias para ir fazer os exames. A gente tinha as noites e eu não podia fazer noites. O curso era só em regime diurno e puseram-me de segunda a sexta, que era exactamente o inverso, eu não podia ir às aulas. É lógico que eu comecei a escrever, queixei-me à provedoria, queixei-me para a direcção geral, queixei-me para o serviço de auditoria e inspecção... e isto é que começou a mexer muito. Na altura na provedoria responderam-me que davam razão à instituição, mas depois eu disse que me ia queixar ao provedor europeu, recorrer da decisão, e então já ouve uma decisão. Porque era tudo tratado assim pela rama porque era guarda prisional.

E: Não teve represálias depois por não ter assumido uma postura passiva?

G39: Tive, tenho. Eu sou formado em gestão e administração pública. A questão na forma como eu encaro a vida. E a forma como eu encaro aqui como guarda, encaro-a lá forma como pessoa. Não crio guerras, mas também não viro as costas a guerras. E houve algumas pessoas que me enfrentaram aqui, inclusivamente o antigo director, e depois sobrou para eles. Os que estão encarregues dos cargos de chefia, tomavam muitas decisões que violavam alguns princípios constitucionais e outros. Eu estudei nessa área e quer dizer... quando foi na altura do meu estágio, poderia ter optado por fazer um estágio, ou um trabalho de fim de curso (o que eu acabei por fazer). Mas como o estágio era directamente nesta área, na área jurídica ou na área económica, eu senti-me no dever de avisar o director pelo menos, que tinha a possibilidade de dar o estágio. Eles dão aqui estágio aos alunos da ESEL mas na parte da reinserção social, que não é a minha. Fui falar com o director *“Olhe vou fazer um estágio, ou tenho direito a estágio ou então faço um trabalho de fim de curso, se os serviços tiverem interessados...”*, *“Ah sim senhor, sim senhor”*, *“Mas oh senhor director, olhe que o meu estágio tem que ser na área jurídica ou na área económica, e tenho que ter alguém que me acompanhe em termos de...”*, *“Ah mas arranja-se, arranja-se”*. Isto era em Abril, penso eu, depois falei com a coordenadora de estágio e disse-lhe logo *“Oh doutora eles disseram que sim, mas conte aí com um não, ou com um empecilho aí pelo meio”*, e ela ficou a olhar para mim *“Pois, é que isto funciona mesmo assim”*. Tinha que ser o politécnico a contactar, seguiu os trâmites normais. Andou tudo muito bem, eu até andava muito cansado, meti um mês de férias, a contar que, quando viesse, me apresentasse para fazer o estágio. Eu sabia que o estágio, já tinha tido colegas a fazer estágios que nem sequer tinham interesse nenhum para a administração pública, em que eles tinham tirado o curso, fazia o estágio e não tinham que fazer o serviço de guarda, faziam o serviço de estágio. Era considerado que tinha interesse para a administração pública, logo não tinham que fazer o serviço. Essa questão não foi abordada. Entretanto

o doutor lá em baixo do serviço jurídico, que também gostava muito de mim, teve que andar a responder aquelas coisas todas chamou-me e tal “*Então senhor N., como é que você vai fazer os dois serviços?*”, “*Quais dois serviços?*”, “*Como é que você vai fazer o serviço de guarda e depois o estágio?*”, “*Não estou a perceber a pergunta. É assim, eu falei com o senhor director que é a entidade máxima aqui, e ele não pôs essa questão, por isso não entendo como é que o senhor está a pôr essa questão*”, “*Ah... era só para dizer que eu vou ser seu coordenador*”. Ficámos à espera da resposta de Lisboa. Entretanto eu fui falar com o director e disse-lhe “*Olhe senhor director ainda não veio resposta nenhuma?*”, “*Não, ainda não veio resposta nenhuma*”, “*Então é assim, eu vou me apresentar segunda-feira (isto foi uma semana antes), começo a fazer o serviço de guarda e se entretanto vier, muito bem, senão vier eu começo a fazer o trabalho que tenho de pesquisa*”, “*Ah não, você começa já a fazer o estágio e tal, mesmo sem vir a resposta*”, e eu disse “*Não. Ou as coisas vêm por escrito, ou não vêm*”. A questão é que eles não conseguiram recusar o estágio, o curso tem interesse directo para a administração pública. Eles não conseguiram recusar, mas há outras formas de recusar. Entretanto eu comecei a fazer serviço de guarda e tal e ele passado um mês para aí, ligaram-me “*É o director e tal, ligaram-me agora de Lisboa a dizer que os seus papéis se perderam, será que você ainda está interessado em fazer o estágio?*”. Passado um mês e tal? Aquilo tem prazos, expliquei logo que ia começar a desenvolver o trabalho, não ia estar à espera que isto viesse resolvido e comecei a fazer, “*Ah pronto, é que mandaram perguntar e tal, você sabe que eu fiz todos os possíveis*”, “*Oh doutor nem eu ia pensar outra coisa*”. Isto só para espelhar... isto é só um bocadinho do que se tem passado. Agora é assim, eu acabei na mesma o meu curso com os prazos que estavam previstos se há aqui alguém que ficou mal, não fui eu. Agora se entendo se isto são represálias, são, agora quem não entende que não são, não são. Agora, é claro que elas existem. E neste mundo assim, onde as pessoas que estão encarregues são pessoas sem formação, a questão é que, se calhar, as pessoas têm medo de perder os cargos. Porque estão lá mas não têm formação, não tem formação nenhuma em direito administrativo, ou em contabilidade pública. É assim, os altos cargos da administração pública vão ter formação no curso que eu tive, isto afecta alguma coisa as pessoas. Um director ter alguém abaixo que sabe mais que ele, se calhar... se calhar ele até se devia sentir bem, se fosse eu que estivesse em cima, sentia-me bem, se tivesse num sítio em que me sentisse seguro. Agora se eu estou sentado e se me puseram ali a perna a baloiçar, se calhar sentia-me um bocado mal (analogia com a cadeira). Isto é o entendimento que eu dou, não é?

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G39: Qual é a função do estabelecimento prisional? O objectivo? Ah isso sou muito crítico. O estabelecimento prisional é o culminar da lei. Começa pelo recluso que comete o delito, chega ao juiz que diz “*vais preso*”, e acaba aqui. Aqui, é a sanção que está a ser aplicada. Na prática isto deve ter um efeito coercivo sobre o recluso. Isto é um sítio que não deve ser aprazível, é um sítio que não deve

ser bom, não ter *Playstations*, rádios a noite toda a tocar, televisão a noite toda, cursos que não têm utilidade nenhuma que não se sabe para que é que servem e por aí além. Os direitos dos reclusos deviam começar... eles deviam entrar e ter um conjunto de direitos muito reduzidos, os básicos, saúde, alimentação e pouco mais. E, à medida que eles fosse merecendo e mediante o tipo de pena que têm, eles deviam ir sendo alargados. Esta é a minha opinião. Ou seja, iam merecendo, ia sendo por etapas. Isto é exactamente o inverso, o indivíduo que se porta mais mal, vai para faxina na cozinha. A coisa mais ordinária que havia aí, está como faxina na cozinha. Pronto, é assim, quem sou eu para contrariar este tipo de teorias? A minha opinião é que isto está exactamente o inverso. Eles vêm para aqui e sentem-se no mundo deles, estão juntos com os gangs deles... não sentem o peso do que é uma prisão. Estão aqui indivíduos que são altamente perigosos e que são tratados como meninos. São indivíduos altamente violentos, *carjackings*, assaltos com alta violência, com violações pelo meio, com não sei o quê, e vem para aqui e são meninos. São tratados com todo este conjunto de direitos, o que para mim é uma aberração. Isto é uma prisão, é um sítio onde eles deviam estar sobre pressão, aqui não, quem está sobre pressão é o guarda prisional. É verdade, nós temos aí certos sítios que os colegas têm medo de lá fazer serviço. Isto é muito triste mas é a realidade. Aquele pavilhão da “Simples”, os colegas que estão lá, estão sobre pressão. Lá os colegas são uns paus mandados, nas mãos dos presos. Aqui o que eu digo aos colegas é que quem deve estar sobre pressão é o recluso. Mas isto é tudo um conjunto de efeitos, é o sistema que está todo desorganizado e uma parte de chefia que não se integra na equipa. Porque aqui há dois lados, o recluso e os guardas. Os guardas, depois, consubstanciam-se numa série de técnicos de apoio. Os guardas são os tentáculos de toda uma equipa. Como a cabeça não funciona bem, os tentáculos vão sofrendo, vão levando cortes. Estou aqui a personalizar o que é, mas isto é verdade, é o que acontece. Quando a parte da cabeça diz que não faz parte dos tentáculos “*nós somos superiores a vocês*”... é lógico que a função deles é supervisionar, eu sei bem o que é isso, é o meu curso, entendo e aceito. Eventualmente, quando procedo mal, respeito e que seja chamado à atenção. Tudo bem, faz parte. Agora não entendo é quando uma parte, nomeadamente, a chefia, anda a tentar tramar os guardas. Eu dou-lhe um exemplo, uma acção de vigia que aqui foi feita intitulava-se “Acção de Pedagogia”. Tudo bem, eu sou a favor de acções pedagógicas, vamos lá ver qual é a acção pedagógica. Então a acção pedagógica era soprar no balão, chamaram-me e eu perguntei “*É uma acção pedagógica, eu quero saber se é voluntário ou se não é voluntário*”, “*Ah tens que vir*”, “*Se tenho que ir, já não é voluntária*”. Tudo bem, cheguei aqui, soprei “*Olha tens que assinar aqui*”, eu disse “*sim senhor, mas agora quero uma cópia da folha que assinei*”. Não imagina o incómodo que foi para o meu chefe “*Ah mas para que é que você que isso?*”, “*Oh chefe é um direito que me assiste, assinei um papel, segundo a nossa constituição, tudo aquilo que eu assino, tenho direito... não estou a ver qual é o problema*”, “*Lá está você a complicar, isto é uma acção pedagógica*”. Não percebo que acção pedagógica é esta mas, de qualquer das maneiras respeito, quero é uma cópia do papel que assinei. Não entendo isto como acção pedagógica mas quero uma cópia “*Ah mas para que é que você*

*quer a cópia e tal?”*. Bom, chegou ao ridículo de me dizer se eu queria a cópia para limpar o rabo. Percebe? Isto demonstra o sistema, isto é o espelho do que se tem. O senhor *disse-me que eu que me estava aqui a armar porque tinha habilitações, eu disse que não “são os meus direitos, conheço-os, o senhor não conhece, tem que pedir informação a quem sabe. E digo-lhe outra coisa, o senhor não devia baixar o nível. Só lhe fica mal a si, não é a mim”*. Isto espelha um pouco aquilo que está. Mas o que é aqui, há noutros lados também. Já estive noutros lados e espelha exactamente o mesmo, inclusive director. Isto é falta de formação, alguns académica, e outros muito mais que isso. Isto não muda com o tempo, está completamente enraizado.

E: Acha que conhece facilmente as suas emoções, ou seja, quando está a começar a ficar irritado consegue perceber isso, por exemplo?

G29: Sim, sim, perfeitamente.

E: Considera que o seu ordenado é suficiente para satisfazer as suas necessidades e está de acordo com as funções que desempenha?

G29: Absolutamente que não. Aliás, é tão ridículo que nós fazemos horas que não são pagas. Eu sou das poucas pessoas que dei a informação aos meus colegas de que existe um meio jurídico para nós reivindicarmos as horas que fazemos e que não são pagas. Alguns fizeram, outros não fizeram. Porque eu tive uma cadeira que era “Contencioso da Administração Pública”, e quanto mais eu dava a cadeira, mais eu vi-a aquilo que me estavam a roubar, e vi-a que havia um modo jurídico para eu reivindicar. Não queria dizer que ganhasse, mas havia um modo jurídico para isso. Isto só espelha, um pouco, o que se passa na mente das pessoas. Ou seja, o que nós ganhamos não é injusto e, além de não ser justo, são obrigados a pagar e não somos pagos. Nós a fazermos a escala de 24h-48h, fazemos uma média efectiva de 220, foram as percentagens, não é? Porque as horas, a partir da sétima hora tem uma percentagem, e só nos pagam 30% sob o ordenado. Isto é completamente ilegal. O CRP, nomeadamente, o artigo 52, que eu decorei, a remuneração, tem que ser proporcional ao tipo de prestação que se faz, ou seja, se eu faço 220h, têm que se pagas 220, se são 250, têm que ser pagas 250. Não é duzentas e qualquer coisa... a percentagem não interessa. Temos a constituição que é a lei superior.

E: Que opinião tem acerca da generalidade dos reclusos?

G39: Aqui é um pouco a nata dos criminosos. Aqui são os criminosos que já cresceram como fruto da nossa sociedade e isso é claro. O tipo de indivíduo que vem para aqui, são poucos os que se endireitam. Estamos a falar de indivíduos que nunca tiveram nenhum apoio, que sempre tiveram em gangs. Vêm para aqui, vêm para a cadeia e sentem-se como peixe na água. É diferente de outras cadeias, onde indivíduos cometeram um delito social, mas eram pessoas com uma vida social estável

e, eventualmente, apanharam a mulher na cama com o vizinho e cometeram um delito, pronto, vão para a cadeia. Agora estes aqui, são indivíduos que são como peixe na água e que vão lá para fora e vão fazer exactamente o mesmo. Não há medidas de reinserção social.

E: Não acha então que este tempo de reclusão poderá ter um impacto positivo no comportamento deles?

G39: Não. Há excepções, mas muito baixas, se calhar 1%. A instituição não ajuda, não é? Embora que por muitos modelos, ou por muitas teorias que fossem aplicados aqui também acredito que o sucesso seria baixíssimo. Porque a matéria-prima também não... falando um pouco em termos genéricos, os reclusos em si não dariam para ser melhor. Eu dou-lhe um exemplo, os cursos de formação prisional, o curso de tanoeiro, para fazer pipas, o que é que isto tem interesse lá fora? Qual é a saída que isto tem? Na minha opinião é só para dizer que há um curso aqui. Tanoaria... eventualmente há alguém por detrás... pronto, há interesses. Isto é mesmo assim e não vale a pena estar a tapar os olhos.

E: Tem oportunidade para realizar actividades extra-trabalho, aquelas actividades que lhe dão prazer

G39: Tenho, nomeadamente fazer desporto. O que me equilibra é fazer desporto. O stress que apanho aqui... pronto... antes andava a estudar fazia com menos regularidade, neste momento faço muito mais desporto e o que nos leva a equilibrar, é ter outra vida para além desta. Não me refiro a vida familiar, mas outra vida. Eu andei a estudar, acabei há pouco tempo, pronto, fiz o curso de cinco anos, fiz quatro anos, depois comecei mestrado, falta-me só a tese... a esse nível estive sempre ocupado. Isso é que fez com que o meu desgaste aqui fosse muito menor. Em termos de cansaço tinha muito mais, mas depois estava integrado noutro mundo. Eu antes de começar a estudar, como pessoa tinha decaído até mais não. Estar neste mundo, as pessoas com que se convive, a pessoa fica estúpido, como se costuma dizer. E é verdade. E depois se não tiver outra actividade, sei lá, uns consomem álcool... quer dizer, eu costumo dizer que todos os guardas prisionais têm a sua pancada porque está-se num mundo que é tão agressivo, um mundo fechado, um mundo onde o stress é tão elevado... isto causa impacto nas pessoas, mas depois se as pessoas tiverem outro tipo de actividade, dá para diminuir digamos. As que não têm... a gente vê aí colegas com quarenta e poucos anos que a gente olha para a cara deles... tenho aí colegas que não sabia a idade deles, pensava que eles estavam quase a ir para a reforma e não, têm quarenta anos, eu fico assim...

E: E para a família? Tem oportunidade para estar com a família?

G39: A família em primeiro lugar. Eu costumo dizer que a família está em primeiro, em segundo, em terceiro lugar, em quarto, em quinto e depois é que vêm o serviço.

E: Considera que leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G39: Eu normalmente funciono tipo interruptor, quando sai-o desligo. Exceptuando quando o meu pico de stress anda tão lá em cima... bom, mas não levo, daqui não vai qualquer comentário para casa. Muito raramente o faço.

E: E a nível do humor?

G39: Exceptuando quando a gente está num pico lá em cima. A gente pode dizer que não, mas depende... refugio-me no desporto, noutras coisas para libertar um pouco o stress daqui.

E: Recorreria aos serviços de psicologia se existissem no estabelecimento direccionados para guardas, ou não acharia necessário?

G39: Eu nem diria necessário, diria mais essencial. É assim, você se calhar tem uma imagem diferente da que eu tenho, eu vivo neste momento, foi criado nisto, e exerço uma profissão que não gosto. Claro que faço o melhor que sei, considero-me a nível profissional dos melhores, tenho uma personalidade muito forte e muito vincada, agora aqui é muito difícil. Estou sempre, como se costuma dizer, “nos cornos do touro”. Penso que no contexto geral, os colegas exteriorizando um bocado, despindo um pouco daquilo que faço, acho que era completamente essencial. Embora as pessoas sejam capazes de dizer que não, porque quando se está na água se calhar... pronto não sei quais são as repostas que existem. Eu, na minha opinião é que seria essencial. Só quem está é que sabe os distúrbios que isto traz, que nos influenciam, até que chegam ao ponto em que eu noto que há pessoas que ficam completamente descontroladas, pessoas que até nem bebem álcool... andam aqui... eu vou tentando alternar com o desporto, tirei o meu curso e não sei quê... tenho um grande envolvimento exterior. Quem não tem e vive um pouco para isto é muito complicado mesmo. Altera completamente uma pessoa. Eu tenho muito poucos amigos aqui, tenho o académico, tenho outros mundos, o mundo do desporto... acho que isso é essencial. Aqui há dias tive a ler um livro que era engraçado, as pessoas quando vão para a reforma, sentem-se sem vida. Estão tão absorvidas pelo serviço que depois quando vai para a reforma, sentem-se inúteis e também aí há muito suicídio, muita coisa. E então um dos incentivos que falava o escritor era a pessoa ter outras coisas, a dança, o desporto, isto e aquilo para, quando fosse para a reforma, a pessoa se sentir ocupada. Acontece isto aqui um bocado com as pessoas daqui. Isto é um meio tão envolvente, o stress é tal elevado, quando uma pessoa não tem outro grupo de pessoas, outro refúgio, digamos assim, a carga é muito maior. É a minha opinião.

E: Muito obrigado.

E: Sente que tem algum problema de saúde devido à sua profissão?

G40: Não. Não, só acho que mudei um bocado a minha maneira de falar. Sou mais impulsivo. Quando dou por mim, já estou a gritar.

E: Sente-se com energia, quando acorda, para enfrentar a sua vida diária?

G40: Sim. Porque é assim, eu gosto do que faço. Tendem a ver os guardas como “carcereiros com chaves”, que estão aqui para abrir e fechar presos. Somos um bocado desvalorizados. E as pessoas continuam-nos a ver assim, esquecem-se que somos pessoas, que os reclusos são pessoas. Não estamos aqui só para abrir e fechar celas.

E: Não sei se faz turnos nocturnos...

G40: Faço, faço...

E: Como é que lida com os turnos?

G40: Lido bem, lido bem. Porque isto é assim, quando nós pomos na cabeça que é para fazer, tem que ser feito. Não há qualquer tipo de problema com isso.

E: Considera que existe uma adequada divisão de tarefas ou que há pessoas mais sobrecarregadas que outras?

G40: Não, porque isto é assim, a escala aqui é corrida. Ou seja, o que eu faço hoje, o meu colega amanhã virá fazer o mesmo que eu estou a fazer, e eu irei fazer aquilo que ele fez e assim sucessivamente. Acho que não há assim uma grande sobrecarga, não se pode dizer “*Opa aquele gajo trabalha mais do que eu trabalho mais do que ele*”. Agora, há diferentes maneiras de trabalhar. Isso é indiscutível. Cada um é como cada qual, é assim mesmo. Agora sobrecarga de trabalho, acho que não. Mas atenção, nem todos os dias são iguais. Eu, por exemplo, hoje estou aqui, não tenho nada para fazer praticamente mas tenho que cá estar forçosamente, não é? Alguém teria que cá estar mas há outros dias em que isto é uma confusão enorme. Aos fins-de-semana, nem tenho tempo para estar sentado, porque é o dia das visitas, não é? Por isso é que eu digo, dentro de um estabelecimento prisional, não há um único dia que seja igual aos outros. São todos diferentes.

E: Considera que há decisões um pouco vagas ou arbitrárias por parte dos seus superiores, ou que há uma certa coerência entre eles?

G40: Ora bem, isto é assim, a eles aplica-se o mesmo que se aplica a nós. Há várias formas de trabalhar, há várias formas de falar, há várias formas de demonstrar e etc., por aí fora. Até mesmo eles

não são iguais, não é? Como nós costumamos dizer, temos cinco dedos numa mão e nenhum deles é igual. Agora, muitas das vezes, isto é como tudo, há aqueles indivíduos que gostam de sobressair em relação aos outros, tentam ser os bons, os “garanhões”, e outras coisas mais, não é? Aqueles que gostam de andar na onda da crista. Muitas das vezes é só mesmo pela imagem, porque de resto não têm nada. Depois há aqueles mais simples que, no fundo, é com esses que eu gosto de trabalhar porque eu também sou uma pessoa simples. Porque é que eu gosto de trabalhar com essas pessoas? São aquelas pessoas que, quando nós temos algumas dúvidas (que não as temos porque isto é o nosso trabalho e nós sabemos o que temos que fazer), são aquelas pessoas que nunca põem problemas. Quando não sabem, embora seja um superior meu, vêm me perguntar o porquê e como é. São essas pessoas humildes com quem eu gosto de trabalhar porque eu também sou humilde. E sou humilde porque? Porque quando eu entro ao serviço às 7h45 não vou perguntar o que tenho que fazer, eu sei o que tenho que fazer, independentemente da tarefa que tenha. Seja chefe de pavilhão, seja auxiliar, seja reforço... seja isto, seja aquilo... não interessa, eu sei aquilo que tenho que fazer. Por isso, não adianta estar a perguntar, o que se faz, o que se deixa de fazer, e agora como é que eu tenho de fazer? Não, nada disso. Esses superiores simples são aquelas pessoas com quem se trabalha e chegamos ao fim do dia e parece que o dia... não se passou nada, não aconteceu nada, há excepção de quando os reclusos têm os seus próprios problemas. Nós estamos cá é para isso mesmo, não é? Agora, muitas das vezes, quando temos que aguentar com os problemas dos reclusos, e aguentar com os problemas dos superiores, isso é um dia... chegamos às 11h/12h já estamos fartos de cá estar.

E: Considera que eles comunicam entre eles?

G40: Não, talvez seja esse também o factor que se esteja a passar, entre eles também há guerras. Eu não sou ninguém para estar a falar dentro do corpo dos meus superiores mas eu noto... eu noto e vou explicar... Por exemplo na portaria, eu estou aqui a trabalhar desde Junho e devo ficar por aqui mais algum tempo. É assim, aquilo que eu vejo aqui na portaria ao fim-de-semana, é um subchefe que cá vem. Eles vêm cá uma vez, de dois em dois meses. Acontece que, quando eles cá vêm, têm que mudar sempre alguma coisa. Eles fazem reuniões mensais, uma, duas... não sei se mais, não interessa, mas sei que eles as fazem. Ou seja, não há uma fórmula que eles sigam: aqui é para trabalhar assim, ali é para trabalhar assado. Não, é tipo “*eu quero, posso e mando, e isto tem que funcionar como eu quero*”. Mas muitas vezes não pode ser assim, não é?

E: E sente que pode manifestar livremente a sua opinião?

G40: Eu sou um indivíduo que tem o seu próprio feitio, tanto profissionalmente, como posteriormente à profissão, o feitio é igual. Quando eu tenho que dizer alguma coisa, digo, não mando recados. Não estimo as pessoas mal, não as trato mal, não as ofendo, mas digo. Esta última parte de não ofender, já depende da maneira como o receptor vai receber a mensagem. É assim, ninguém gosta de ser chamado

à atenção, ninguém gosta que lhe digam na cara *“Opa não devias fazer isto, devias fazer aquilo”*. Aqui cada um se acha o melhor, e cada um é melhor do que o outro. Eu mostrar a minha opinião livremente... por exemplo, tive aqui um caso com o senhor director, que o ano passado tive uma nota “muito bom”, este ano ele baixou-me para “bom”, eu sei porquê. Ele inventou-me uma desculpa que não corresponde há realidade, ele sabe isso perfeitamente. Tentou inculcar faltas ao trabalho, eu não tenho nenhuma. No fim, pediu-me desculpa, pediu-me perdão, pediu-me tudo por tudo... até me perguntou se eu ia recorrer *“Não doutor, não vou recorrer”*, mas eu disse *“Eu sei porque é que o doutor me desceu a nota”*. Foi precisamente por isso, por eu manifestar a minha opinião. Fui contra aquilo que ele me disse, onde ele me disse, por outras palavras, que nós os guardas *“Tínhamos que ler e executar, não tínhamos que interpretar”*. Não gostei daquilo que ele disse, gerou-se uma mini-confusão. No fim até lhe disse *“Só falta o doutor dizer que não somos pagos para pensar”*. Muitas vezes os guardas não têm subchefes ao lado, então quem é que abre e quem é que fecha o recluso? Quem é que os põem na rua, quem é que lhes dá os banhos, quem é que os põe ao telefone, quem é que os põem a comer, quem é que lhes faz isso tudo? Se tivéssemos que estar à espera que um subchefe tivesse presente, os presos nunca teriam essas coisas, eram fechados à meia-noite, ou mais. Eu mostrei-lhe isso, ele ficou um bocado indignado comigo por que o confrontar. Quando lhe disse isso, ele começou-se a rir, não disse que sim, nem disse que não. Foi por causa disso, precisamente por que demonstrar a minha opinião livremente. Sei que talvez já tenha perdido algumas coisas à custa disso, mas uma coisa é certa, fico tão aliviado (risos). Quando vejo que as coisas estão mal, eu tento dizer que não deveria ser assim, e que teria que ser assim. Agora, claro, aqui não se aplica aquele ditado *“água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”*. Aqui não se aplica tanto isso, porque talvez as pessoas não queiram. Talvez esses tais superiores também não gostem, que os subordinados lhes digam a eles como é que as coisas têm que ser feitas. Mas, dentro dos possíveis, vai-se mudando alguma coisa.

E: Qual considera ser a principal função de um estabelecimento prisional?

G40: Isto é assim, a função principal de um estabelecimento prisional é reter os indivíduos que estão privados da liberdade. Essa é a função de um estabelecimento prisional. Só que isso é muito vago para a forma como deve funcionar um estabelecimento prisional no dia-a-dia. Muito, muito vago. Nós não temos animais cá dentro, temos seres humanos. Um ser humano, independentemente de estar privado da liberdade, tem os seus direitos. É certo que também tem os seus deveres. Não é à toa que nós, os guardas prisionais, temos direito a fazer greve mas depois temos um parêntesis que diz “assegurar os serviços mínimos”. Assegurar os serviços mínimos, é praticamente normal sem estando em greve, à excepção das saídas para o exterior, diligências... nós temos que assegurar a alimentação e temos que assegurar uma hora de recreio aos reclusos por dia.

E: O que melhoraria na instituição?

G40: Rápido, rápido... Se me perguntar assim coisa, a primeira coisa que eu digo e sempre eu digo, e hei-de continuar a dizer, foi a conversa pela qual nós começamos: os guardas prisionais não estão a ser perdidos nem achados para a liberdade do recluso. Isso é o primeiro ponto. Mas como já falámos nisso... teria que ser mudado e não está a ser feito no estabelecimento prisional... epa, não sei... são assim tantas coisas... mas posso-lhe dizer que na portaria, o serviço que eu estou a desempenhar era dar visitas de amigos aos reclusos mas teria que ter primeiro conhecimento de quem são esses amigos, está a perceber? Ou seja, não privar o recluso de ter visitas, o recluso ter visitas de familiares directos, os amigos sim senhora, mas não é o amigo que vimos pela primeira vez, e o recluso vai ter a visita dele. Não, está mal. O recluso teria que dizer primeiro, quem é o amigo que o vem visitar, e estamos a falar num espaço de uma semana, temos aí pessoas a trabalhar nesse sentido. Estas pessoas teriam que ver se esse indivíduo já teve algum problema a nível de estabelecimento prisional, ou não, se já esteve proibido de entrar durante algum tempo, se não teve, por aí fora. Isto quando se fala de estabelecimento prisional, a verdade seja dita (e que já transpareceu para a comunicação social), isto é uma escola. Eles vêm para cá a saber roubar um carro e saem daqui a saber roubar um stand. As coisas são mesmo assim, isto é uma autêntica escola. E, no fundo, é engraçado porque eles conhecem-se todos uns aos outros, o do Porto conhece o de Faro, o de Faro conhece o de Coimbra, o de Coimbra conhece o de Lisboa... começam para ali a fazer amizades e, passado um bocado, são todos amigos. Isso que eu estou a falar, estou a falar a nível local. Cortava com a visita aos amigos, não definitivamente, mas racionava. Agora a nível nacional era ter os reclusos divididos por crime, ou seja, os que roubam vão para aquele lado, os que violam vão para aquele, os que matam vão para outro e assim sucessivamente.

E: Sente que reconhece facilmente as suas emoções? Por exemplo, quando está a ficar mais irritado, consegue reconhecer antecipadamente isso?

G40: Consigo, consigo. Quando, por exemplo, estão a falar para mim, num género de gozo ou a tentar-me atacar, eu sinto-me atacado, não é? Eu automaticamente... é aí que eu tenho que dizer aquilo que penso. Umas vezes digo logo. Às vezes, quando eu digo logo, fico chateado comigo próprio porque digo, muitas vezes, não era aquilo que eu queria dizer.

E: E sente que o nível de tolerância tem vindo a diminuir?

G40: Não, até tem vindo a aumentar.

E: Considera que o seu ordenado é suficiente para satisfazer as suas necessidades diárias e está de acordo com as funções que desempenha?

G40: Ora bem, isto é assim, eu costumo dizer que só ganho aquilo que eu mereço e, mesmo assim, teria que se ponderar um bocadinho mais. Só ganho bem duas vezes por ano, que é em Junho e

Novembro (risos). É claro que isso é uma pergunta... se for perguntar aos nossos embaixadores que estão a ganhar 11 mil euros por mês, eles dizem que não, que são mal pagos, não é? Agora, é assim, dentro daquilo que nós ganhamos... epa, sinceramente, não lhe vou dizer se estou satisfeito, se não estou, porque eu faço a vida mediante aquilo que ganho e não posso fazer a vida, mediante aquilo que os outros ganham. Agora, para mim uma coisa caricata que existe, de má, cruel... tenho que lhe chamar os todos os nomes e mais alguns maus, porque é mesmo assim... não se admite um funcionário, por exemplo como o seu avô que já trabalhou aqui, ganhe o subsídio de risco, ou ganhava, reformou-se levou o subsídio de risco com ele. Nós, os guardas, não ganhamos subsídio de risco, e somos nós que lidamos com eles. Andamos no meio deles. Às vezes as pessoas lá fora... é engraçado... ainda há pouco tempo a minha avô que tem oitenta e seis anos, no domingo estive a almoçar com ela e ela disse “*Então mas ó filho diz-me uma coisa, tu andas no meio deles, andas?*”, “*Então ó avó onde é que eu hei-de andar?*”, “*Então mas eles não t fazem mal?*”, “*Oh avó não, mas fazem mal porquê?*”. Porque isto é assim, chega a um certo ponto em que se eles fazem mal ao guarda... lá fora se fazem mal ainda estão naquela perspectiva se vão ou não ser apanhados. Aqui não, se fazem mal é logo directamente e depois sofrem as suas consequências. E é outra coisa, você vai, por exemplo, a uma fábrica qualquer onde trabalham por turnos, o funcionário tem subsídio de turno. Nós aqui trabalhamos por turnos e não temos subsídio de turno. Não sei porquê, também não me pergunte. Agora, acho que isto é lamentável, um guarda prisional não ter subsídio de risco. Os civis têm, e nem sequer têm contacto com eles, agora, os guardas não têm subsídio de risco. E depois é outra coisa, os civis... atenção, eu não estou contra os civis, eu estou contra é os próprios guardas. Os civis vão para a reforma e levam o subsídio de risco e os guardas não têm nada.

E: Que opinião é que tem acerca da generalidade dos reclusos?

G40: É assim, para já não posso fazer ideias generalizadas porque nem todos são iguais. Como eu costumo dizer, às vezes tenho lá nos pavilhões uns sessenta e quatro reclusos, dos sessenta e quatro reclusos são sessenta e quatro problemas, dos sessenta e quatro problemas são sessenta e quatro perguntas diferentes que são capazes de me surgir por dia, isto no mínimo, uma pergunta por recluso, há aqueles que fazem três e quatro, mas também há aqueles que não fazem nenhuma. É assim, há de tudo. O que eu noto, e ainda bem que isso se nota, há uma pequena percentagem que talvez, dentro do estabelecimento, queira reportar o que são lá fora: violentos, líderes (que os temos aí, uns conseguem, outros não conseguem)... agora, e eu penso que isto é bom para a classe prisional, muitos dos reclusos encaram o estabelecimento prisional mesmo como uma cadeia, e então, muito do que eram lá fora, cá dentro quebram. Embora que haja outros que... às vezes de sessenta e quatro reclusos que eu tenho no refeitório com um ou dois daqueles rebeldes, estava desgraçado, não ia conseguir pôr mãos naquilo. Acho que eles cá dentro quebram um bocado.

E: Considera que este tempo de reclusão influencia de forma positiva o comportamento deles?

G40: Tem, enquanto estão excluídos da liberdade. É como um cãozinho que está preso a uma corrente, está preso coitadinho não sai dali, mas quando se apanha solto faz trinta por uma linha.

E: Então não acredita que há uma verdadeira reabilitação?

G40: Não acredito porque eles não são preparados para isso. Nós aqui tentamos dar cursos e essas coisas todas mas eles não têm proveito nenhum disso. Eu acho que era assim, um recluso... mais uma ideia que eu costumo dizer, eu falo em termos práticos de quem já conhece as prisões à uma data de anos. Eu, se me dessem seis meses, sete meses, um ano no máximo para ficar no lugar do juiz... Ora bem, isto é assim, todo o recluso tem direito aos dois terços da sua pena é-lhes apreciada a liberdade condicional, e aos cinco sextos é obrigatório por o recluso na rua que tenha uma pena superior, salvo erro, a cinco anos e um dia. Basta ser cinco anos e um dia, já tem direito, obrigatoriamente aos cinco sextos, à excepção de quando na sentença proferida pelo juiz ele diga, por exemplo, doze anos efectivos. Isso ninguém lhos tira de cima. Eu se fosse juiz, dizia assim... a meio da pena... estamos a falar de crimes e crimes, e de reclusos e reclusos... a meio da pena chamava-os todos à minha presença, vi-a o comportamento deles, vi-a os relatórios, se são bem comportados, se não são, o crime que está em causa, mais isto, mais aquilo... No fim, se visse que são aqueles reclusos normais, que estão cá dentro pelo furto, antecedentes criminais poucos ou nenhuns, bom comportamento minimamente... punha o recluso a meio da pena, todo em liberdade. E porquê? Porque se for por um recluso em liberdade a meio da pena, isso quer dizer que o que ele fizer durante aquele tempo que lhe falta cumprir, vai apanhar sobre o que ele vai fazer depois, e sobre aquele tempo que lhe falta cumprir. Está a perceber? Eu primeiro tentava fazer isso, mas antes disso chamava-os lá e perguntava-lhes “*O senhor está disposto a assumir a liberdade?*”, “*Ah sim, sim*”, é obvio que ninguém vai dizer que não. Eu deixava-os estar ali durante três semanas, um mês... que é aquela ansiedade. Então aí é que eu ia ver... eu o próprio juiz, falava com o subchefe de pavilhão daquele recluso... o subchefe que trabalhava lá transmitia aos outros guardas “*tenham atenção ao comportamento deste recluso, por favor ao fim do dia façam um relatório*”, está a perceber? Eu fazia isso. Porquê? Porque aí talvez o recluso se sentisse na obrigação de estar a pagar a sua liberdade. Eles sabem muito bem quando é que têm de começar a se portar bem e quando é que não têm “*a partir de agora, daqui para a frente, já vou começar a ser visto com outros olhos*”, eles sabem. Até ali passam despercebidos, têm que cumprir, mas quando chega aquela “*ei a partir de agora tenho que me comportar...*”.

E: Considera que tem oportunidade para realizar actividades de lazer, actividades extra-trabalho?

G40: Consigo, aliás eu sou presidente de um grupo de ciclo-turismo e BTT, vou-me metendo em alguns eventos. Gosto muito de andar de bicicleta.

E: E oportunidade para estar com a família?

G40: Sim, também. Isso para mim é o principal de tudo.

E: Leva os problemas relacionados com o trabalho para casa?

G40: Às vezes posso levá-los, mas não os transmito a ninguém. Nunca. Às vezes posso falar lá em casa, mas coisas engraçadas que se passaram, tudo o que dê para rir. Agora todas as outras coisas, não.

E: Há pouco disse-me que mudou a forma como fala, isso não acontece em casa também, por exemplo?

G40: Acontece, acontece. Eu, por exemplo, tenho um rapazito com nove anos, e até a minha filha com quinze, às vezes eu percebo que ao falar, grito, dou gritos, mas não reajo violentamente. É aquilo e acabou, não passo dali. Isso eu noto. Fiquei mais impulsivo, sinto mais, como se diz, os nervos à flor da pele.

E: E a última questão é se recorreria aos serviços de psicologia caso existisse para guardas no estabelecimento ou não acharia necessário?

G40: É assim, vamos lá a ver uma coisa, eu felizmente nunca recorri a esses serviços e não imagino o que é. Pelo que ouço dizer *“Ah fui ao psicólogo”*, *“E foste ao psicólogo fazer o quê?”*, *“Fui falar um bocadinho”*, é aquilo que eu vejo na televisão, sentam-se numa cama, falam sobre a sua vida... (risos). Sinceramente não sei até que ponto é que os serviços de psicologia são influenciáveis, não estou a falar para o corpo de guarda prisional, estou a falar para o ser humano. Eu, felizmente, nunca precisei deles. Pois não sei se a psicologia é aquela área que nos deixa falar, falar, falar... epa sinceramente não sei. A minha ignorância é a esse ponto (risos)

E: Muito obrigado.